

NATÁLIA ROCHA CARVALHO

ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR



**UM ESTUDO DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA E A HETEROGENEIDADE
DAS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS
DOS ANOS INICIAIS DE UMA ESCOLA
DO MUNICÍPIO DE ARCOVERDE-PE**

NATÁLIA ROCHA CARVALHO

ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR



**UM ESTUDO DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA E A HETEROGENEIDADE
DAS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS
DOS ANOS INICIAIS DE UMA ESCOLA
DO MUNICÍPIO DE ARCOVERDE-PE**

© 2023 – Editora Real Conhecer

editora.realconhecer.com.br

realconhecer@gmail.com

Autora

Natália Rocha Carvalho

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Real Conhecer

Revisão: A autora

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF
Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC
Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS
Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP
Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL
Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB
Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional
Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF
Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

	Carvalho, Natália Rocha
C331a	Alfabetização Escolar: Um estudo da prática pedagógica e a heterogeneidade das aprendizagens dos alunos dos anos iniciais de uma escola do Município de Arcoverde-PE / Natália Rocha Carvalho. – Formiga (MG): Editora Real Conhecer, 2023. 219 p. : il.
	Formato: PDF
	Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
	Modo de acesso: World Wide Web
	Inclui bibliografia
	ISBN 978-65-84525-82-5
	DOI: 10.5281/zenodo.10331147
	1. Educação. 2. Alfabetização Escolar. 3. Heterogeneidade de aprendizagens. I. Carvalho, Natália Rocha. II. Título.
	CDD: 372.41 CDU: 37

A obra, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de sua autora.

Downloads podem ser feitos com créditos a autora. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Real Conhecer
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
editora.realconhecer.com.br
realconhecer@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://editora.realconhecer.com.br/2023/12/alfabetizacao-escolar-um-estudo-da.html>



**ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA E A HETEROGENEIDADE DAS
APRENDIZAGENS DOS ALUNOS DOS ANOS INICIAIS DE
UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE ARCOVERDE-PE**

NATÁLIA ROCHA CARVALHO

PREFÁCIO

A jornada da alfabetização escolar é um marco crucial na vida de todo estudante. Nesse processo, as bases da leitura e escrita são lançadas, pavimentando o caminho para um mundo de conhecimento e autodescoberta. Contudo, o cenário da sala de aula é moldado pela diversidade de alunos, cada um trazendo consigo experiências, habilidades e desafios únicos. Como os educadores abordam essa heterogeneidade e guiam seus alunos em direção à proficiência linguística é uma questão central que merece exploração profunda.

O estudo que aqui se apresenta mergulha de forma atenciosa e minuciosa no âmago desse tema essencial. Em um contexto específico - uma escola localizada no município de Arcoverde, em Pernambuco - a prática pedagógica e as estratégias de alfabetização dos anos iniciais são investigadas com o intuito de lançar luz sobre como a heterogeneidade das aprendizagens dos alunos é abordada.

Nessa perspectiva, a escola se revela como um microcosmo de aprendizado, onde educadores e alunos se unem na jornada de descobrir e construir conhecimento. A pluralidade de turmas dos anos iniciais da escola se torna o palco onde as nuances da alfabetização ganham vida. Através das vozes dos educadores, das interações entre mestres e alunos, e das estratégias didáticas empregadas, um quadro completo emerge, representando as complexidades e as realizações do processo de alfabetização.

Mas a pesquisa vai além da sala de aula. Ela se estende à comunidade educativa como um todo, envolvendo a equipe gestora da escola. Essas figuras-chave compartilham suas perspectivas e percepções, trazendo uma compreensão mais abrangente das forças que impulsionam as abordagens pedagógicas e da maneira como a heterogeneidade das aprendizagens é considerada na elaboração dessas abordagens.

Os objetivos desse estudo são meticulosamente delineados, buscando desvendar as camadas que compõem a prática pedagógica de alfabetização. O exame das estratégias de ensino, das interações em sala de aula, da intencionalidade por trás dos planos de aula e do impacto da formação educacional oferece um panorama completo e detalhado.

Ao folhear as páginas que seguem, somos convidados a explorar as histórias, os desafios e os triunfos dos educadores e alunos que desempenham papéis vitais

nesse cenário. Que este estudo sirva como um farol, iluminando não apenas o processo de alfabetização escolar, mas também inspirando a melhoria contínua das práticas pedagógicas. Que cada leitor encontre aqui uma fonte de insights e reflexões que possam enriquecer a jornada educacional, tanto na sala de aula quanto além dela, em direção a um futuro de aprendizado inclusivo e dinâmico.

Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 ANTECEDENTES E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	13
CAPÍTULO 2 MARCO TEÓRICO	33
CAPÍTULO 3 MARCO METODOLÓGICO	69
CAPÍTULO 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	89
CAPÍTULO 5 CONCLUSÕES	133
REFERÊNCIAS	140
APÊNDICES	145
A Autora	219

INTRODUÇÃO

Muito tem sido abordado o tema diversidade humana no Brasil, observando os aspectos genéticos, socioculturais, étnico raciais, etários e geracionais, religiosos, filosóficos e ideológicos, cognitivos, de gênero e orientação afetivo-sexual. Percebemos que não é meramente um clichê afirmar que ninguém é igual a ninguém. Discorrendo sobre esta fala popular podemos acrescentar que nem sempre sentimos de maneira igual a outros os determinados estímulos do meio, e mesmo que um grupo, por mais comuns que sejam as experiências entre eles, sejam colocados diante de um problema nos deparamos com diferentes pontos de vista e diferentes proposições sobre a questão.

Sabendo que as diferenças são características do ambiente escolar, consideramos que o principal papel do professor alfabetizador é saber “(...) atuar com todos eles ao mesmo tempo, atendendo às diferentes demandas e auxiliando-os (...)” (LEAL, 2005, p. 91). Assim, nos propomos a investigar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens da leitura e da escrita existentes em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Arcoverde-PE, visto que muitas vezes encontram tensões com o modo de lidar com as diferentes formas de aprender, e as diferentes condições de aprendizagem.

Essa questão da heterogeneidade das turmas de alfabetização quanto aos conhecimentos básicos em Língua Portuguesa é contemplado na LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) em seu artigo 32, inciso I, que determina que a formação básica do cidadão seja o objetivo do ensino fundamental, mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo por meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. (BRASIL, 1996), Sistemas e etapas de ensino em suas diversas roupagens (Ciclo Básico, Ciclos de Aprendizagem, Ciclos de Formação, Regime de Progressão Continuada, Ciclo Inicial de Alfabetização entre tantas intervenções estratégicas do Ministério da Educação do Brasil, Secretarias e Redes Estaduais e Municipais), tinham objetivos bem definidos, conforme afirmaram Mainardes e Stremel (2012).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) em seu artigo 32, inciso I, determina que a formação básica do cidadão seja o objetivo do ensino fundamental, mediante o desenvolvimento da capacidade de

aprender, tendo por meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. (BRASIL, 1996).

Pontuamos que o ciclo foi uma iniciativa voltada para a quebra de paradigmas em relação a concepção homogeneizadora que predominava no sistema em séries, pois neste, era intrínseco que todos aprendiam do mesmo modo, no mesmo tempo, e, logo, ensinava-se para todos da mesma forma. O que se pretendia no regime de ciclos era incluir todos os alunos e impedir a retenção daqueles tidos como alunos com dificuldades de aprendizagem (nas séries iniciais do EF: 1^a, 2^a e 3^a), pois em um aspecto mais excludente eram considerados incapazes de progredir de série com os demais alunos da turma.

O processo de alfabetização é complexo e requer a continuidade do aprendizado para que sejam respeitados os diferentes tempos de desenvolvimento das crianças de seis a oito anos de idade, consolidando a alfabetização no final do ciclo como lhes é de direito.

Garantir o direito ao aluno de ser alfabetizado até o terceiro ano do EF configura o princípio de inclusão, reconhece-se a necessidade de criação de estratégias escolares que possam garantir as aprendizagens ao longo de toda a Educação Básica. Ao longo do texto defendemos que o espaço escolar é um ambiente de múltiplas culturas e diversidades, essa heterogeneidade faz parte de sua essência e não podemos ignorá-la.

Justificamos a relevância da presente pesquisa, diante da necessidade de uma investigação que tenha como objetivo verificar o tratamento dado a heterogeneidade das aprendizagens, quais são as tensões encontradas, quais as atitudes profissionais em relação à superação destas tensões que fragilizam o ensino e ocasionam o insucesso dos estudantes causando o fracasso escolar, neste contexto marcado pelo fato de haverem estudantes nas turmas de 3^o, 4^o e 5^o ano do ensino fundamental I que não consolidaram as habilidades relativas à alfabetização.

Esse fato vem gerando muita preocupação no meio científico e educacional, uma vez que essas crianças participam de um ciclo de alfabetização composto por docentes que atualmente passam por formações continuadas e em serviço, que aplicam Programas voltados à alfabetização e letramento, que contam com monitoramento e apoio das equipes gestoras e pedagógicas da rede de ensino, e que mesmo com metas e ações definidas para este público não progridem no desenvolvimento das habilidades e competências relativas ao objeto de estudo.

Esta pesquisa pretende contribuir para uma melhor investigação das estratégias de ensino, antes do término deste ciclo de alfabetização a fim de identificar as tensões encontradas na busca pela aprendizagem esperada para esta etapa, bem como compreender se as diferentes formas de aprender pautadas pelas diversas identidades que formam uma turma heterogênea são consideradas pelos docentes.

Portanto compreender como os professores percebem esta heterogeneidade e articulam os seus saberes docentes, junto aos recursos, propostas e orientações curriculares pode possibilitar respostas a este fenômeno intrinsecamente relacionado ao fracasso escolar.

Tais reflexões podem contribuir para que os professores ressignifiquem suas práticas e se adequem à heterogeneidade da turma - especificamente no que diz respeito ao ensino da leitura e da escrita. Desse modo, foi importante verificarmos quais atividades os professores propuseram; quais recursos utilizaram; de que forma interagiram e mediaram as situações de aprendizagem, no sentido de desenvolverem as habilidades dos estudantes na leitura e escrita; se valorizavam os conhecimentos particulares dos alunos; se garantiram boas relações entre professor; se promoveram atividades diversificadas; se diversificaram a organização dos alunos em sala; entre outras estratégias didáticas.

De forma mais específica buscamos: a. Investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para o ensino aprendizagem da leitura e da escrita alfabética; b. Identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes; c. Verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem e d. Averiguar se os docentes consideram-se teoricamente preparados para a prática de metodologias que proporcionem a aprendizagem significativa dos estudantes considerando o nível de aprendizado que se encontram e as suas potencialidades.

A dissertação encontra-se em cinco capítulos. No primeiro capítulo discorreremos sobre o contexto histórico e normativo da Educação voltado à alfabetização. Políticas públicas e programas foram apresentados em uma linha do tempo em uma visão voltada à legislação e aos marcos históricos que caracterizam o processo de democratização do ensino, destacando as reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem e seus impactos para a educação, relatando exemplos de pesquisas encontradas no levantamento bibliográfico para entendermos como a

heterogeneidade vem sendo tratada na área de Educação. No segundo capítulo consideramos as questões relacionadas à aprendizagem das crianças do Ensino Fundamental I em leitura e escrita com foco nas relações entre heterogeneidade e as principais concepções de alfabetização presentes no cenário educacional brasileiro na atualidade e das práticas de professores alfabetizadores. No terceiro capítulo apresentamos e justificamos o percurso metodológico pretendido e o que foi possível realizarmos na pesquisa. No quarto capítulo, expomos como realizamos as análises e discutimos sobre os dados produzidos e finalizamos com o quinto capítulo – o das conclusões a que chegamos, com base nas evidências das práticas analisadas



CAPÍTULO 1

ANTECEDENTES E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

1.1 – Antecedentes Nacionais

A escola, especificamente o ambiente da sala de aula, se constitui como um espaço dinâmico e diversificado. Esse cenário se torna recorrente, entre a maioria dos professores, as tensões sobre como atender às necessidades dos alunos, principalmente das suas singularidades, dificuldades de aprendizagem, diferenças e múltiplos saberes. O respeito à diversidade na sala de aula pode ser concretizado quando se percebe os alunos como sujeitos distintos em relação a vários aspectos como: biológico-físicos; sociais, econômicos, políticos; cognitivos; culturais; religiosos. Nesse sentido, concordamos com Moreira (2011, p. 7), quando ela afirma que “as diferenças fazem parte da riqueza humana e que elas existem numa relação que não é sempre pacífica, amistosa, pois as desigualdades existem e não há como ignorá-las”. Considerar o diálogo com as diferenças na escola e na sala de aula é uma oportunidade de celebrar o direito de cada grupo e de cada indivíduo ser e viver de forma diferente.

Gadotti (2000, p. 41) lança o seguinte questionamento: “que tipo de educação necessitam os homens e as mulheres dos próximos 20 anos, para viver este mundo tão diverso?” Podemos refletir e sugerir que realmente, necessitam de uma educação para a diversidade, composta de ética, de ampliação das referências histórico culturais e de uma formação pautada em conhecimento de direitos e deveres, ou seja, uma formação cidadã. Certamente precisamos de uma escola que eduque para a pluralidade cultural, que perceba a classe de alunos como heterogênea e valorize este fenômeno de forma inteligente, a ponto de explorar essa diversidade para a aprendizagem do grande grupo, inclusive para o crescimento profissional da equipe escolar visto os ritmos diferentes para aprender dos estudantes, bem como suas características pessoais objetivas e subjetivas os tornam parte ímpar do processo de ensino aprendizagem o que caracteriza a pluralidade no espaço escolar.

De acordo com (BRASIL,2012, p.07) historicamente, “a universalização do acesso à escola foi instituída com base na padronização das formas de ensinar e no

desrespeito às diferenças individuais dos alunos e de seus percursos e experiências de vida”.

A relação entre o ensino tradicional e os chamados Sistemas Nacionais de Ensino, que foram implantados em meados do século XIX, e apresentavam a proposta de consolidação desta teoria crítica, denominada Escola Nova como instrumento de hegemonia da classe dominante para as redes de educação burguesas devido aos métodos sofisticados do escolanovismo, com escolas melhores equipadas, número de reduzido de alunos, duração da jornada escolar maior; uma nova proposta mais agradável e significativa, capaz de despertar o interesse dos alunos, de motivá-los a assumir ativamente a carreira acadêmica.

Sobre as teorias críticas, ressaltando a escola nova SAVIANI (1999) sintetiza a intencionalidade da classe dominante em relação ao entusiasmo da “Escola para todos”:

Essas teorias contribuíram apenas para aprofundar a distância entre os conteúdos oferecidos e absorvidos pelas escolas das elites e as escolas das camadas populares. Escola Nova como desempenhando a função de recompor os mecanismos de hegemonia da classe dominante. Com efeito, se na fase do "entusiasmo pela educação" o lema era "Escola para todos", essa era a bandeira de luta, agora a Escola Nova vem transferir a preocupação dos objetivos e dos conteúdos para os métodos e da quantidade para a qualidade. [...] Em verdade, o significado político, basicamente, é o seguinte: é que quando a burguesia acenava com a escola para todos (é por isso que era instrumento de hegemonia), ela estava num período capaz de expressar os seus interesses abarcando também os interesses das demais classes. Nesse sentido advogar escola para todos correspondia ao interesse da burguesia, porque era importante uma ordem democrática consolidada e correspondia também ao interesse do operariado, do proletariado, porque para ele era importante participar do processo político, participar das decisões. (SAVIANI, 1999, p.62-63)

A Educação enquanto Escola para todos e para a formação do homem livre, democrático, cidadão e autônomo, compreenderia de forma desejável um processo educativo que possibilitaria a transformação da desigualdade à igualdade. Porém historicamente o entendimento e configuração das condições gerais de implementação desses processos não iniciou, muito menos transcorreu pautada na equidade ou no mínimo na atenção às diferenças e desigualdades em nenhuma de suas formas que envolviam o público alvo “todos”. Como seria possível uma escola por suposição considerar o seu público alvo como pessoas com condições iguais visto

que se ao iniciar o processo educacional bem como traçar a sua continuidade dependerá não tão somente de fatores pessoais e cognitivos, mas essa continuidade e vivência eram determinadas principalmente por fatores socioeconômicos?

Saviani (1999) traz a seguinte reflexão sobre a perspectiva da desigualdade no ponto de partida e a exigência da igualdade no ponto de chegada, em relação ao processo de escolarização:

Agir como se as condições de igualdade estivessem instauradas desde o início não significa, então, assumir uma atitude de fato pseudo-democrática? Não resulta, em suma, num engodo? Acrescente-se, ainda, que essa maneira de encarar o problema educacional acaba por desnaturar o próprio sentido do projeto pedagógico. Isto porque se as condições de igualdade estão dadas desde o início, então já não se põe a questão de sua realização no ponto de chegada. Com isto o processo educativo fica sem sentido. Veja-se o paradoxo em que desemboca a Escola Nova; a contradição interna que atravessa de ponta a ponta a sua proposta pedagógica: de tanto endeusar o processo, de tanto valorizá-lo em si e por si, acabou por transformá-lo em algo místico, uma entidade metafísica, uma abstração esvaziada de conteúdo e sentido. (SAVIANI, 1999, p.62-63)

A intencionalidade deste processo correspondia a uma das facetas da burguesia para alcançar a dominação articulada. O sujeito escolarizado tinha a sua participação cidadã na sociedade restrita ao procurar alcançar os padrões exigidos para conseguir essa escolarização.

Portanto, considerar o processo educativo como democrático só é possível ao considerar que a democracia é uma conquista; não como um dado. A título de reflexão, a diferença da Educação para todos que se fez numa perspectiva antidemocrática para uma Educação acessível a todos de forma qualitativa estaria implícita em se distinguir a democracia como possibilidade no ponto de partida e a democracia como realidade no ponto de chegada.

Para Saviani (1999) a negação dessas condições como uma possibilidade no ponto de partida, inviabiliza o trabalho pedagógico. A escola e a educação tornam-se instrumentos de alienação desse modelo de sociedade quando não se admite que a desigualdade real é uma igualdade possível, não só pela educação em si, mas pela mediação da educação não em termos isolados mas associada com as demais esferas que configuram a prática social global.

Caracterizada por tais privilégios da educação burguesa, em contrapartida à educação para as classes menos favorecidas se encontrava em detrimento com uma

escola de ensino elementar. Libâneo (2012, p.16) relaciona este episódio com a dualidade da escola pública brasileira atual, caracterizada como uma escola de conhecimento para os ricos e como uma escola de acolhimento social para os pobres.

A Constituição Federal de 1988, no seu art. 205, afirma que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, e visa ao pleno desenvolvimento pessoal, ao preparo para o exercício da cidadania e à qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) em seu artigo 32, inciso I, determina que a formação básica do cidadão seja o objetivo do ensino fundamental, mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo por meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. (BRASIL, 1996).

O Plano Nacional de Educação (PNE) que fez parte da nova redação dada pela Emenda Constitucional nº 59/2009 no art. 214 da Constituição de 1988 detalha os objetivos traçados entre os quais estão: (I) a erradicação do analfabetismo, (II) a universalização do atendimento escolar e (III) a melhoria da qualidade do ensino. Sendo necessário assim tornou-se obrigatória a oferta da educação infantil para as crianças de 4 e 5 anos. (BRASIL, 2009)

O PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), foi instituído pela portaria nº 867 de 4 de julho de 2012 e foi idealizado pelo governo municipal de Sobral em 2004, no estado do Ceará, como propósito de eliminar o analfabetismo valorizando a formação do professor alfabetizador, passando assim a ser implementado na esfera federal.

Dispondo 120 horas anuais em um curso presencial, que tem como proposta de trabalho estudo e atividades pedagógicas mediadas por professores formadores que também são beneficiados com formações presenciais para fortalecer o seu papel de multiplicadores de conhecimento e boas práticas voltadas à garantia dos direitos de aprendizagem dos estudantes definidos pelo programa e reconhecido por todos os envolvidos para o trabalho com estratégias diversificadas e eficazes.

Anualmente são compartilhados em seminários estaduais as práticas exitosas e projetos dos professores cursistas que produzem e aplicam nas escolas onde atuam.

O PNAIC conta com materiais destinados aos docentes e aos discentes como: cadernos de alfabetização que consistem em obras pedagógicas complementares, caixas de livros paradidáticos destinados ao Ensino infantil e ao ciclo de alfabetização

(1º ao 3º ano E. F.), dicionários de língua portuguesa distribuídos pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), jogos pedagógicos, e outras obras de apoio pedagógico que são distribuídos nas turmas de alfabetização que fazem parte do programa.

Programas como o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), aderidos pelos governos federal, estaduais e municipais, orientam que todas as crianças estejam alfabetizadas ao final do 3º ano do Ensino Fundamental.

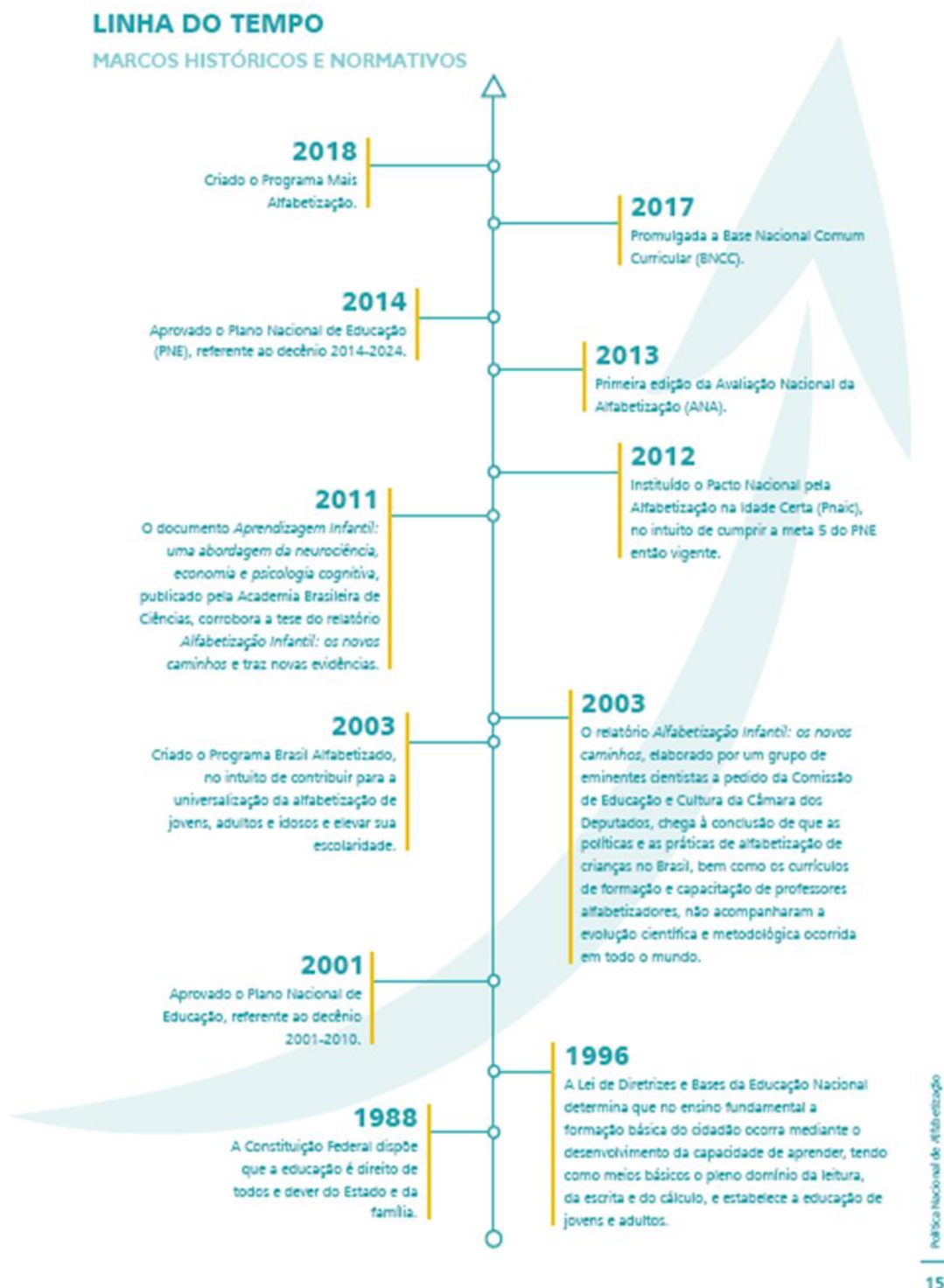
O Plano Nacional de Educação (PNE) estipula em sua meta 5, que a cultura de repetência não torne as crianças de seis anos reféns prematuros e que não seja indevidamente interrompida a continuidade dos processos educativos levando em conta fatores prejudiciais como a baixa autoestima do aluno e, majoritariamente, para assegurar a todas as crianças uma educação de qualidade, recomenda-se que os sistemas de ensino adotem nas suas redes de escolas a organização em ciclo dos três primeiros anos do Ensino Fundamental, abrangendo crianças de seis, sete e oito anos de idade e instituindo um bloco destinado à alfabetização, NOVA ESCOLA (2018).

As diretrizes do Plano Nacional de Educação orientam para a “superação das desigualdades educacionais” e para a “promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental”. Assim, requer que a instituição escolar seja deliberadamente aberta à pluralidade e à diversidade, e que a experiência escolar seja acessível, eficaz e agradável para todos, sem exceção, independentemente de aparência, etnia, religião, sexo ou quaisquer outros atributos, garantindo que todos possam aprender com equidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi homologada em 2017, um normativo para os currículos das escolas públicas e privadas que propõe conteúdos mínimos para cada etapa da escolarização (BRASIL, 2017). Segundo a BNCC, a expectativa é que a criança seja alfabetizada no 1º e 2º ano do ensino fundamental, processo que será continuado por outro, a partir do 3º ano, chamado “ortografização”.

A seguir, podemos observar a Linha do Tempo dos Marcos históricos e Normativos apresentada no Plano nacional de Alfabetização- PNA (BRASIL, 2019) que permite uma visão mais ampla da legislação e dos marcos históricos.

Figura 1 Linha do tempo- Marcos históricos e normativos



Fonte: BRASIL, 2019. p.15

Em 2018 o Ministério da Educação publica a Portaria nº 142, de 22 de fevereiro de 2018 institui o Programa Mais Alfabetização, que visa fortalecer e apoiar as unidades escolares no processo de alfabetização dos estudantes regularmente

matriculados no 1º ano e no 2º ano do ensino fundamental. Considerando o inciso I do art. 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, “determina o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo”.

Nos termos do art. 227 da Constituição “a responsabilidade pela alfabetização das crianças deve ser acolhida por docentes, gestores, secretarias de educação e instituições formadoras como um imperativo ético indispensável à construção de uma educação efetivamente democrática e socialmente justa”. Ainda de acordo com este artigo o estudante, para ser considerado alfabetizado, deve compreender o funcionamento do sistema alfabético de escrita; construir autonomia de leitura e se apropriar de estratégias de compreensão e de produção de textos; o estudante, para ser considerado alfabetizado em matemática, deve aprender a raciocinar, representar, comunicar, argumentar, resolver problemas em diferentes contextos, utilizando conceitos, procedimentos e fatos matematicamente;

Os resultados da Avaliação Nacional da Alfabetização - ANA, do Sistema de Avaliação da Educação - SAEB, criada com o intuito de avaliar o nível de alfabetização dos estudantes ao fim do 3º ano do ensino fundamental, apontam para uma quantidade significativa de crianças nos níveis insuficientes de alfabetização considerando leitura, escrita e matemática, 89% dos participantes do SAEB/ANA 2016 possuíam, em março de 2016, 8 anos de idade ou mais sendo a avaliação aplicada em novembro o 3º ano do ensino fundamental ainda apresenta taxas elevadas de reprovação, sendo a média brasileira, em 2017, de 12,2%;

Considerando que os estudantes aprendem em ritmos e tempos singulares e necessitam de acompanhamento diferenciado para superarem os desafios do processo de alfabetização, garantindo a equidade na aprendizagem, a implementação do PM ALFA, segundo as diretrizes do Programa (BRASIL, 2019) tem o objetivo de fortalecer e apoiar as unidades escolares no processo de alfabetização, para fins de leitura, escrita e matemática, dos estudantes no 1º ano e no 2º ano do ensino fundamental.

O Programa garante apoio adicional, prioritariamente no turno regular, do assistente de alfabetização ao professor alfabetizador, por um período de cinco horas semanais para unidades escolares não vulneráveis, ou de dez horas semanais para as unidades escolares vulneráveis. Sendo consideradas unidades escolares vulneráveis aquelas em que mais de 50% dos estudantes participantes do SAEB/ANA

tenham obtido resultados em níveis insuficientes nas três áreas da referida avaliação (leitura, escrita e matemática) e que apresentarem Índice de Nível Socioeconômico muito baixo, baixo, médio baixo e médio, segundo a classificação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP.

O Programa Mais Alfabetização, bem como o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC, integram a Política Nacional de Alfabetização.

A Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc, também conhecida como Prova Brasil) e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) sofreram alterações no corrente ano de 2019 em sua nona edição. Deixarão de existir com essa nomenclatura e todas as avaliações externas serão identificadas como Saeb, a indicação das etapas de ensino e as áreas do conhecimento avaliadas também estão sujeitas a alterações. As aplicações acontecem para turmas de creche, pré-escola, 2º ano, 5º ano, 9º ano e 3ª série do Ensino Médio. O 3º ano do Fundamental, que participava da ANA, deixa de ser avaliado. Essa mudança acontece por causa da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que defende o fim do ciclo de alfabetização no 2º ano e não mais no 3º ano.

As frequências e os anos de aplicação também passam por mudanças, todas as avaliações da Educação Básica serão aplicadas em anos ímpares, e nos anos pares haverá a divulgação dos resultados. A ANA ocorria com frequência anual, enquanto a Prova Brasil era bienal. Os questionários e plataformas do Saeb estão sendo aprimorados e as matrizes de avaliação estão sendo revisadas. A última revisão ocorreu em 2001. O objetivo desta revisão é reformular o material para possibilitar aos gestores e equipes técnicas das secretarias de Educação compreender o resultado do desempenho dos alunos no contexto real e social onde ele ocorre.

Os estudantes do 2º ano, junto aos matriculados do 5º e 9º anos do ensino fundamental e os do 3º ano do ensino médio de escolas ligadas às redes estaduais e municipais de todas as regiões de Pernambuco também são submetidos à prova do Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco (Saepe). Esta prova é de extrema importância para que o Estado realize um diagnóstico do ensino que oferta. As Políticas públicas educacionais são organizadas a partir destes resultados, portanto há uma grande mobilização para que todos os estudantes que se encontram nestas turmas participem.

O Saepe foi criado em 2000 e passou a ter ocorrer anualmente, a partir de 2008, isto por conta da adesão de todos os municípios de Pernambuco ao Sistema. Em 18 anos de existência, foram criadas diversas políticas públicas educacionais com base no recurso, como formação de professores, apoio pedagógico, gestão escolar e gestão da educação.

A BNCC e os currículos são documentos articulados e de um intenso regime de colaboração entre todos os atores educacionais, nas mais diversas esferas da federação, estes se identificam na comunhão de princípios e valores considerando o contexto e as características das instituições e dos alunos.

Essas decisões referem-se a ações pedagógicas, no qual são relevantes para o trabalho com a heterogeneidade da aprendizagem:

Selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc.; conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens; construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos. (BNCC, 2017 p.85)

O Currículo de Pernambuco, passa a orientar a partir de 2019 o trabalho pedagógico da Educação Infantil e Ensino Fundamental nas escolas em todo o Estado. Mais de oito mil professores e membros da sociedade civil contribuíram para a produção do documento, esta parceria aconteceu entre a Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco (SEE) e a União dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME).

Sua elaboração ocorreu à luz dos seguintes documentos ancoradores: Constituição Federal (1988); Conferência Nacional de Educação (CONAE-2014) que no eixo IV, trata da qualidade da educação e da democratização do acesso, permanência, avaliação e condições de participação na aprendizagem; Plano Nacional de Educação Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014 (PNE- 2014) e a BNCC (2017). O Currículo de Pernambuco está organizado em quatro volumes: Educação Infantil, Ensino Fundamental – Linguagens, Ensino Fundamental – Matemática e Ciências da Natureza e Ensino Fundamental – Ciências Humanas e Ensino Religioso.

O texto de apresentação do Currículo de Pernambuco dialoga com os professores em relação aos princípios norteadores que estão fundamentados na promoção da equidade e excelência das aprendizagens, na valorização das diferenças, do respeito à dignidade da pessoa humana, na perspectiva de uma escola plural, inclusiva, comprometida com a formação integral e cidadã dos indivíduos.

Estes princípios serão desenvolvidos através das dez competências gerais da BNCC, estas se aplicarão segundo as orientações da mesma de forma transdisciplinar em todo o fazer pedagógico, deverão ir além das salas de aula e ainda segundo a BNCC (2017, p.98) “passar a fazer parte da formação e aprimoração dos agentes envolvidos com a Educação, com o objetivo de estender as comunidades a transformação educativa interdimensional da sociedade”.

Os seguintes temas são tratados na definição das competências: Conhecimento, Pensamento científico, crítico e criativo, Repertório cultural, Comunicação, Cultura digital, Trabalho e projeto de vida, Argumentação, Autoconhecimento e autocuidado, Empatia e cooperação, Responsabilidade e cidadania.

Cada componente curricular lista dez competências específicas, a aquisição das mesmas pelos estudantes se dará através do trabalho docente, nas vivências das aulas com os objetos de conhecimento e as habilidades do currículo.

1.2 Antecedentes Internacionais

A alfabetização é um direito humano e as bases para a aprendizagem ao longo da vida. Através do seu efeito transformador, a alfabetização ajuda a erradicar a pobreza, a alcançar a equidade social e assegurar o desenvolvimento sustentável, a paz e a democracia.

A participação social e política, ocorre fisicamente e virtualmente para a ampliação e evolução do conhecimento das sociedades. A aquisição de competências básicas de alfabetização e o avanço de tais competências ao longo da vida é crucial. A UNESCO propõe apoio aos avanços globais de alfabetização, desde a sua fundação em 1946, UNESCO (2020).

A política da UNESCO, é a de apoiar a promoção da alfabetização e ambientes literatos, como parte integrante da aprendizagem ao longo da vida, e para manter a alfabetização no topo da agenda nacional e

internacional. Através dos seus programas de alfabetização em todo o mundo, o trabalho de defesa e base de conhecimento, a Organização trabalha com países e parceiros para realizar a visão de um mundo literato para todos. UNESCO (2020)

A abordagem geral da UNESCO para a alfabetização para todos, abrange:

construir bases sólidas através de cuidados na primeira infância e educação; infância e educação; proporcionar educação básica de qualidade para todas as crianças, realizar programas de alfabetização scaling-up para jovens e adultos que não possuem competências básicas de alfabetização e desenvolvimento de ambientes literatos. UNESCO(2020)

Com a ajuda dos projetos apoiados pelos EUA, a UNESCO encontra-se a criar um repositório de recursos educativos abertos à alfabetização e incentivar os países a construir sobre práticas eficazes para acelerar programas de alfabetização.

A alfabetização na área do conhecimento das Ciências da Educação apresenta ampla gama de estudos e evidências sobre como as pessoas aprendem a ler e a escrever como é possível ensiná-los de modo mais eficaz. Nos Estados Unidos o primeiro grande relatório científico sobre o tema foi produzido por Jeanne Chall, professora da universidade de Harvard que publicou em 1967 o livro: Learning to Read: The Great Debate. Segundo Chall(1967) apud BRASIL (2019, p.16), as abordagens mais eficazes para o ensino da leitura e da escrita envolvem o método fônico, o ensino sistemático e explícito das relações entre grafemas e fonemas, de acordo com a autora é o mais recomendado para uma melhor eficiência na aquisição das habilidades em leitura e escrita.

De acordo com SNOW; BURNS,1998 apud BRASIL (2019, p.16) outros importantes relatórios chegaram a conclusões semelhantes ao Preventing Reading Difficulties in Young Children, de 1998. Numa perspectiva mais qualitativa do que quantitativa identificou os elementos essenciais para ensinar a ler a escrever com qualidade e o que os professores devem saber para fazê-lo com êxito.

Em 2000, foi divulgado o relatório do National Reading Panel, onde através de análise quantitativa foram identificados cinco Pilares para um alfabetização de qualidade a consciência fonêmica e a instrução fônica sistemática e a influência de leitura o vocabulário e a compreensão de textos ponto esses Pilares passaram a sustentar os bons programas de alfabetização e a ser recomendados em diversos países NATIONAL READING PANEL (2000) apud BRASIL (2019, p.16).

Os estudos citados em relatórios trazem evidências em relação às habilidades fundamentais para alfabetização desenvolvidas desde a pré-escola, como conhecimento do nome, dos sons e das formas das letras e a aquisição da consciência fonológica e fonêmica. Estes recursos norteiam a criação e implementação de Programas e Políticas Públicas com relevância internacional e nacional.

1.3- Estudos Nacionais e Internacionais da Temática

A maioria dos países que melhoraram a alfabetização nas últimas décadas fundamentaram suas políticas públicas nas evidências mais atuais das ciências cognitivas para compreender sobre como as pessoas aprendem a ler e escrever e como é possível ensiná-los de modo mais eficaz.

CHALL (1967) apud BRASIL, (2019, P.16) professora da universidade de Harvard que publicou nos Estados Unidos o livro *Learning To Read*, que faz parte da bibliografia utilizada na construção da Política Nacional de Alfabetização (PNA), corrobora com os estudos e abordagens do Relatório Final Alfabetização Infantil: Os Novos Caminhos da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, reeditado em 2007, que foi publicado pela primeira vez em 2003 no Brasil, trazendo o método fônico como metodologia indicada para alfabetização com eficácia justificada conforme os estudos realizados por tais pesquisadores.

Segundo BRASIL (2003,2007) apud BRASIL (2019, p.16)

Um grupo de trabalho composto de eminente cientistas especialistas e pesquisadores apresentou conclusões importantes sendo a principal delas a de que as políticas e as práticas de alfabetização no país incluindo formação de professores alfabetizadores não acompanharam o progresso científico e metodológico que nas últimas décadas do século 20 ocorreu no campo do ensino da aprendizagem da leitura e escrita.

Em 2004 o comitê cearense para a eliminação do analfabetismo escolar da Assembleia legislativa do Estado do Ceará elaborou um estudo com trabalhos do comitê qual a finalidade de esclarecer a problemática do analfabetismo escolar os trabalhos do comitê deram origem ao relatório final da Educação de qualidade começando pelo começo que apontou como componentes essenciais para alfabetização os mesmos identificados pelo National Read Panel (2000) o relatório foi

o ponto de partida para o programa alfabetização na idade certa (PAIC) do Estado do Ceará. AGUIAR (et al., 2006) apud BRASIL (2019, p.17).

De acordo com BRASIL (2019, p.17) a Academia Brasileira de Ciências publicou o documento Aprendizagem Infantil: Uma Abordagem da Neurociência, Economia e Psicologia Cognitiva. Na parte III intitulada Métodos de Alfabetização faz-se referência a países que modificaram suas políticas públicas para alfabetização com base nas evidências científicas mais recentes como Inglaterra, Austrália, Israel e Finlândia. Países como estes e como a França, por exemplo, que reformularam as práticas de alfabetização incorporando recomendações de instrução única, obtiveram um progresso significativo na aprendizagem da leitura e da escrita.

Em 2014, como objetivo de reiterar a necessidade de estabelecer e implantar, de forma interfederativa (União, Estados, Distrito Federal e Municípios) a pactuação em relação ao Plano Nacional de Educação (PNE referente ao decênio 2012-2024) apresentando as diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos(as) alunos(as) para cada ano do Ensino Fundamental e Médio, considerando a diversidade regional, estadual e local tem reconhecido a necessidade de transformar a realidade cognitiva dos alfabetizandos, na condição de leitores fluentes e proficientes, pensando numa perspectiva inclusiva, democrática e promotora de letramento para o exercício da cidadania dos brasileiros. Na meta cinco está prevista a ação de alfabetizar todas as crianças até o fim do 3º ano do ensino fundamental. A meta sete do PNE trata da importância de uma base nacional comum curricular para o Brasil, com o foco na aprendizagem como estratégia para fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades. (BRASIL, 2014).

É notória a atenção mundial a importância da alfabetização para uma efetiva educação, porém apesar dos dados e das evidências trazidos pelos relatórios e documentos citados, porém as Políticas Públicas para Alfabetização no Brasil em âmbito nacional continuam, segundo a Política Nacional de Alfabetização, BRASIL (2019, p. 17) a ignorar tais evidências, isto se dá uma vez que no país há Programas norteados por diferentes métodos e concepções da alfabetização, ficando assim o foco na alfabetização como prioridade no Ensino Infantil e Fundamental nos anos iniciais, mas o método ou a abordagem não fica definido, fazendo com que não haja uma Unidade no trabalho de Alfabetização no Brasil. A PNA propõe que se assuma

o estudo e as contribuições das evidências científicas mais recentes e para “adotar nacionalmente um conceito claro e objetivo de alfabetização” BRASIL (2019, p. 17).

1.4 – Pesquisa- Dissertações e Teses

Mainardes (2007,UEPG) afirma que: a heterogeneidade que caracteriza a sala de aula é um conceito abrangente. Envolve diversidades de habilidades cognitivas dos alunos, de estilos e ritmos de aprendizagem, de fatores socioeconômicos e familiares, influências culturais e étnicas, influências de gênero, da valorização da aprendizagem pelo aluno e pela sua família, a confiança em si e desejo de aprender, entre os grupos.

Os estudos de Oliveira (2010, UFPE) e Cruz (2012,UFPE) em suas respectivas teses “Progressão das atividades de língua portuguesa e o tratamento dado à heterogeneidade das aprendizagens: um estudo da prática docente no contexto dos ciclos” e ‘Tecendo a alfabetização no chão da escola seriada e ciclada: a fabricação das práticas de alfabetização e a aprendizagem da escrita e da leitura pelas crianças” investigam diretamente a forma que os professores tratam a heterogeneidade das aprendizagens.

Oliveira (2010) relata que através do acompanhamento de nove turmas do ciclo de alfabetização durante seis meses, constatou ser o trabalho que leva em consideração a heterogeneidade da aprendizagem das crianças, um aspecto ainda tímido nas práticas de alfabetização por ela investigadas. Através de sua pesquisa a autora revela a escassez da presença de atividades diversificadas, considerando irrisório o investimento nesse tipo de prática nas salas de aula. Além disso, afirma também não ser uma preocupação das professoras investigadas por ela, a estimulação da contribuição dos alunos mais avançados aos colegas em dificuldades.

Na pesquisa desenvolvida por Cruz (2012) foram analisadas as práticas de alfabetização e letramento em escolas organizadas em ciclo e em séries nos três primeiros anos do Ensino Fundamental. Os dados dessa pesquisa assinalam que as professoras pesquisadas buscavam criar táticas para lidar com a heterogeneidade e atender à diversidade das turmas. Uma dessas táticas tinha como objetivo o avanço dos que possuíam mais dificuldades, agrupando as crianças de acordo com os níveis de aprendizagem. Os dados apresentados na referida pesquisa corroboram com os encontrados por Oliveira (2010), pois evidenciam novamente a ausência de um ensino

ajustado às diferentes demandas dos aprendizes. A autora em questão também aponta através da análise de seus dados, para a necessidade de discutirmos com mais ênfase as formas de atendimento e os modos de agrupamento no processo de alfabetização.

Silva (2014, UFPE) em sua dissertação “O tratamento da heterogeneidade de conhecimentos dos alunos sobre a leitura e a escrita: saberes e práticas de professoras alfabetizadoras” sinaliza um avanço nas maneiras de lidar com o fenômeno da heterogeneidade, no que diz respeito aos dados por ela analisados, afirmando que a prática docente têm buscado alternativas para atender e não marginalizar os alunos que não conseguem acompanhar o ritmo da maioria do grupo-classe.

Silva (2014) ainda ressalta que as constatações da sua pesquisa demonstraram dados diferentes do que haviam demonstrado os estudos de Oliveira (2010) e Cruz (2012) em suas respectivas teses “Progressão das atividades de língua portuguesa e o tratamento dado à heterogeneidade das aprendizagens: um estudo da prática docente no contexto dos ciclos” e “Tecendo a alfabetização no chão da escola seriada e ciclada: a fabricação das práticas de alfabetização e a aprendizagem da escrita e da leitura pelas crianças”. Sendo a sua pesquisa mais recente percebe-se que a busca de estratégias por parte do docente vem sendo positiva.

No que se refere a pesquisas recentes Álvares, Pessoa e Barbosa (2016) no artigo “O tratamento da heterogeneidade e as estratégias de agrupamento no terceiro ano do ciclo de alfabetização” discutem as estratégias de tratamento da heterogeneidade e as formas de agrupamento utilizadas por uma professora do 3º ano do ciclo de alfabetização.

As autoras pontuam que a existência da heterogeneidade não é um aspecto exclusivo do processo de alfabetização, mas algo intrínseco a todas as etapas da escolarização. Entender um grupo/classe como homogêneo é uma visão acastelada pelos sistemas de ensino seriados, que pressupõe uma lógica excludente, porque trata como iguais e homogêneos sujeitos que possuem percursos e trajetórias educacionais completamente diferentes [...].

Silva (2016, UFPE) seguindo a linha de pesquisa de suas orientadoras, as professoras Telma Leal, Ana Cláudia Pessoa e Ester Rosa, utilizando como base os seguintes procedimentos metodológicos: selecionaram duas professoras que desde 2013 participavam da pesquisa “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:

formação de professores e impactos na prática docente”, ao qual a pesquisa denominada “A Heterogeneidade De Conhecimentos Sobre O Sistema De Escrita Alfabética: estudo da prática docente” está vinculada. A investigação busca compreender as práticas de duas professoras alfabetizadoras, uma do 2º e outra do 3º anos do Ensino Fundamental e o tratamento dado por elas à heterogeneidade das turmas, no que diz respeito aos conhecimentos dos alunos sobre o Sistema de Escrita Alfabética (doravante SEA).

Silva (2016) em sua dissertação constatou que os dados evidenciaram que as professoras também diversificaram os recursos utilizados nas aulas, porém não tinham clareza sobre os objetivos didáticos. Por meio dos dados analisados foi possível identificar diferentes modos de lidar com a heterogeneidade em sala de aula, com ações de diversificação das atividades, dos modos de organização dos alunos e da produção e seleção de recursos didáticos variados. No entanto, nem sempre as estratégias adotadas favoreciam a apropriação de conhecimentos pelos alunos não alfabéticos, evidenciando dificuldades dos docentes para atender às diferentes necessidades em sala de aula.

Santana (2019, UFPE) em sua tese de mestrado denominada ENTREMEIOS: a heterogeneidade e o ensino do Sistema de Escrita Alfabética e de produção de textos escritos corrobora com Leal, Sá e Silva (2016) em seu artigo: Heterogeneidade, educação e linguagem em contextos do campo e da cidade publicado em livro pela UFPE. Nas palavras de Santana: A heterogeneidade é constitutiva do processo pedagógico e, portanto, estará sempre presente, mas as turmas são constituídas por identidades sociais (homogeneidades), que precisam ser respeitadas, valorizadas e reconhecidas. Por outro lado, é preciso reconhecer que, em decorrência das trajetórias sociais e individuais, sempre haverá heterogeneidade quanto aos níveis de conhecimento, que precisam ser tratados na escola, possibilitando que, ao mesmo tempo, os diferentes saberes sejam valorizados, mas que conteúdos fundamentais sejam garantidos a todos, em condições favoráveis de aprendizagem.

Nesta perspectiva, Santana (2019) destaca ainda que nesse sentido, faz-se necessário e fundamental, conhecer os diferentes níveis de conhecimento dos estudantes e ter em mente que esta heterogeneidade de níveis de conhecimento é ideológica e marcada pelos demais tipos de heterogeneidades, como as culturais, etnicorraciais, composição familiares, diversidade de gênero, física, faixa etária, tipos

de conhecimento, dentre outras. São heterogeneidades que se entrecruzam e tornam cada contexto escolar e de sala de aula com características únicas.

1.5 – Formulação do Problema

Superar as desigualdades e promover o respeito à diversidade são ações indispensáveis para uma sociedade justa e produtiva. A construção da cidadania depende do olhar voltado às Políticas Públicas Nacionais que atendam às necessidades das pessoas de uma forma geral e para as Políticas Públicas Educacionais com foco na qualidade da educação, garantindo que a equidade ocorra no atendimento e nos processos educativos.

As decisões curriculares e didático-pedagógicas das Secretarias de Educação dependem exclusivamente destas Políticas Públicas e estas por sua vez tem como base as avaliações que realizam dos processos de ensino e aprendizagem. Neste contexto, o trabalho com a leitura e o sistema de escrita alfabética, é avaliado, monitorado, analisado e passa por reformulações que atingem desde as próprias políticas públicas como também a formação de gestores, professores e estudantes.

Porém é na escola como espaço de práticas de ensino eficazes que se encontra o saber científico que deve fornecer e promover nessa relação, a validação das teorias na prática. Diante das situações apresentadas é preciso entender como os professores buscam efetivar o ensino aprendizagem.

Este trabalho de pesquisa tem como problema investigar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens da leitura e da escrita em turmas do ensino fundamental dos anos iniciais de uma escola municipal de Arcoverde-PE visto que muitas vezes encontram tensões com o modo de lidar com as diferentes formas de aprender, e as diferentes condições de aprendizagem.

1.6 – Pergunta da Investigação

1.6.1 – Pergunta Norteadora

Quais estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens da leitura e da escrita têm sido vivenciadas pelos professores em uma escola em Arcoverde, com seus estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

1.6.2 – Perguntas Específicas

Quais as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para a evolução da aprendizagem da leitura e da escrita?

Quais as tensões que os professores enfrentam em relação ao processo de ensino aprendizagem diante da heterogeneidade da aprendizagem dos estudantes?

Ao planejar as ações educativas os professores consideram os diferentes perfis de estudantes realizando adaptação curricular adequada ao nível e ritmo dos estudantes com intenção de obter avanços na aprendizagem?

Os docentes consideram-se teoricamente preparados para a prática de metodologias que proporcionem a aprendizagem significativa dos estudantes considerando o nível de aprendizado que se encontram e as suas potencialidades?

1.7 – Objetivos

1.7.1 – Geral

Analisar quais estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens da leitura e da escrita têm sido vivenciadas pelos professores em uma escola em Arcoverde, com seus estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

1.7.2 – Específicos

- Investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para o ensino aprendizagem da leitura e da escrita alfabética.
- Identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes.
- Verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem.
- Averiguar se os docentes consideram-se teoricamente preparados para a prática de metodologias que proporcionem a aprendizagem dos estudantes considerando o nível de aprendizado que se encontram e as suas potencialidades.

1.8 – Justificativa

Acredita-se que na escola, espaço de práticas de ensino ainda encontra-se com arraigadas posturas profissionais que desconsideram a interdimensionalidade do ser humano, pautando o ensino em uma busca pela homogeneidade cognitiva, embora muito se tenha evoluído em formação profissional e continuada das equipes gestoras e docentes.

Percebe-se a necessidade que os estudantes têm em relação a serem ensinados com estímulos e estratégias adequadas ao seu perfil, bem como se observa a dificuldade por parte dos professores em optar por práticas que atendam estas necessidades causando assim o insucesso dos estudantes e conseqüentemente o fracasso escolar. Para o aluno aprender é necessário que o professor ensine da forma que ele aprenda, pois o ensino deve resultar na aprendizagem, é redundante, porém lógico. Este pensamento nos remete a intencionalidade das ações pedagógicas.

O interesse por esse estudo surgiu em observar como é comum o fato de haverem estudantes nas turmas de 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental I que não consolidaram as habilidades relativas ao Sistema de Escrita Alfabética pertinentes ao ciclo de alfabetização, e devido a esta tensão forma-se uma barreira onde o processo de ortografização esperado para essa fase se torna impossível, caso não haja intervenções pedagógicas, pelo fato de que os estudantes que não alcançaram as habilidades mínimas pertinentes ao ciclo de alfabetização que subsidiaram a continuidade do processo, precisam consolidar tais habilidades básicas para desenvolver outras competências que dele serão exigidas.

Esse fato vem gerando muita preocupação no meio científico e educacional, uma vez que essas crianças participam de um ciclo de alfabetização composto por docentes que atualmente passam por formações continuadas e em serviço, que aplicam Programas voltados à alfabetização e letramento, que contam com monitoramento e apoio das equipes gestoras e pedagógicas da rede de ensino, e que mesmo com metas e ações definidas para este público não progredem no desenvolvimento das habilidades e competências relativas ao objeto de estudo.

Esta pesquisa pretende contribuir para uma melhor investigação das estratégias de ensino, antes do término deste ciclo de alfabetização a fim de identificar as tensões encontradas na busca pela aprendizagem esperada para esta etapa, bem

como compreender se as diferentes formas de aprender pautadas pelas diversas identidades que formam uma turma heterogênea são consideradas pelos docentes.

Portanto compreender como os professores percebem esta heterogeneidade e articulam os seus saberes docentes, junto aos recursos, propostas e orientações curriculares pode possibilitar respostas a este

CAPÍTULO 2

MARCO TEÓRICO

2.1 Alfabetização e Progressão Escolar

Por volta de 1890, no início do período republicano no Brasil, começa a ser implantado o modelo seriado no sistema escolar como forma de organização das escolas. A criança chegava à escola aos sete anos de idade, e era matriculada na 1ª série, cumpria com as atividades e estudos propostos pelo professor durante o ano letivo e estava apta a passar para a série seguinte, se tivesse adquirido um grau de aprendizagem satisfatório para o nível daquela série. Esse grau era expresso por meio de um valor numérico, a nota, e esta era verificada nas provas (do tipo escrita ou oral, na maioria dos casos) as quais o aluno era submetido. O percurso escolar era interrompido se o aluno não obtivesse a quantidade de pontos necessários para seguir para a próxima série, teria que cursar a mesma série outra vez, ou mais vezes, a fim de atingir o conhecimento esperado segundo as metas de cada ano letivo. A repetição de séries não considerava o que os alunos tinham aprendido.

O propósito dos testes consistia em avaliar o nível de desenvolvimento das crianças, essencial para a aquisição das capacidades de leitura e escrita, e organizá-las em grupos homogêneos para a estruturação das turmas. Qualquer insucesso era interpretado como um indício da inaptidão dessas crianças para adquirir habilidades de leitura e escrita.

Na busca por soluções ao desempenho insatisfatório no processo de alfabetização, surgiu na década de 1980 o Ciclo Básico de Alfabetização (CBA), como uma alternativa para reduzir a taxa de retenção ao final do primeiro ano do ensino fundamental. Essa abordagem estendia a duração da fase de alfabetização para dois anos, garantindo a continuidade do processo (MAINARDES, 2009). De acordo com Mainardes (2009), a evolução da política de ciclos no Brasil pode ser dividida em três períodos: o primeiro, de 1918/1921 a 1984, caracterizado pela crítica à retenção escolar e debates em torno da progressão automática; o segundo, de 1984 a 1990, marcado pelo surgimento do ciclo básico de alfabetização; e o terceiro período, a partir dos anos 1990, onde algumas redes municipais expandiram o sistema de ciclos para abranger todo o Ensino Fundamental.

2.1.1 A Organização Escolar em Ciclos. Solução Para a Continuidade do Percorso Escolar?

Muitas unidades escolares ainda organizam o seu funcionamento em séries, com a única diferença de nomenclatura, hoje o agrupamento de alunos é chamado de ano. Dessa forma, não existe mais a 1ª série, 2ª série, mas, sim, o 1º ano, 2º ano... Essa alteração está relacionada ao novo formato do Ensino Fundamental 1, que, agora, compreende nove anos, regulamentada pela Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006.

Os ciclos de alfabetização foram criados pelo Ministério da Educação (MEC) entre 2004 e 2006, tendo em vista a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos em todo o país, em decorrência da Lei 11.274, de 06/02/2006. Além de ampliar em um ano o período da escolarização obrigatória, o novo Ensino Fundamental passou a receber, no seu primeiro ano, crianças de seis anos, boa parte sem qualquer vivência escolar anterior. Assim, a escola passou a enfrentar um novo desafio: acolher parte das crianças com necessidades e objetivos antes restritos à Educação Infantil e, ao mesmo tempo, colaborar de forma significativa para garantir o seu acesso qualificado ao mundo da escrita e à cultura letrada em que vivemos. (CEALE,2007)

Os altos índices de reprovação, resultaram em baixos índices de escolaridade que contribuíram para uma imagem negativa do Brasil no cenário mundial, diante da pesquisa e análise sobre este problema que acomete a base da educação. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino fundamental de 9 (nove) anos (BRASIL,2010 p. 9) orientam a organização a Educação básica em ciclos, e não em séries/anos, considerando que a repetência durante os três primeiros anos escolares não garante a alfabetização e o letramento e pode prejudicar o rendimento escolar da criança no ensino fundamental como um todo. O referido documento ressalta, entretanto ser preciso:

[...] considerar os três anos iniciais do Ensino Fundamental como um bloco pedagógico ou um ciclo sequencial não passível de interrupção, voltado para ampliar a todos os alunos as oportunidades de sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas, imprescindíveis para o prosseguimento dos estudos. (BRASIL, 2010 p.9).

De acordo com a recomendação das Novas diretrizes curriculares mesmo quando o sistema de ensino ou a escola fizerem opção pelo regime seriado, será

necessário considerar os três os três primeiros anos do Ensino fundamental como um bloco pedagógico ininterrupto, objetivando a ampliação de oportunidades de sistematização das aprendizagens básicas.

Para contemplar o ensino nesta proposta, a avaliação não fica restrita à somatória das notas ao final dos bimestres, ela passa a assumir um caráter processual, formativo e participativo; ser contínua, cumulativa e diagnóstica. Os instrumentos e procedimentos utilizados pelos docentes consequentemente não se restringiram à prova escrita. Os trabalhos individuais e coletivos, exercícios, provas, questionários, os portfólios, os seminários, a observação, o registro descritivo, dentre outros, tendo em conta a sua adequação à faixa etária e às características de desenvolvimento do educando serão utilizados para exercer as práticas avaliativas que possibilitam uma gama mais diversa de oportunidades. As oportunidades de desenvolvimento no ciclo para o educando, se darão com forma de demonstrar a sua aprendizagem de forma mais adequadas, considerando os seus próprios avanços, para o docente, a oportunidade de avaliar como um meio para nortear a sua prática, e não, apenas um fim para a sua ação pedagógica será de extrema contribuição para a sua formação como alfabetizador.

A criação do Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), em 2012, trouxe esta nomenclatura de ciclo de alfabetização. Este programa traz a proposta de ações, como o investimento na formação continuada dos professores alfabetizadores, disponibilização de materiais didáticos, livros de literatura infantil e tecnologias educacionais, avaliação e gestão, controle e mobilização social. O PNAIC garante o estudo e atividades pedagógicas mediadas por professores formadores que também são beneficiados com formações presenciais para fortalecer o seu papel de multiplicadores de conhecimento e boas práticas voltadas à garantia dos direitos de aprendizagem dos estudantes definidos pelo programa e reconhecido por todos os envolvidos para o trabalho com estratégias diversificadas e eficazes.

O Plano Nacional de Educação (PNE) estipula em sua meta 5. Para que a cultura de repetência não torne as crianças de seis anos reféns prematuros e que não seja indevidamente interrompida a continuidade dos processos educativos levando em conta fatores prejudiciais como a baixa autoestima do aluno e, majoritariamente, para assegurar a todas as crianças uma educação de qualidade, recomenda-se que os sistemas de ensino adotem nas suas redes de escolas a organização em ciclo dos

três primeiros anos do Ensino Fundamental, abrangendo crianças de seis, sete e oito anos de idade e instituindo um bloco destinado à alfabetização.

Além disso, o PNAIC representou uma das principais ações do governo federal na busca pelo cumprimento da meta 5 do atual PNE, que prevê “alfabetizar todas as crianças até os oito anos de idade”, ou seja, até o 3º ano do Ensino Fundamental. A estratégia 5.1, para o cumprimento desta meta é:

Estruturar os processos pedagógicos de alfabetização, nos anos iniciais do ensino fundamental, articulando-os com as estratégias desenvolvidas na pré-escola, com qualificação e valorização dos (as) professores (as) alfabetizadores e com apoio pedagógico específico, a fim de garantir a alfabetização plena de todas as crianças. (NOVA ESCOLA, 2012)

A Base Nacional Comum Curricular, homologada em 2017 unificou as prerrogativas do ensino no Brasil, abrangendo as modalidades Infantil, Fundamental e Médio. A BNCC propõe que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever. Sendo assim houve uma proposta de antecipação do fim do ciclo de alfabetização do 3º para o 2º ano, com caráter experimental os estudantes do 2º ano passam a ser avaliados pelo SAEPE e pelo SAEB, nas esferas estaduais e federais, respectivamente.

As discussões diante da busca de um acordo entre Ministério da Educação e Conselho Estadual de Educação em relação a duração ideal do ciclo de alfabetização e sobre qual a idade ideal para consolidar a alfabetização, envolvendo instâncias acadêmicas, professores e estudiosos deste processo, estes diálogos são relevantes para a tomada de decisões embasadas em dados científicos, fundamentados na produção acadêmica.

Magda Soares, professora emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e figura importante em debates sobre alfabetização, acredita que esse processo acontece ao longo de toda a vida. “Quando você tem dúvidas sobre a escrita de uma palavra, de qual é a relação fonema-grafema, você vai ao dicionário para ver como ela é e, nisso, você está se alfabetizando”, exemplifica. “Essa discussão sobre quando começa e quando acaba não tem sentido se você entende como um processo contínuo. “Essa fixação de definir 2º ou 3º ano é apenas uma forma de colocar uma expectativa nos professores, nas escolas, nos pais, de modo que o processo se faça de alguma forma”, opina. (SEMIS; NOVA ESCOLA, 2017)

O Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), defende que a Base estabeleça uma sistematização dos objetivos de aprendizagem. Segundo Altenfelder (2017) apud SEMIS (2017): “Alfabetização é um processo. Se apropriar dos conhecimentos necessários não acontece de uma hora para outra. É importante saber o que aprender em cada etapa”.

A preocupação com os anos iniciais do ensino fundamental é uma tensão que sempre está pautada em tais diálogos e decisões, com relação às fases do desenvolvimento cognitivo da criança, com a formação dos professores alfabetizadores, com a continuidade do percurso escolar, e com a participação efetiva nas políticas públicas, programas e projetos por parte das equipes gestoras e equipes docentes, pois estes são os agentes da prática. Sendo assim, de acordo com o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE, 2007):

O ciclo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental é compreendido como um tempo sequencial de três anos, ou seja, sem interrupções, por se considerar, pela complexidade da alfabetização, que raramente as crianças conseguem construir todos os saberes fundamentais para o domínio da leitura e da escrita alfabética em apenas um ano letivo. (CEALE, 2007)

A contraposição de ciclo de alfabetização ao sistema seriado enfatiza a continuidade, sem interrupções, ou seja, orienta a não reprovação, mas as intervenções docentes no processo de alfabetização que é complexo, bem como a consideração das heterogeneidades das aprendizagens.

Monitorar as aprendizagens para considerar o progresso, buscar estratégias para superar o fracasso, bem como promover a autoavaliação enquanto professor, escola, Secretaria de Educação, no intuito de no aspecto micro para o macro, avaliar a alfabetização no país para a adequação do sistema de ensino às necessidades da sociedade, possibilita a retroalimentação entre o Sistema de Educação e a sociedade.

A organização em ciclos traz uma contribuição significativa para a continuidade dos estudos do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, porquanto não há reprovações, em consideração ao tempo de aprendizagem dos estudantes e a complexidade do processo de alfabetização, porém a qualidade da aprendizagem destes alunos promovidos nas etapas do ciclo depende de fatores interpessoais e externos, dentre eles está o papel do professor alfabetizador, a formação continuada e os esforços realizados para superar as tensões no âmbito educativo.

O sistema de ciclos traz novos desafios para a escola e pede novos modos de atuação dos profissionais da Educação. Entre esses novos desafios, pode ser citada, por exemplo, a necessidade de se repensar o sentido da escola, das práticas avaliativas, dos conteúdos curriculares, do trabalho pedagógico e da própria organização escolar. Além disso, o ensino e a aprendizagem de cada um dos componentes curriculares passam a ser abordados, nas orientações oficiais, do ponto de vista da sua contribuição para o alcance do objetivo central de inserir a criança, da forma mais qualificada possível, na cultura escrita e na organização escolar, garantindo a sua plena alfabetização. (CEALE,2007)

2.2 A trajetória da Criança nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental Para a Consolidação da Alfabetização

A infância é a fase que apresenta particularidades que envolvem a brincadeira, a inocência e a imaginação. Podemos citar também a curiosidade e a aprendizagem que as reportam às crianças ao desenvolvimento salutar das suas potencialidades.

Considerando a infância como uma construção histórica e social, profundamente influenciada por ideias, valores e ações que competem às crianças, a percebemos por este motivo como um fenômeno social, pois as especificidades da infância variam conforme a diversidade destes elementos, bem como da sua produção e difusão sociocultural. Para ilustrar estas colocações, destacamos um trecho do texto “Concepção de criança, infância e educação” disponível no Caderno 2 do PNAIC.

Infância não é natural, mas um fato social, ou seja, é uma construção coletiva que assume uma forma, tem um sentido e um conteúdo, os quais são estabelecidos a partir das formas de agir, pensar e/ou sentir de uma coletividade. Portanto, independentemente das manifestações individuais, quando as crianças nascem são inseridas nessa geração e em um contexto sócio histórico, quer elas queiram ou não. (BRASIL 2015, P.9)

A infância é uma fase da vida que acompanha padrões sociais, econômicos, religiosos, culturais e históricos, portanto em sua coletividade e pluralidade os seus parâmetros se transformam de acordo com essas variáveis e a ação de agentes externos como o tempo, os valores morais e familiares, as condições tecnológicas da modernidade pautando assim a formação do sujeito, produto da geração, a criança.

Há de se considerar que a criança não é um ser genérico, ou seja, se as concepções de infância variam por diversos fatores já mencionados, a criança como produto do meio infantil, construirá a sua identidade de acordo com os aspectos que envolvem o seu contexto de vida.

[...] Piaget (1896-1980) e Vygotsky (1866-1934) são os grandes teóricos da Psicologia da Criança, que a estudam como construtora do seu crescimento e como um ser singular de dimensões diversas. Para Piaget, a criança adapta-se sempre de modo mais sólido e complexo. À medida que se desenvolve, ela aprende, por tanto o conhecimento se dá de dentro pra fora. Já para Vygotsky, a criança é um indivíduo que aprende a se desenvolver na interação com outros mais experientes do seu meio sociocultural. BRASIL (2015, P.15-16)

As teorias de Piaget e Vygotsky são bem claras, ao tratar da aprendizagem de acordo com a Psicologia da Infância, coloca-se a prática educativa e as estratégias docentes como propulsoras da estruturação dos conhecimentos, simultaneamente a didática do docente é sustentada por um processo intrínseco aos aprendentes, enquanto estes se esforçam para assimilar conteúdos e habilidades exteriores apoiados no seu potencial cognitivo.

A existência da heterogeneidade é algo intrínseco a todas as etapas da escolarização. Entender uma classe como homogênea é uma visão frágil dos pelos sistemas de ensino seriados, uma vez que pressupõe uma lógica excludente, porque trata como iguais e homogêneos sujeitos que possuem percursos e trajetórias educacionais completamente diferentes. Diante de pautas como esta que ainda precisa ser mais abordada e levada em consideração, se faz necessário repensar e buscar alternativas para tornar o ensino mais eficiente e respeitoso aos aprendentes.

Segundo Montessori apud (ROHRS, 2010, p. 23):

A possibilidade de observar fenômenos naturais e as reações experimentais no desenvolvimento e na vida psíquica da criança, transforma a própria escola em ação, em uma espécie de gabinete científico para o estudo da psicogenética do homem.

É de suma importância aos docentes conhecer o perfil do alunado, bem como, a sua maturação e o que lhes desperta interesse. Estes dados podem ser coletados de forma quantitativa e qualitativa, através dos diversos tipos de avaliação as quais as crianças são submetidas: através da interação e observação diária atente do professor, avaliações diagnósticas, cumulativas, formativas e somativas que fornecem subsídios para a análise dos dados pelos docentes e pela gestão escolar,

possibilitando assim o planejamento e replanejamento das estratégias de ensino e a escolha dos métodos de ensino. Mas os métodos não se sustentam apenas em suas concepções, apoiam-se nas formas em que os sujeitos-alvo aprendem.

As estratégias direcionadas ao alcance das metas e objetivos percorrem um caminho que para ser trilhado precisa ser explorado para que as ações pedagógicas não sejam aleatórias, sejam intencionais e semeadas neste terreno cognitivo devidamente de acordo com os níveis de aprendizagem e a forma que a criança aprende. Zabala (1998, p 63) aborda a forma de ensinar “segundo as características de cada um, estabelecemos um tipo de atividade que constitui um desafio alcançável, mas um desafio, e, depois, lhes oferecemos a ajuda necessária para superá-lo”.

2.2.1 – A Heterogeneidade das Aprendizagens da Criança nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

A partir das contribuições de Leal (2005, p.107) é possível adentrar com maior profundidade na compreensão da heterogeneidade presente nas salas de aula através do olhar pedagógico voltado aos diferentes níveis, ritmos e trajetórias de cada criança no processo de alfabetização. A autora ressalta que cada criança traz consigo um conjunto único de experiências, habilidades, ritmos e maneiras de compreender o mundo. Essa diversidade impacta diretamente na forma como os estudantes assimilam os conteúdos escolares, especialmente no estágio crucial dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para a autora, “se estivermos fazendo muito um só tipo de atividade, podemos atingir um grupo de alunos que está percorrendo o caminho da alfabetização numa direção e não atingir outro grupo de alunos que caminha em outra direção” (LEAL, 2005, p. 108). Deste modo, o uso de uma única atividade não possibilita que todos avancem, posto que cada indivíduo percorre caminhos diferentes, assim, só satisfará um grupo.

Nesse contexto, a visão de Leal (2005) oferece uma nova perspectiva sobre como a escola deve lidar com essa heterogeneidade. Ela propõe uma abordagem que valoriza a individualidade de cada criança, reconhecendo que suas diferenças não são meras barreiras a serem superadas, mas sim riquezas que podem enriquecer o ambiente de aprendizado. Através de estratégias pedagógicas flexíveis e inclusivas,

os educadores podem atender às necessidades específicas de cada aluno, promovendo um ambiente de aprendizado mais empático e eficaz.

Ao adentrar nas ideias e abordagens propostas por autores que tratam dessa temática em suas pesquisas almeja-se uma compreensão mais profunda das implicações dessa diversidade na prática educacional, bem como o reconhecimento de estratégias pedagógicas que possam contribuir para a construção de um ambiente de aprendizado mais inclusivo e enriquecedor para todas as crianças.

Nas palavras de Santana (2019, p.19):

A heterogeneidade é constitutiva do processo pedagógico e, portanto, estará sempre presente, mas as turmas são constituídas por identidades sociais (homogeneidades), que precisam ser respeitadas, valorizadas e reconhecidas.

Por outro lado, é preciso reconhecer que, em decorrência das trajetórias sociais e individuais, sempre haverá heterogeneidade quanto aos níveis de conhecimento, que precisam ser tratados na escola, possibilitando que, ao mesmo tempo, os diferentes saberes sejam valorizados, mas que conteúdos fundamentais sejam garantidos a todos, em condições favoráveis de aprendizagem.

Nesta perspectiva, Santana (2019, p.21) destaca ainda que nesse sentido, faz-se necessário e fundamental, conhecer os diferentes níveis de conhecimento dos estudantes e ter em mente que esta heterogeneidade de níveis de conhecimento é ideológica e marcada pelos demais tipos de heterogeneidades, como as culturais, etnicorraciais, composições familiares, de gênero, físicas, faixa etária, tipos de conhecimento, dentre outras. São heterogeneidades que se entrecruzam e tornam cada contexto escolar e de sala de aula com características únicas.

Alvares, Pessoa e Barbosa (2016, p.45) pontuam que a existência da heterogeneidade não é um aspecto exclusivo do processo de alfabetização, mas algo intrínseco a todas as etapas da escolarização.

Entender um grupo/classe como homogêneo é uma visão acastelada pelos sistemas de ensino seriados, que pressupõe uma lógica excludente, porque trata como iguais e homogêneos sujeitos que possuem percursos e trajetórias educacionais completamente diferentes [...].

A citação aborda a noção de homogeneidade em grupos ou classes dentro do contexto educacional, destacando uma perspectiva crítica em relação a essa abordagem. A visão acastelada e sistemas de ensino seriados, citada pelos autores,

sugere que a concepção de grupos ou classes como homogêneos é resultado de sistemas de ensino seriados. Isso implica que essa abordagem pode ser influenciada por estruturas educacionais que categorizam os alunos com base em critérios temporais, como idade ou série, o que pode desconsiderar suas diferenças individuais.

A lógica é que essa visão de homogeneidade como padrão de um grupo de sujeitos pode ser excludente, pois trata os indivíduos como iguais e homogêneos, ignorando as diversas trajetórias educacionais e experiências de aprendizado que cada aluno pode ter. Isso pode levar à marginalização de estudantes que não se encaixam nesse padrão predefinido.

As diferenças individuais que os sujeitos têm e os percursos educacionais diferentes ressaltam a importância de considerar as experiências únicas de cada aluno, suas habilidades, histórias de vida e formas de aprendizado. Ignorar essas diferenças pode prejudicar a criação de um ambiente educacional inclusivo e eficaz.

Por agrupar alunos de forma homogênea, a abordagem tradicional pode não ser adequada para atender às necessidades variadas e complexas dos estudantes, uma preocupação com a abordagem de homogeneidade em grupos ou classes no ensino, destacando as limitações dessa perspectiva e argumentando a favor de uma abordagem mais inclusiva e sensível às diferenças individuais se faz pertinente em discussões contemporâneas sobre diversidade e equidade na educação, incentivando a consideração das necessidades únicas de cada aluno para promover um aprendizado mais eficaz e inclusivo.

2.2.2 – Teorias de aprendizagem - contribuições de Piaget e Vygotsky

Jean Piaget e Lev Vygotsky são dois dos teóricos mais influentes no campo da psicologia da educação e do desenvolvimento humano. Eles desenvolveram abordagens distintas para entender como as crianças aprendem e se desenvolvem cognitivamente. Suas teorias oferecem perspectivas complementares sobre como ocorre a aprendizagem e como as crianças constroem o conhecimento.

Na segunda metade do século XX, no Brasil, emergiram novas perspectivas no campo da psicologia educacional. Pioneiros como Piaget e Vygotsky, considerados pais da psicologia cognitiva contemporânea, propuseram que o conhecimento é forjado nos cenários naturais de interação social, que, por sua vez, são moldados

culturalmente. Cada estudante se encarrega da construção de seu próprio processo de aprendizado, engajando-se em um procedimento que se inicia internamente e, posteriormente, ganha forma com base em experiências de natureza psicológica. Os teóricos dessas correntes buscam desvendar o comportamento humano sob uma ótica que destaca a interação entre sujeito e objeto, resultando na edificação e reedificação de estruturas cognitivas.

"Piaget introduz mudanças significativas na posição de Kant em relação ao conhecimento, uma vez que em sua perspectiva não se reconhece nenhuma categoria de entendimento 'a priori'. As noções de tempo, espaço e a lógica do raciocínio são desenvolvidas pelo indivíduo por meio de ações em diálogos dialéticos com o meio ambiente. Vygotsky e outros teóricos russos destacam o papel crucial dos fatores socioculturais na formação das estruturas comportamentais." (Coutinho e Moreira (1991, p. 23).

No enfoque de Piaget, o professor é visualizado mais como um observador do desenvolvimento e um incentivador dos processos autônomos de descoberta de conceitos, ao invés de um agente que interfere ativamente na assimilação do conhecimento.

"a teoria de Piaget ainda hoje oferece uma visão abrangente do desenvolvimento cognitivo, abordando diversos aspectos (desenvolvimento cognitivo desde o nascimento até a idade adulta, desenvolvimento moral, noções sociais, lógicas, matemáticas, entre outros) e se destaca por sua coerência interna e a aplicação de uma metodologia que gerou resultados extremamente produtivos ao longo de cinquenta anos de pesquisa". Carretero (1997 p. 110)

A teoria construtivista, de Piaget enfatiza que a aprendizagem ocorre por meio da interação ativa do indivíduo com o ambiente. Ele argumentava que as crianças constroem ativamente seu conhecimento através da assimilação (incorporando novas informações em suas estruturas cognitivas existentes) e acomodação (ajustando suas estruturas cognitivas para acomodar novas informações).

Piaget propôs uma série de estágios de desenvolvimento cognitivo, incluindo o sensório motor, pré-operacional, operacional concreto e operacional formal. Cada estágio é caracterizado por formas distintas de raciocínio e compreensão do mundo. Essa teoria ajudou a entender como as crianças progredem em sua capacidade de pensamento abstrato.

O teórico acreditava que a aprendizagem mais eficaz ocorre quando as crianças estão envolvidas ativamente na exploração e resolução de problemas. Ele

valorizava a experimentação e a resolução de conflitos cognitivos como meios essenciais para o desenvolvimento.

Na perspectiva Piagetiana a aprendizagem se configura como a transformação da experiência resultante das ações, englobando tanto a aprendizagem específica, como a compreensão de conceitos, a relação intrínseca entre o desenvolvimento e a aprendizagem se evidencia, pois a assimilação de operações, fatos, ações, procedimentos práticos e leis físicas está intrinsecamente ligada ao nível cognitivo do indivíduo. Em outras palavras, o grau de desenvolvimento atua como fator determinante, tornando inviável a aquisição de novos conhecimentos por parte de alguém ainda não preparado para eles. Compreender problemas apenas se torna viável quando o estágio evolutivo apropriado é alcançado.

A noção de "operação", ou seja Estágio operatório do indivíduo é crucial nesse contexto, representando uma "ação interiorizada (...) que atingiu (...) o estágio operacional por meio de reconstruções sucessivas de complexidade crescente (equilíbrio majorante)" (Lima, 1980: 151). A relevância de definir os períodos de desenvolvimento da inteligência reside no fato de que, em cada fase, o indivíduo adquire novos conhecimentos e estratégias de adaptação, compreensão e interpretação da realidade. A compreensão desse processo torna-se vital para os educadores, proporcionando-lhes uma compreensão mais profunda dos sujeitos com os quais trabalham.

Jean Piaget não fornece uma abordagem didática específica para desenvolver a inteligência de alunos ou crianças. Em vez disso, ele apresenta como cada estágio de desenvolvimento apresenta características e possibilidades de crescimento maturacional ou aquisitivo. Ter ciência dessas possibilidades permite que os professores ofereçam estímulos apropriados para promover o desenvolvimento máximo do indivíduo.

As teorias piagetianas não somente oferecem um campo de estudo rico para a psicologia do desenvolvimento, mas também abrem portas para a sociologia e a antropologia, além de proporcionar uma base para os educadores desenvolverem metodologias embasadas em suas descobertas. Piaget coloca, conforme Dolle (1974, p. 52), a questão epistemológica, relacionada ao conhecimento, em um plano de interação entre o sujeito e o objeto. Essa dialética resolve conflitos originados de teorias associacionistas, empiristas, genéticas sem estrutura, estruturalistas sem

gênese, entre outras, permitindo acompanhar as fases sucessivas da construção progressiva do conhecimento.

Vygotsky apud (BRASIL, 2015, P.16) discorre sobre o conceito de Zona de desenvolvimento proximal, conhecida como ZDP, esta é considerada pelo autor como a distância entre o desenvolvimento real e o potencial, entendemos que figurativamente esta zona é o lugar de aprendizado.

Uma das principais contribuições de Vygotsky é a ideia da ZDP. Ele argumentou que a ZDP é o espaço entre o que uma criança pode fazer de forma independente e o que ela pode fazer com a assistência de um instrutor mais experiente. A aprendizagem mais eficaz ocorre quando a criança é apoiada dentro da ZDP.

A ZDP é composta por processos cognitivos estimulados através das interações dos estudantes uns com os outros, com os professores e com os meios de estímulo pertencentes ao campo pedagógico. A partir dessas interações a informação e os conceitos passam a ser interiorizados, possibilitando a sistematização e aprendizado mútuo, de acordo com a construção mental permitida pela cognição de cada criança. É através desta busca e deste esforço em saber e compreender que o conhecimento passa a ser uma conquista da criança, com a mediação pertinente do educador e dos demais estudantes que já sabem, esta evolução se torna mais efetiva.

A interação social no processo de aprendizagem é fundamental nesta perspectiva aprendizagem, tudo ocorre primeiramente em um contexto social, onde a criança interage com pais, professores e colegas, e gradualmente internaliza esse conhecimento para se tornar independente. Para Vygotsky segundo Ivic (2010, p.30) as ferramentas culturais, como a linguagem e os símbolos, desempenham um papel central na formação do pensamento e do aprendizado. Ele explorou como as crianças internalizam essas ferramentas para construir seu entendimento do mundo.

A importância do aprendizado colaborativo, onde as crianças trabalham juntas para resolver problemas e compartilhar conhecimento e a interação entre pares para promover a construção conjunta de significados expressam práticas presentes nas teorias de aprendizagem de Vygotsky (1984, p. 56-74), numa percepção do teórico sobre o indivíduo como inerentemente social, alinhando-se ao pensamento marxista, e o próprio conhecimento como produto social. Ele defende que todos os processos psicológicos superiores (comunicação, linguagem, raciocínio, etc.) são inicialmente adquiridos no contexto social e posteriormente internalizados. Em contraste, Piaget

desenvolveu uma teoria conhecida como Epistemologia Genética ou Teoria Psicogenética, que delinea a maneira como o indivíduo, desde o nascimento, constrói o conhecimento. Essa teoria é a forma mais proeminente de concepção construtivista da formação da inteligência.

Em resumo, as contribuições de Piaget e Vygotsky para as teorias de aprendizagem enriqueceram nosso entendimento sobre como as crianças aprendem, desenvolvem-se cognitivamente e constroem conhecimento. Enquanto Piaget enfatizava a importância da construção individual do conhecimento, Vygotsky salienta a relevância da interação social e do aprendizado colaborativo. Suas teorias continuam a influenciar a educação e a psicologia do desenvolvimento até os dias atuais.

Em resumo, as contribuições de Piaget e Vygotsky para as teorias de aprendizagem enriqueceram nosso entendimento sobre como as crianças aprendem, desenvolvem-se cognitivamente e constroem conhecimento. Enquanto Piaget enfatiza a importância da construção individual do conhecimento, Vygotsky salienta a relevância da interação social e do aprendizado colaborativo. Suas teorias continuam a influenciar a educação e a psicologia do desenvolvimento até os dias atuais.

2.2.3 - Teoria da psicogênese da língua escrita – Ferreiro e Teberosky

A partir de 1974, na Universidade de Buenos Aires, Emilia Ferreiro iniciou uma série de experimentos com crianças que geraram as conclusões fundamentais delineadas em sua obra mais significativa: "Psicogênese da Língua Escrita". Publicado em 1979, esse trabalho foi fruto da colaboração entre Ferreiro e a pedagoga espanhola Ana Teberosky, FUNDEPAR (2021).

A Teoria da Psicogênese da Língua Escrita é uma importante abordagem no campo da psicologia educacional e da aquisição da linguagem escrita, baseada em pesquisas empíricas e observações cuidadosas, busca compreender como as crianças aprendem a ler e escrever, indo além da mera reprodução de letras e palavras, e explorando os processos cognitivos subjacentes a essa aprendizagem.

O estudo de Ferreiro e Teberosky FUNDEPAR (2021), parte do pressuposto de que a criança não é um receptor passivo das informações sobre a língua escrita, mas sim um construtor ativo de seu conhecimento. As autoras observaram que as crianças passam por estágios de compreensão da linguagem escrita que refletem uma

progressão cognitiva, evoluindo de concepções iniciais até o desenvolvimento de uma compreensão mais sofisticada.

Um dos conceitos fundamentais da teoria é o de "hipóteses infantis". Ferreiro e Teberosky (1981, p.20) argumentam que as crianças desenvolvem hipóteses próprias sobre o sistema de escrita, baseadas em suas observações e tentativas de compreensão. Essas hipóteses podem envolver ideias como a escrita ser uma representação pictográfica da fala ou acreditar que as palavras são separadas por espaços, independentemente das divisões fonéticas.

Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado. Essas escritas infantis têm sido consideradas, displicentemente como garatujas, "puro jogo", o resultado de fazer "como se" soubesse escrever. Aprender a lê-las – isto é, a interpretá-las – é um longo aprendizado que requer uma atitude teórica definida. FERREIRO (1981, p.20)

Ferreiro (1981, p.22) enfatiza que a construção do conhecimento em leitura e escrita segue uma lógica individual, mesmo que permeada pela interação social, tanto dentro como fora da escola. Durante esse percurso, a criança atravessa fases marcadas por avanços e retrocessos, culminando na assimilação e domínio do código linguístico. A duração para que um aluno progrida em cada etapa é notavelmente variável.

A teoria descreve estágios evolutivos pelos quais as crianças passam em sua compreensão da linguagem escrita. Esses estágios incluem a pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética. Durante cada fase, as crianças ajustam e reajustam suas hipóteses à medida que ganham uma compreensão mais profunda da relação entre sons e letras.

- pré-silábica: não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada;
 - silábica: interpreta a letra a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma;
 - silábico-alfabética: mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas;
 - alfabética: domina, enfim, o valor das letras e sílabas.
- FUNDEPAR (2021)

Além disso, a Teoria da Psicogênese da Língua Escrita também enfatiza a importância do contexto social e educacional na aquisição da linguagem escrita,

Ferreiro (1981, p. 44). A interação com adultos, a exposição a materiais de leitura e escrita e a mediação pedagógica têm um papel crucial no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita das crianças.

Em sua abordagem Teberosky (2020) destaca a complexidade e a riqueza da jornada da aprendizagem da escrita, que vai muito além da mera aquisição de habilidades técnicas. Através das lentes da autora, podemos vislumbrar como as crianças se tornam escritoras ativas e competentes, envolvendo-se em um diálogo profundo com a linguagem escrita e suas complexas dimensões.

Teberosky (2020, p.19) nos convida a considerar que o aprendizado da escrita é uma construção ativa e social, onde as crianças não são meras receptoras passivas, mas sim participantes engajados na criação e decodificação de significados. Ela nos mostra como as crianças, desde os estágios iniciais de exploração da escrita, desenvolvem suas próprias hipóteses e estratégias para compreender a relação entre a linguagem falada e a linguagem escrita.

Se toda escrita envolve a seleção de elementos sonoros a serem representados graficamente, como uma criança que está iniciando sua aprendizagem pode saber como e quais unidades escolher para representar? Por isso, dizemos que as crianças não têm um conhecimento especializado do aspecto sonoro da língua prévio à alfabetização para compreender todas as particularidades da representação da escrita. A escrita não é um código que transcreve a língua, mas um sistema com regras próprias que influencia a língua do ponto de vista histórico- cultural [...] TEBEROSKY (2020, p.19)

Para Teberosky (2020, p.21-25) as relações entre o contexto social e educacional onde a criança está inserida para o desenvolvimento da escrita é fundamental. Ela nos mostra como a interação com adultos, colegas e materiais escritos é um fator crucial para nutrir a evolução das habilidades de escrita. Além disso, ela enfatiza que o ato de escrever é profundamente influenciado pelo propósito e pela audiência. As crianças aprendem a ajustar sua escrita para atender a diferentes contextos e expressar suas ideias de maneira coerente e eficaz.

Em resumo, a visão de Teberosky (2020) sobre como as crianças aprendem a escrever nos lembra da riqueza desse processo. Olhar além das letras e das palavras, para explorar as dimensões cognitivas, sociais e expressivas envolvidas na aquisição da escrita definem a sua abordagem que nos ajuda a compreender como as crianças se tornam autoras de suas próprias histórias, ao navegarem pelo intrincado universo da linguagem escrita.

A apreensão dos fundamentos do Sistema de Escrita Alfabética é fundamental para alcançar independência nos processos de leitura e escrita. No entanto, as hipóteses propostas por Ferreiro e Teberosky em 1979 não se tornam imediatamente "claras" para aqueles que ainda não foram guiados por um processo de análise e organização dos princípios subjacentes a esse sistema.

Em suma, a Teoria da Psicogênese da Língua Escrita de Ferreiro e Teberosky revoluciona a compreensão da aquisição da linguagem escrita, destacando a natureza ativa e construtiva do aprendizado das crianças neste domínio. Suas contribuições influenciam significativamente a educação e a pesquisa em psicologia educacional, fornecendo um quadro teórico valioso para entender como as crianças desenvolvem a capacidade de ler e escrever.

2.3. Heterogeneidade e alfabetização: Concepções e Prática pedagógica

Para Montaigne apud Gournay (1928, p.330) “Nunca houve no mundo duas opiniões iguais, nem dois fios de cabelo ou grãos. A qualidade mais universal é a diversidade...” O que diremos em relação a forma de aprender, diante de todo o contexto apresentado em relação a pluralidade de sentidos que permeiam o ser e o mundo que o cerca em sua complexidade global?

A questão é atual, mas já foi colocada em destaque há muitos anos por Vygotsky (1984, p. 84) considerando que todos os alunos não detêm os mesmos conhecimentos nem aprendem de forma igual.

Conforme mencionado previamente, estamos plenamente cientes da intrincada natureza que permeia as interações entre a diversidade e o campo educacional. Destacamos, mais uma vez, a imperatividade de nos concentrarmos em aspectos particulares desse fenômeno a fim de aprofundá-lo de maneira mais completa.

Neste estudo, concentramos nossa investigação especificamente na diversidade presente dentro da sala de aula, particularmente no que concerne aos conhecimentos relacionados ao Sistema de Escrita Alfabética. Dentro deste capítulo, iremos abordar questões que orbitam as perspectivas da alfabetização, bem como as abordagens que têm sido empregadas para lidar com a heterogeneidade no âmbito desse campo. Para embasar nossas análises, tomamos como ponto central um estudo conduzido por Leal e seus colaboradores em 2014, no qual foram identificadas diversas tensões que permeiam o processo de alfabetização no contexto brasileiro.

Desse modo, nossa intenção é promover uma discussão em torno dos processos pedagógicos empregados no ensino da Língua Portuguesa, conforme delineados nos documentos curriculares. Essa discussão será fundamentada nas análises minuciosas apresentadas pelas mencionadas autoras, considerando, em particular, a diversidade manifestada entre as crianças no que diz respeito ao domínio do Sistema de Escrita Alfabética. Entretanto, antes de mergulharmos nesses tópicos, consideramos relevante apresentar as reflexões de estudiosos sobre os conceitos primordiais que emergem das discussões promovidas pelas autoras, tangentes à alfabetização, a saber: código, sistema notacional, sistema de escrita e letramento.

2.3.1 O processo de alfabetização: Conceitos fundamentais

As discussões sobre alfabetização suscitam o uso de terminologia que nos instiga a ponderar sobre o que verdadeiramente caracteriza o estado de estar alfabetizado. O primeiro destes termos está intrinsecamente ligado à compreensão do ensino da escrita alfabética como aquisição de um código ou apropriação de um sistema notacional.

Segundo a afirmação de Soares (2014, p. 45), o conceito de código é empregado como um meio de substituir símbolos, caracteres ou signos por outros já existentes. Nessa perspectiva, quando necessário, a mensagem pode ser convertida para ser entendida por aqueles que precisam trocar informações de maneira confidencial, excluindo compreensão por parte de terceiros, como estranhos ou adversários. Assim, a consideração da alfabetização como aquisição de um código implica na ideia de que os alunos aprendem a associar um símbolo, caractere ou signo a outro já estabelecido. Portanto, teriam de memorizar quais elementos substituem outros, a fim de acessar um código utilizado na sociedade.

No entanto, Morais (2012, p.47) sustenta que não é apropriado conceber a aprendizagem da escrita alfabética como aquisição de um código, pois tal abordagem pressupõe que o aluno precisa "decifrar", "decodificar" ou "codificar" palavras (...) e posteriormente frases e textos.

Estamos alinhados com as perspectivas dos autores mencionados acima e reafirmamos que alfabetizar vai além da simples decodificação de um sistema de escrita. É essencial perceber como essa escrita se manifesta e qual é a sua

funcionalidade. Portanto, é um equívoco restringir a alfabetização à mera codificação da escrita alfabética. Mas então, como podemos definir essa aprendizagem?

Determinar com precisão como os indivíduos adquirem a fluência em leitura e escrita não é tarefa simples. Surgem uma série de questionamentos: aprendem através da orientação do professor, envolvendo a leitura e a escrita com foco e atenção? Aprendem por meio da observação, tentando e experimentando por conta própria, cometendo erros e corrigindo-se até que a compreensão significativa sobre o que estão produzindo ou construindo se estabeleça? Aprendem ao realizarem atividades, lendo e respondendo, lendo e copiando, por meio da repetição e memorização?

Quando podemos afirmar que um aluno realmente aprendeu a recomendar livros, a avaliar criticamente o que lê, a interpretar e compreender o conteúdo apresentado? Ou ainda, quando um aluno atinge o ponto em que é capaz de produzir textos que atendam a critérios ortográficos rigorosos, alinhados à língua formal, e simultaneamente cumprem com a proposta do gênero textual ao qual se dedicou? Isso inclui a habilidade de construir coesão e coerência, transmitindo uma mensagem textual rica em sentidos que refletem suas próprias concepções como escritor. Esse domínio se aplica a desde tarefas simples, como elaborar uma lista ou um bilhete, até gêneros mais complexos, como uma carta de reclamação, uma crônica ou até mesmo uma dissertação.

Portanto, a jornada de se tornar um leitor e escritor proficiente envolve uma multiplicidade de abordagens e habilidades que transcendem a mera instrução formal. O aprendizado se constrói por meio da prática engajada, da reflexão sobre o que é lido e escrito, da experimentação, do erro e correção, e da capacidade de aplicar esses conhecimentos a uma variedade de contextos e gêneros textuais.

Conforme Morais (2012, p. 150) coloca, a escrita alfabética é um sistema notacional, pois a utilizamos para representar os sons da fala ou a fonologia por meio de grafemas (letras). Assim, ela é um sistema de escrita porque, reflete uma lógica de operação e uma consistência específica na representação do significado - que incorpora elementos para associar pensamentos e ideias - e do significante - que grafia elementos relacionados aos sons. Além disso, o sistema de escrita da língua portuguesa estabelece uma correlação entre letras e fonemas, o que o caracteriza como um sistema de escrita alfabética.

Sendo assim, a alfabetização abrange a assimilação de conhecimentos sobre o funcionamento desse sistema.

Quando abordamos a dimensão individual, estamos referindo-nos aos processos ou estágios que cada aprendiz atravessa para internalizar o sistema de escrita. Quando mencionamos a dimensão coletiva, tratamos da dinâmica social - isto é, das práticas sociais de escrita nas quais o indivíduo está imerso. Nesse contexto, chegamos à mesma compreensão que diversos teóricos partilham: alfabetizar não é suficiente, é crucial alfabetizar letrando. Isso nos conduz a examinar o conceito de letramento.

De acordo com Soares (2014, 98), o letramento envolve o desenvolvimento de habilidades eficientes de leitura e escrita para interagir por meio da escrita em variados contextos comunicativos, incluindo situações pessoais, escolares e sociais. Dado que há diversos tipos de textos e gêneros circulando em variados contextos, apresentados em múltiplos formatos e com objetivos distintos, a alfabetização também compreende a aquisição de conhecimentos sobre os textos e os gêneros adotados para produzi-los.

Sendo assim, "a alfabetização é uma prática de letramento, intrínseca às atividades escolares, com metas e propósitos específicos, assim, trata-se de uma prática social situada." Kleiman, (2010) apud Valsechi (2010, p. 3).

Segundo Mendonça (2007, p. 46), o conceito de letramento foi criado para "denominar um conjunto de práticas sociais que envolvem o uso da escrita em diversos contextos socioculturais". As práticas de letramento são observadas em sociedades que fazem uso da escrita, porém, indivíduos que não possuem domínio da escrita convencional, conforme a conhecemos, também estão envolvidos em práticas de letramento. Mesmo sem dominar o sistema notacional, essas pessoas participam de práticas de leitura e escrita com a assistência de alguém que domina a escrita. Nesse contexto, elas podem ter conhecimento dos gêneros textuais que circulam na sociedade.

Os conceitos explorados aqui são mobilizados por diferentes abordagens teóricas da alfabetização. Nos próximos tópicos, iremos apresentar as principais concepções de alfabetização que estão em circulação no Brasil atualmente, bem como suas interações com a heterogeneidade.

2.3.2 Diversas Abordagens de Alfabetização e seu Impacto na Diversidade

Para iniciar a exploração das diferentes perspectivas de alfabetização e sua interação com a diversidade, tomamos como ponto de partida um estudo conduzido por Leal et al. (2014). Nessa pesquisa, as autoras investigaram 26 documentos curriculares de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, provenientes de secretarias municipais (12) e estaduais (14) de educação, abrangendo todas as regiões do Brasil. O objetivo do estudo foi examinar as relações entre currículo, alfabetização e formação de professores, além de analisar as atuais concepções predominantes nos documentos sobre alfabetização.

Dentre as contribuições do estudo de Leal et al. para nossa análise, destacamos as principais tensões inerentes à discussão sobre o processo de alfabetização e como essas tensões refletem nas concepções prevalentes sobre o tema no contexto brasileiro contemporâneo. A seguir, apresentamos as principais tensões identificadas pelas autoras.

Tensão 1 - O Papel dos Textos Sociais no Processo de Alfabetização

A primeira tensão refere-se à ponderação da importância atribuída à utilização de "textos de circulação social e à integração dos estudantes nas práticas de leitura e produção textual nos primeiros anos de escolaridade". Dentro desse contexto, três tendências distintas emergem:

1. A imersão dos estudantes em práticas autênticas de leitura e escrita é considerada o único caminho válido para aprender a língua.

2. O aprendizado do código deve preceder a exposição aos textos sociais, sendo recomendada a utilização de materiais didáticos estruturados com textos concebidos para fins de alfabetização.

3. A imersão em práticas de leitura e escrita significativas é um pré-requisito para o desenvolvimento de estudantes leitores e produtores de texto, mas também é necessário trabalhar com as unidades linguísticas que compõem as palavras.

Tensão 2 - A Abordagem Sistemática do Ensino do Sistema de Escrita Alfabética

Essa tensão focaliza "a ênfase a ser atribuída ao ensino do sistema de escrita alfabética (ou código, na perspectiva fonética) e a necessidade de um enfoque mais sistemático ou não nesse aspecto". As tendências identificadas são:

1. A imersão em práticas significativas de leitura e escrita naturalmente transforma os indivíduos em leitores e escritores, tornando desnecessário um enfoque meticuloso nas propriedades do sistema alfabético.

2. A aquisição do código ocorre por meio de rotinas sistemáticas e controladas, demandando materiais didáticos estruturados com textos especialmente criados para fins de alfabetização.

3. A inserção dos estudantes em práticas de leitura e escrita, desde o início da escolarização, é vital, juntamente com estratégias reflexivas sobre o sistema alfabético.

Tensão 3 - A Abordagem Didática para o Ensino do Sistema de Escrita Alfabética

Essa tensão diz respeito à "abordagem didática a ser adotada na aprendizagem do sistema de escrita (ou código, como é concebido nas perspectivas mais tradicionais)". As tendências identificadas são:

1. A exposição a textos em contextos de interação facilita a assimilação do sistema de escrita.

2. O aprendizado do código exige práticas sistemáticas de treinamento de habilidades fonológicas e leitura controlada de sílabas, palavras ou textos contendo unidades linguísticas já introduzidas.

3a. A abordagem enfatiza situações problemáticas acerca do funcionamento do sistema de escrita, com base na descoberta das crianças, sem foco na consciência fonológica.

3b. A abordagem se baseia na criação de situações didáticas para reflexões sobre a relação entre som e grafema.

O tratamento de cada uma dessas tensões configura três tendências principais em relação ao processo de alfabetização:

1. A aprendizagem ocorre por imersão em práticas de leitura e produção de texto;
2. O método sintético é baseado em um ensino sistemático e contínuo do código;
3. A compreensão da escrita como sistema promove a integração de leitura, produção de texto e reflexão sobre o funcionamento da escrita.

Neste contexto, é relevante observar como cada tendência lida com a diversidade e a heterogeneidade.

2.3.3 Alfabetização e práticas de letramento

A tendência de alfabetização intitulada letramento delineada pelas autoras Leal et al (2014) concebe a alfabetização como um processo de assimilação do sistema de escrita alfabética é um processo de aprendizado da leitura e da escrita de textos, destinado a integrar os indivíduos nas práticas sociais. Nessa abordagem, há uma ênfase particular na importância do trabalho com gêneros discursivos.

Partindo do princípio que "ninguém aprende a ler e escrever se não aprender relações entre fonemas e grafemas (...)" Soares (2003, p. 17), ao mesmo tempo, os proponentes dessa visão entendem que a compreensão do sistema de escrita não garante automaticamente a alfabetização.

Dessa forma, essa perspectiva pode ser relacionada à tendência identificada pelas pesquisadoras, uma vez que sugere que a formação de leitores e produtores de texto requer que os alunos se envolvam em práticas significativas de leitura, escrita e produção textual, enquanto ainda mantêm a abordagem de reflexão sobre a relação entre os sons fonéticos e a notação gráfica, ou seja, sobre o Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

De acordo com Mendonça (2007), um dos princípios orientadores da perspectiva de letramento é que:

A aquisição da escrita não ocorre isolada das práticas sociais nas quais está inserida: ninguém lê ou escreve no vazio, sem objetivos comunicativos, sem interlocutores, separado de uma situação de interação; as pessoas escrevem, lêem e/ou interagem por meio da escrita guiadas por propósitos comunicativos, buscando alcançar algum objetivo, imersas em contextos de comunicação. É importante lembrar também que esse processo é influenciado por valores e crenças de várias naturezas. Mendonça (2007, p. 46-47)

Isso implica que a escrita não é neutra e está intrinsecamente ligada às intenções subjacentes.

No entanto, de acordo com os defensores dessa abordagem, é equivocado supor que simplesmente mergulhar os alunos na cultura da escrita é suficiente para desenvolver habilidades sólidas de leitura e produção textual. Essa visão ressalta que os professores devem realizar um trabalho sistemático de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética para capacitar os alunos.

Segundo Kleiman (2010) apud Valsechi (2010, p.48), "a análise é essencial na alfabetização", na perspectiva do letramento: "todos os trabalhos de análise fonológica

partem do texto e terminam no texto, porque é o texto, e não a letra, sílaba ou palavra isolada, que é relevante na prática social, pois o que importa é que a criança aprenda a língua escrita - ou seja, ler e escrever textos, não apenas o alfabeto. A criança que trabalha com a palavra 'casa' depois de acessar imagens dos diferentes tipos de moradias, ou um poema com esta temática que a envolve com ludicidade, é uma criança que terá muitos mais pontos de ancoragem para os novos símbolos, famílias de sílabas, etc., aquilo que o professor considerar importante para o trabalho de sistematização e generalização.

Portanto, para alfabetizar letrando, é crucial que o professor atue como um mediador, ajudando os alunos a desenvolverem competências sólidas de produção textual - incluindo coesão, coerência, organização e vocabulário adequado, entre outros aspectos Morais (2012, p. 160-161).

Brandão e Leal (2005) destacam que quando as crianças são expostas a textos de diversos gêneros ou a textos diferentes dentro do mesmo gênero, elas gradualmente aprendem as semelhanças e diferenças entre esses textos. No entanto, esses autores enfatizam que:

Não basta expor as crianças a diferentes gêneros textuais, porque, por exemplo, os propósitos, os contextos sociais de uso, as características específicas de cada gênero devem ser explorados pelo professor, tanto na produção quanto na leitura dos textos. Brandão e Leal (2005, p.34)

Isso significa que, ao longo do processo de aprendizado da leitura e escrita, as crianças estão envolvidas em um processo de interação mediada. O auxílio do professor e as estratégias para a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, implementadas durante as aulas, permitem que os alunos desenvolvam e expandam suas habilidades de compreensão e produção de textos, tanto oralmente quanto por escrito.

Dentro dessa abordagem, a heterogeneidade é reconhecida como inerente às atividades humanas e ao processo educacional. Na perspectiva da alfabetização com foco no letramento, é essencial considerar todas as crianças, levando em conta suas características e peculiaridades individuais.

Nesse sentido, alfabetizar letrando implica proporcionar aos alunos oportunidades para se envolverem em situações reais de uso de diferentes gêneros textuais, enquanto simultaneamente se explora o funcionamento do Sistema de

Escrita Alfabética. Nesse processo, o professor desempenha um papel de mediador entre o conhecimento e os alunos, o que é um princípio central tanto na abordagem do letramento quanto em outras perspectivas.

2.3.4 - O processo de Ensino e as Estratégias Docentes Frente à Heterogeneidade das Aprendizagens

Para compreendermos o fenômeno pedagógico denominado ensino-aprendizagem é importante que façamos a desvinculação de ambos os processos, os considerando realmente como dois, para melhor entender como funcionam, quem são os seus sujeitos e quais são os seus princípios.

Através desta instrução torna-se possível concernir a comunicação entre eles, bem como as características e potencialidades de cada um desses aspectos.

O processo de aprendizagem não responde necessariamente ao processo de ensino, como todos imaginam. Ou seja, não existe um processo único de “ensino-aprendizagem”, como muitas vezes se diz, mas dois processos distintos: o de aprendizagem, desenvolvido pelo aluno, e o de ensino, pelo professor. São dois processos que se comunicam mas não se confundem: o sujeito do processo de ensino é o professor enquanto o do processo de aprendizagem é o aluno. WEISZ (1999, p.65)

Sendo assim há possibilidades de perceber alguns equívocos acerca deste tema, como a expectativa que o aluno aprenda tal qual o professor ensina, ou o professor transmitir o ensinamento sem considerar a heterogeneidade das aprendizagens, ou seja, esperar que todos aprendam e cheguem ao mesmo nível simultaneamente.

Weisz (1999, p.65) ressalta que “o professor é que precisa compreender o caminho de aprendizagem que o aluno está percorrendo naquele momento” tendo como ponto de partida estas informações diagnósticas e visto que “o ensino visa estimular, dirigir, incentivar, impulsionar o processo de aprendizagem dos alunos” Libâneo (1994, p. 90).

Dessa forma podemos perceber que a relação entre ensino e aprendizagem não é mecânica, não é uma simples transmissão do professor que ensina para um aluno que aprende, é uma relação recíproca na qual se destacam o papel dirigente do professor e a atividade dos alunos. Dessa forma podemos perceber que

O ensino visa estimular, dirigir, incentivar, impulsionar o processo de aprendizagem dos alunos. Ensinar envolve toda uma estrutura que tem por finalidade alcançar a aprendizagem do aluno através de conteúdo. Tem, pois, o papel de impulsionar a aprendizagem e, muitas vezes, a precede. LIBÂNEO (1994, p. 91)

Segundo Weisz (1999, p 65) “não basta que as situações de aprendizagem sejam bem planejadas, proposta e dirigidas com a intenção de favorecer a ação do aprendiz sobre um determinado objeto de conhecimento” A construção da didática pelo professor requer que o mesmo supere questões complexas para gerir os processos de ensino e aprendizagem, e sobretudo a sua aprendizagem. Estas questões remetem-se à atualização, aprimoramento, aprofundamento e julgamento das condições de aprendizagem do seu público alvo. Prioritariamente resume-se em aprender para ensinar, as boas situações de aprendizagem serão o resultado do respeito às condições pedagógicas, e aos princípios que apontam direções para situações de aprendizagem eficazes.

Para Weisz (1999) boas situações de aprendizagem são aquelas em que:

- Os alunos precisam pôr em jogo tudo o que sabem e pensam sobre o assunto que se quer ensinar;
- Os alunos têm problemas a resolver e decisões a tomar em função do que se propõe produzir;
- A organização da tarefa pelo professor garante a máxima circulação de informação possível;
- O conteúdo trabalhado mantém suas características de objeto sociocultural real, sem se transformar em objeto escolar vazio de significado social. WEISZ (1999, p. 66)

As situações de aprendizagem, segundo Weisz (1999) dependem do conteúdo a ser trabalhado e podem fazer parte do ensino simultaneamente ou não. O docente como gestor do ensino deve ponderar desde o seu planejamento as suas estratégias de ensino prevendo em sua atuação e postura a aplicação destas situações.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Língua Portuguesa, seu objetivo central é "assegurar a todos os estudantes o domínio dos conhecimentos linguísticos essenciais para a participação ativa na sociedade e o pleno exercício da cidadania". O texto original corretamente ressalta que:

A linguagem é a ferramenta por excelência do pensamento humano, permitindo a comunicação, acesso à informação, expressão e defesa de ideias, compartilhamento e construção de visões de mundo, bem como a produção de conhecimento. BRASIL (2017, p.72)

Antes de discorrermos sobre a prática docente com foco nas estratégias utilizadas pelos professores alfabetizadores, é pertinente considerar a educação formal como um todo, composto por instâncias hierárquicas como, Ministérios, Gerências regionais, Redes de ensino e Secretarias que orientam as equipes gestoras e docentes para o efetivo cumprimento da Políticas públicas ancoradoras para os Programas, Projetos e metodologias de ensino, bem como os Documentos Curriculares que regem o Ensino da Língua Portuguesa.

A prática pedagógica conta com o planejamento, os conteúdos e os recursos materiais didáticos, mas o recurso determinante é o humano, o professor, com a sua fala, com a sua tomada de atitudes, com a interação que ele promove com o seu julgamento de ações e reações.

As atividades promotoras de interações que desafiam os educandos a construir novos conhecimentos são positivas. Essa alternativa, segundo Perrenoud (1995, p.42), é alcançada por meio de uma prática que considere os percursos individuais de cada aprendiz, sem confundir esse caminho com a elaboração de programas especiais, vinculados às necessidades educativas dos alunos, por um lado, ou a adesão de um ensino em que todos, e ao mesmo tempo, estejam expostos às mesmas atividades e conteúdos.

Aí está a verdadeira clivagem: frente a desigualdades de aquisições e de níveis escolares devidamente constatados, uns baixam os braços e invocam a fatalidade e os limites da natureza humana, outros buscam novas estratégias. PERRENOUD (1995, p. 53)

“A escola encontra-se atualmente diante do desafio crucial de integrar todos os estudantes como participantes ativos da cultura escrita”, conforme delineado por Lerner (2001, p. 23). Isso implica que os alunos se apropriem de uma tradição de leitura e escrita enraizada em uma herança cultural e se vejam como membros plenos de uma comunidade de leitores e escritores.

Para alcançar esse objetivo, é necessário que a escola adote como base as práticas sociais de leitura e escrita como o cerne do processo de ensino. Sob essa perspectiva, a língua escrita transcende a mera coleção de elementos gráficos e variações tipográficas, tornando-se uma construção histórica e um artefato social.

Nesse contexto, o propósito de cultivar indivíduos imersos na cultura escrita vai muito além da alfabetização inicial, a qual não deve ser limitada a um simples aprendizado das letras e suas correspondências fonéticas. No ciclo de aprendizado,

é vital que haja um compromisso com análises reflexivas sobre a língua, com foco na ortografia, na articulação das palavras e na qualificação do que é escrito e lido. Essa abordagem exige que as crianças explorem o sistema alfabético de maneira crítica para promover avanços substanciais na sua capacidade de escrever e ler.

O desenvolvimento dessas habilidades não ocorre de forma isolada, mas sim por meio da mediação do professor, que orienta as estratégias de ensino e, assim, conecta a leitura e a escrita a um propósito funcional e significativo.

2.4 Professores reflexivos

No contexto brasileiro, a introdução da didática como curso de licenciatura em 1939 e posteriormente como disciplina nos programas de formação de professores em 1946 foi marcada pela predominância de uma abordagem prescritiva, normativa e instrumental. Esta abordagem, como observou Candau (1938, p. 86), foi caracterizada como o "momento da afirmação do técnico e do silenciamento político". O foco recaiu estritamente no "como ensinar", com ênfase na transmissão de normas e regras relacionadas ao "fazer correto". Isso não apenas padronizou as abordagens didáticas a serem adotadas pelos professores, mas também inculcou neles uma única lógica de percepção e participação no mundo.

Mais especificamente, essa abordagem reflete uma perspectiva de pensamento liberal sobre a sociedade, a educação e o papel da escola na formação dos alunos. As preocupações e reflexões foram assim restritas a essa visão, limitando a amplitude das discussões e a diversidade de abordagens pedagógicas. Conseqüentemente, o foco recaiu quase exclusivamente no processo de instrução, negligenciando a complexidade e as dimensões mais amplas do aprendizado e do desenvolvimento dos estudantes.

A didática instrumental, quando estabelecida no Brasil, adotou a neutralidade como base para o ensino, enfatizando a competência técnica por meio do domínio de métodos e procedimentos de ensino, desconsiderando valores e projetos políticos. A concentração em normas, regras e abordagens de ensino evidenciou sua natureza prescritiva, que refletia práticas pedagógicas tradicionais com raízes na transmissão dogmática de conhecimento. No entanto, a pedagogia jesuítica e as teorias críticas francesas introduziram uma crítica contundente a essas abordagens, ressaltando sua função de reprodução das relações de poder e da ideologia dominante.

Nóvoa (1992) discorre sobre o Ensino Jesuítico e a sua influência na profissão do professor:

O professorado constituiu-se em profissão, graças a intervenção e ao enquadramento do Estado, que substituiu a Igreja como entidade de tutela de ensino. Essa mudança complexa no controle da ação docente adquiriu contornos muito específicos em Portugal, devido à precocidade das dinâmicas de centralização do ensino e funcionalização do professorado. Os reformadores portugueses do final do século XVIII sabiam que a criação de uma rede escolar, geometricamente repartida pelo espaço nacional, era uma aposta de progresso. Mas sabiam, também, que este esforço iria contribuir para legitimar ideologicamente o poder estatal numa área-chave do processo de reprodução social. Os professores são a voz dos novos dispositivos de escolarização e, por isso, o Estado não hesitou em criar condições para sua profissionalização. Nóvoa (1992 p. 15-16)

No cenário brasileiro do século XIX, nos anos 1970, educadores se confrontaram com teorias crítico-reprodutivistas, questionando o tecnicismo na pedagogia. A didática crítica emergiu como resposta a esses desafios, buscando a síntese entre posições anteriores. Essa abordagem transcende a visão instrumental e anti didática ao enxergar o ato educativo como uma prática social complexa. Ela reconhece a multidimensionalidade do ensino-aprendizagem, abraçando as dimensões humanas, técnicas e políticas envolvidas. Além disso, a didática crítica coloca o propósito educativo acima dos métodos utilizados, alinhando a competência técnica com compromissos políticos de uma sociedade democrática e voltada para a emancipação humana.

A didática crítica se destaca por sua integração de teoria e prática, conteúdo e forma, técnica e política, ensino e pesquisa. Ela concebe os professores como aprendizes contínuos, cuja profissionalização ocorre ao ensinar e aprender. No contexto do movimento de democratização dos anos 1980 no Brasil, essa abordagem se encaixou bem, visto que refletia a busca por mudanças e a promoção de experiências educacionais mais democráticas.

A pedagogia histórico-crítica também conhecida como crítica social dos conteúdos Libâneo (1986) surge, pois, como terceiro elo da tríade do pensamento dialético: tese, antítese e síntese. Instituiu-se como o momento de superação de duas posições anteriores e opostas: a didática é instrumental e a anti didática, ilustrada pela “teoria da curvatura da vara enunciada por Lênin”. Saviani (1985) apud Farias (2011, p. 17)

O professor reflexivo desempenha um papel fundamental na construção e transformação do sistema educacional, baseando-se no conhecimento adquirido tanto durante sua formação inicial quanto em suas contínuas formações em serviço. Ele não apenas identifica as tensões que afetam sua função pedagógica de maneira direta e indireta, mas também aborda essas questões com inquietação construtiva. Sua contribuição se estende tanto no âmbito teórico quanto prático, exercendo um impacto significativo não apenas na escola, mas também nos ambientes de formação.

Quando um professor tenta ouvir os seus alunos e refletir na ação sobre o que se aprende, entra inevitavelmente em conflito com a burocracia da escola. Nessa perspectiva, o desenvolvimento de uma prática reflexiva eficaz tem que integrar o contexto institucional. O professor tem que se tornar um navegador atento à burocracia. E os responsáveis escolares que queiram encorajar os professores a tornarem-se profissionais reflexivos devem tentar criar espaços de liberdade tranquila onde a reflexão na ação seja possível. Estes dois lados da questão - aprender a ouvir os alunos e aprender a fazer da escola um lugar no qual seja possível ouvir os alunos - devem ser olhados como inseparáveis. Schön (1992, p. 87)

De acordo com Montessori apud (ROHRS, 2010, p. 23 e 24): idealizou-se um novo tipo de educador: “No lugar da palavra ele deve aprender o silêncio, no lugar de ensinar, ele deve observar, no lugar de revestir-se de uma dignidade orgulhosa que quer parecer infalível, se revestir de humildade.

Dentro dessa dinâmica, o professor reflexivo assume a responsabilidade de abordar as necessidades educacionais tanto dos docentes quanto dos discentes. Por meio desse processo, as soluções para desafios didáticos emergem e as experiências de aprendizado se solidificam. Essa abordagem reflexiva proporciona um espaço onde as aprendizagens ocorrem de forma colaborativa, tanto de maneira geral quanto em contextos específicos, graças ao compromisso e dedicação do profissional que adota essa perspectiva.

A abordagem dos professores reflexivos, sob a perspectiva de Isabel Alarcão (2011), traz um enriquecedor olhar sobre o papel do educador no processo educacional. Alarcão, renomada educadora e pesquisadora portuguesa, destaca a importância de os professores serem agentes ativos na construção de sua prática pedagógica, por meio de um constante processo de reflexão e análise crítica.

A ideia central da proposta de professores reflexivos é que o ato de ensinar deve ser permeado por um contínuo questionamento sobre as práticas adotadas em sala de aula. Essa abordagem não se limita à mera transmissão de conhecimento,

mas promove a autocrítica, levando os professores a considerarem suas ações, métodos e resultados de maneira a aprimorá-los constantemente.

De acordo com Alarcão (2011), a reflexão do professor é um processo complexo que envolve a análise de sua própria prática, o contexto educacional, as teorias pedagógicas e as características dos alunos. A reflexão não é apenas sobre ações passadas, mas também sobre decisões presentes e futuras. Esse processo reflexivo permite que os professores identifiquem pontos fortes, desafios e áreas que necessitam de aperfeiçoamento, conduzindo a uma prática mais informada e eficaz.

Além disso, a abordagem dos professores reflexivos ressalta a importância da colaboração e do diálogo entre educadores. Alarcão (2011) enfatiza que a troca de experiências e ideias entre colegas possibilita uma análise mais profunda das práticas pedagógicas, permitindo a identificação de diferentes perspectivas e abordagens.

A noção de professor reflexivo segundo Alarcão (2011)

baseia-se na consciência de capacidade pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo, e não como mero reproduzidor de ideias e práticas que lhe são exteriores. É central, nesta conceptualização, a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível situada e reativa. Alarcão (2011, p.44)

Na perspectiva schöniana (Schön, 1983, 1987) apud Alarcão (2011, p.44) ressalta, uma abordagem desse calibre é o resultado da confluência harmoniosa entre ciência técnica e arte, revelando uma sensibilidade quase artística para captar os indicadores evidentes ou implícitos na situação presente. A receptividade à proposta do professor reflexivo no Brasil, não apenas vincula isso à história da formação docente no país, mas também aponta para as temáticas atuais que caracterizam o panorama político brasileiro. A autora, em uma síntese articulada, destaca diversas razões que contribuem para essa aceitação.

Primeiramente, menciona a valorização crescente da escola e de seus profissionais no contexto da democratização da sociedade brasileira. Destaca também a contribuição do conhecimento escolar na construção da cidadania, apontando o próprio ato de ensinar como um processo essencial para promover maior igualdade social, destacando que isso é um caso excepcional e crítico no cenário global. Portanto, a ênfase recai sobre os saberes escolares, a estrutura da escola, os currículos, os ambientes e cronogramas de ensino-aprendizagem, o projeto pedagógico-político da escola, bem como a democratização interna da instituição, o

trabalho colaborativo, as condições de trabalho, estudo, reflexão e planejamento, a remuneração justa e o papel crucial dos professores nesse processo.

Essas considerações tangenciam tanto a universidade, o sindicato quanto os governos, todos co-responsáveis nessa trajetória. A escola se define como um espaço de formação contínua, e a discussão se estende até os alunos: quem são, de onde vêm? O que buscam da escola, suas representações, bem como aos professores: quem são? Como encaram sua profissão e como são percebidos por ela? Ao mesmo tempo, são analisadas as influências das transformações sociais, políticas, econômicas e do mundo do trabalho, além do impacto da sociedade da informação. Em meio a esses fatores, permanece a indagação sobre o papel da escola e dos professores.

A proposta de professores reflexivos não busca impor um modelo único de ensino, mas incentiva a diversidade de abordagens, desde que fundamentadas em reflexão crítica e compromisso com a aprendizagem dos alunos. Dessa forma, os professores tornam-se agentes ativos na construção de um ambiente de aprendizado dinâmico e eficaz, adaptado às necessidades dos estudantes e ao contexto educacional.

Em síntese, a abordagem de professores reflexivos à luz de Alarcão (2011,p.46) enfatiza a importância da autoanálise e da crítica construtiva na prática pedagógica. Essa perspectiva empodera os educadores, tornando-os protagonistas da própria evolução profissional e do aprimoramento contínuo da qualidade do ensino.

2.4.1 Formação inicial

Uma boa formação profissional, dominar o conteúdo e conhecer bem as teorias pedagógicas, são qualificações indispensáveis para os docentes, além destas a sala de aula e o dia a dia na escola exigem dele muitos outros conhecimentos e habilidades. É preciso saber planejar, estudar as didáticas, se manter atualizado e fazer uma boa gestão da sala. Isso inclui lidar com toda sorte de imprevistos e dificuldades que surgem, assim como se relacionar bem com os colegas, a equipe pedagógica, os alunos e seus familiares.

O tópico da formação de professores foi relegado a segundo plano nas décadas anteriores na história da educação brasileira, impulsionado, em parte, pela prevalência de um modelo positivista de ciência e uma abordagem psicologista da educação.

Essas abordagens moldaram as explicações para fenômenos e problemas educacionais, concentrando-se em questões como repetência, fracasso e sucesso escolar, com ênfase no paradigma de avaliação baseado em resultados. A atenção recaiu mais sobre os produtos alcançados do que nos processos formativos educacionais.

A partir dos anos 1980, a formação de professores ganhou destaque, tornando-se um tema central. Congressos e seminários voltados para a educação proliferaram, além de a pauta se enraizar nas políticas públicas educacionais e nos programas políticos partidários. A questão também passou a ser promovida em campanhas governamentais, além de ser um meio de obtenção de empréstimos de organizações internacionais, como o Banco Mundial, por exemplo. Esse movimento reflete uma compreensão crescente da importância da formação de educadores como um fator chave para o aprimoramento da qualidade da educação e para o desenvolvimento da sociedade como um todo.

A formação de professores é perspectivada a partir do fazer docente no contexto social, político e cultural brasileiro tendo como cenário os avanços tecnológicos, as novas concepções do trabalho e da produção que aponta para uma nova configuração Mundial atrelando saber a questão do poder entre as mais diversas culturas, povos e nações . Feldman (2009, p.73-74)

Termos que carregam consigo a essência da multiplicidade, da intrincada natureza da incompletude do conhecimento e da função docente, encapsulam a complexidade subjacente. A tarefa de desenvolver educadores com qualidade social e um comprometimento político para a mudança revela-se uma empreitada notável para aqueles que percebem a educação como um bem de caráter universal, um domínio público e um direito inalienável, integrados na construção da identidade individual e na prática da cidadania plena.

Para Nóvoa (1999) o ensino, na formação inicial dos professores, é uma “ciência aplicada” que parte da aplicação do conhecimento a capacitação reflexiva.

A formação de professores tem que procurar dotar-se desses componentes e dos métodos e situações em que se aciona o pensamento estratégico. Os métodos de formação baseados na tomada de decisões, realização de projetos para a prática, resolução de problemas ou análise da prática, apoiam-se nesta perspectiva. Nóvoa (1999, p. 83 - 84)

Nóvoa (1999, p. 74) ressalta que a prática docente não se restringe a um conjunto específico de conhecimentos ou verdades absolutas. É crucial entender que esses conhecimentos vão além do âmbito científico e que, em qualquer contexto, uma abordagem meramente intelectual para fundamentar a prática se mostra insuficiente. Ao mesmo tempo, a conexão entre as explicações teóricas e a prática, visível na atuação profissional, assume uma natureza distinta. Surge então a pergunta: que forma de conhecimento se revela na prática?

O ensino, muitas vezes concebido como a aplicação do conhecimento científico, desfruta de uma tradição acadêmica sólida, especialmente neste século, impulsionada pela visão técnico-positivista da relação entre teoria e prática. Desde sua origem, a pedagogia se desenvolveu como uma aplicação da psicologia. Sob essa abordagem, a pedagogia reúne habilidades e práticas que possibilitam a aplicação de conhecimentos oriundos de diversas ciências básicas na formação de professores. Essa perspectiva está profundamente enraizada na lógica que enxerga a realidade como um campo de aplicação, onde a prática é subestimada como um fenômeno preexistente, exceto quando regulamentada a partir do conhecimento científico.

Contudo, é importante reconhecer que essa estrutura não é universalmente aplicável a todas as disciplinas fundamentais. A complexidade da relação entre teoria e prática não se manifesta de maneira tão clara em todas as áreas do conhecimento.

Nas palavras de Alarcão (2011, p. 69) “ o professor como profissional do humano [...] têm uma especial responsabilidade sobre a sua atuação pelo que o conhecimento de si mesmo no que é no que faz”, o professor se insere em uma comunidade profissional, o que o leva a adentrar uma nova dimensão de conhecimento, denominada por Alarcão (2011) como "conhecimento da sua filiação profissional". Essa concepção destaca a influência significativa do trabalho nessa relação, alinhando-se às dimensões identificadas em congressos sobre formação contínua. Essas dimensões incluem o desenvolvimento pessoal e social, a expressão comunicativa, a perspectiva pedagógica, didática, histórica, cultural e institucional, além da vertente administrativa que compõe a vida pessoal e profissional do docente.

Tais dimensões estão intrinsecamente conectadas, refletindo o fato de que o professor é um profissional humano. Nesse âmbito, a postura e o perfil do educador se fundem tanto na esfera pessoal quanto na profissional. Essa interconexão sublinha a formação integral, que abrange valores humanos e uma missão voltada para a transformação da sociedade. O foco não é apenas na capacitação técnica, mas

também na construção de uma base ética e de um propósito que impulsiona a mudança e o progresso da sociedade como um todo.

2.4.2 Formação continuada

Em relação à formação continuada, Lerner (2002, p. 31) enfatiza que a atualização é uma necessidade constante para qualquer profissional, sendo ainda mais vital no contexto dos professores latino-americanos de hoje. Essa afirmativa se justifica por uma série de razões distintas. De acordo com Lerner, a transformação radical na perspectiva de alfabetização ao longo das últimas duas décadas não encontrou o devido eco nas instituições de formação de professores. A função social do educador enfrenta uma desvalorização sem precedentes, enquanto o acesso à literatura especializada é limitado devido à situação econômica dos nossos países.

Além disso, o panorama profissional dos educadores é lamentável, marcado pela falta de espaços adequados para discussão das práticas educacionais. Diante desse cenário, é importante ressaltar que a capacitação docente está longe de ser uma abordagem universal, algo que todos nós desejaríamos que fosse uma realidade. Diante desses desafios, fica evidente a necessidade de estabelecer esforços mais amplos e colaborativos para garantir que os educadores latino-americanos possam acessar oportunidades significativas de formação que reflitam as demandas e os avanços contemporâneos na educação.

Houve uma etapa em meu próprio desenvolvimento profissional, em que, ao finalizar cada ação de capacitação de professores eu considerava que tinha conseguido meu propósito e que, nesse dia em diante, a verdade tinha sido desvelada para todos os professores, com quem havia trabalhado, daí que o trabalho cotidiano dele sofreria uma transformação radical. À medida que acumulo maior experiência na realização de ações de capacitação de professores, procuro encontrar formas para diminuir meu nível de expectativas, porque sei que tudo aquilo que tento que o professor assuma está em contradição não só conquistou na etapa da formação profissional, como aluno e com crença socialmente atualizadas em relação a como se aprende. Nemirovsky (1988) apud Lerner (2002, p. 31)

A dificuldade em incentivar os professores a compartilharem suas contribuições científicas sobre a leitura, escrita e o processo de aprendizado não deve ser simplificada como mera resistência individual. Esta dificuldade encontra suas raízes no próprio funcionamento institucional. A influência da escola se faz sentir de maneira

sutil, mas abrangente, abrangendo todos os aspectos internos. Mecanismos inerentes à estrutura escolar muitas vezes operam à margem, ou até mesmo em contraposição, às vontades inconscientes dos professores.

Nesse contexto, não é suficiente apenas lamentar essa situação. Tornar os educadores aptos para esse desafio é imperativo, mas também é essencial explorar as condições institucionais que possam catalisar a mudança. Devemos examinar quais aspectos de nossas propostas têm maior probabilidade de serem bem recebidos pela escola e identificar aqueles que requerem a construção de estruturas preparatórias para que possam ser assimilados de maneira eficaz.

É de extrema importância deixar de lado um otimismo exagerado, uma característica comum entre os agentes de mudança. Reconhecer que o sistema educacional, o alvo de nossa transformação, opera independentemente das nossas ações e segue suas próprias dinâmicas, constitui um passo essencial. Nossa abordagem deve se alicerçar na compreensão das complexidades desse sistema, à procura de pontos de intervenção realistas e duradouros, em lugar de confiar somente em nosso entusiasmo inicial.

Reconhecer que a capacitação não é condição suficiente para a mudança na proposta de didática porque essa não depende só das vontades individuais dos professores - por melhor capacitados que eles estejam -, significa aceitar que além de continuar com os esforços de capacitação será necessário estudar os mecanismos ou fenômenos que ocorrem na escola impedem que todas as crianças se apropriem dessas práticas sociais que são a leitura e a escrita (sem correrem o risco de cair em posteriormente no analfabetismo funcional). Lerner (2002, p. 33)

À medida que compreende-se mais profundamente, as necessidades profissionais reveladas na prática da sua função docente, identifica-se maneiras de gerenciar ações e abordar questões relacionadas à atualização curricular relacionada à formação inicial institucional de forma mais significativa.

CAPÍTULO 3

MARCO METODOLÓGICO

Neste capítulo discorreremos sobre o fundamento metodológico da pesquisa bem como a sua abordagem. Descreveremos ainda o tipo e método de pesquisa para se chegar aos resultados. Em relação ao procedimento, análise e sistematização de coleta de dados, serão descritas as ferramentas utilizadas para se chegar ao resultado. Ainda no presente tópico é possível conhecer o meio e quais os sujeitos participantes foram fundamentais para a realização da pesquisa de maneira ética e fidedigna aos dados coletados.

3.1 Enfoque Epistemológico da investigação

Uma das características salutares da natureza humana é a sua constante busca por respostas. No meio acadêmico os questionamentos conduzem ao percurso da investigação científica que é determinante e torna possível manipular o objeto de estudo e conhecer a realidade, a descoberta e a contribuição com novos conhecimentos que movimentam e transformam a ciência e conseqüentemente a sociedade.

As transformações históricas e sociológicas trazem um aperfeiçoamento ao sentido da pesquisa no mundo contemporâneo, bem como um engajamento no âmbito científico por parte desses estudiosos. De acordo com Minayo (2014, p.19) “fazer pesquisa constitui um processo de trabalho complexo que envolve teoria, método, operacionalização e criatividade”. A autora atribui a este fato a legitimação do verdadeiro poder da Ciência na sociedade moderna, através da atuação e participação democrática do pesquisador.

[...] ser pesquisador é também estar integrado no mundo: não existe conhecimento científico acima ou fora da realidade. Mesmo um tema tão árido como método de investigação está altamente imbricado com o contexto social e histórico. Não existe “uma metodologia” interna que possa eximir o investigador dos significados atuais, para o bem e para o mal, do conceito da sociedade do conhecimento . MINAYO (2014, p. 19)

Epistemologicamente tratando do conceito de Ciência, considerando a definição de Ferrari (1974) apud Marconi e Lakatos (2003, p.80) que expressa de

maneira precisa que “ A ciência é todo um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido a verificação.” Compreendemos que a sistematização de conhecimentos relacionados ao fazer científico estão correlacionados sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar, para a produção do conhecimento científico que segundo Marconi e Lakatos (2003,p.80) “Constitui um conhecimento contingente, pois suas proposições ou hipóteses têm sua veracidade ou falsidade, conhecida pela experiência[...]”

O estudo social realizado na presente pesquisa, no que concerne ao conhecimento científico que é tido como provisório ou inacabado, jamais considerado como definitivo, considerando que “constitui-se em conhecimento falível, em virtude de não ser definitivo, absoluto ou final, e por este motivo é aproximadamente exato[...]” Marconi e Lakatos (2003, p. 80).

Tomando esta pesquisa como um processo social a ser realizado em determinado lócus educacional, contempla a busca pelo entendimento das dimensões intrínsecas e significativas dos processos educativos e das relações entre os sujeitos, bem como entre sujeitos/objeto de estudo não podem ser limitadas a variáveis estatísticas, sendo assim viável realizar pesquisa qualitativa.

Strauss & Corbin (1990, p.28) afirmam que o significado do termo pesquisa qualitativa consiste na pesquisa que produz resultados não provenientes de procedimentos estatísticos, referindo aos estudos sobre a vida do indivíduo, experiências de vida, comportamentos e emoções.

3.2 - Tipo de Estudo e sua Justificativa

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar quais as estratégias de ensino relacionadas a heterogeneidade das aprendizagens da leitura e da escrita têm sido vivenciadas pelos professores com seus estudantes.

Para melhor compreendermos a realidade investigada, a pesquisa qualitativa foi a abordagem que nos pareceu mais adequada, uma vez que nos interessamos em saber como os docentes entendem, interpretam, experimentam, participam e gerenciam os processos de ensino e de aprendizagem relacionados ao mundo da leitura e da escrita nas diferentes formas de reação a estes processos pelos estudantes em sua heterogeneidade no ato de aprender.

Tal escolha de pesquisa se justifica pela necessidade de entendermos como os professores lidavam com a heterogeneidade em sala de aula, a partir da perspectiva deles próprios, tanto através das observações e descrições de suas práticas, quanto de todo o contexto envolvido. Dentro da abordagem de pesquisa qualitativa, optamos pela entrevista, compreendida não como único modo de pesquisa, mas sim com uma estratégia comumente utilizada quando se quer reconhecer as inter-relações existentes entre os diversos problemas (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 85) educacionais, no nosso caso, a heterogeneidade.

A escolha desse instrumento de investigação justifica-se pela riqueza da contribuição dos participantes na realização dessa pesquisa, tendo os mesmos, voz ativa em todo o processo investigativo, assumindo o papel de principais atores durante essa jornada, fundamentando as interrogações que emergiram da investigação.

De acordo com o pensamento de Gil (2002, p.162) apud Silva (2011 p. 101) a metodologia compreende “[...] os procedimentos a serem seguidos na realização da pesquisa. Sua organização varia de acordo com as peculiaridades de cada estudo”. Ou seja, a escolha de como cada etapa será realizada dependerá do que se busca em cada estudo.

Partindo desse raciocínio, para esta pesquisa definiu-se o método qualitativo como mais adequado para os objetivos estabelecidos neste trabalho. Esta escolha se deu por entender que no método qualitativo não se procura medir ou enumerar unidades e sim, esclarecer a natureza do problema, em seus aspectos complexos e peculiares que se fossem depender apenas de dados quantificáveis perderiam força em seu significado.

Richardson (2008, p. 82), acerca do método qualitativo e seus procedimentos, faz a seguinte observação: “No que diz respeito a procedimentos metodológicos. Fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condiciona mutuamente: o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta dos dados. À trilogia acrescento sempre que a qualidade de uma análise depende também da arte, da experiência e da capacidade de aprofundamento do investigador que dá o tom e o tempero do trabalho que elabora.

3.3 Descrição e Justificativa do Tipo e Desenho da Investigação

A abordagem qualitativa de pesquisa desempenha um papel crucial na consolidação dos resultados obtidos, seja por meio de análises estatísticas rigorosas ou pela utilização de diversos instrumentos de qualificação. Enquanto a pesquisa quantitativa assegura a fidelidade dos dados, prevenindo distorções e apresentando uma margem de segurança substancial em relação aos números relatados, a pesquisa qualitativa aprofunda a compreensão dos fenômenos sociais, com enfoque em suas características subjetivas.

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Minayo (2014, p. 57)

Por outro lado, a pesquisa qualitativa busca uma compreensão mais profunda dos fenômenos, adentrando o mundo real e realizando uma análise minuciosa dos dados. Como destacado por Marques (2006):

Essa abordagem lida com dados que não podem ser reduzidos a números, sendo amplamente adotada nas ciências sociais e, conseqüentemente, na área da educação. Seu foco reside em desvendar a realidade por meio da revelação dos mapas mentais dos sujeitos envolvidos na investigação, captando percepções comuns e incomuns presentes na subjetividade das pessoas investigadas (MARQUES, 2006, p. 38-39).

A pesquisa qualitativa não apenas explora as complexidades inerentes aos problemas, mas também analisa emoções, vivências, sentimentos e experiências. Essa investigação é delineada pelos objetivos escolhidos para a pesquisa, proporcionando clareza quanto às expectativas do estudo. De acordo com Alcântara e Vesce (2008), a abordagem qualitativa lida com opiniões, representações, posicionamentos, crenças e atitudes, operando por meio de procedimentos racionais e intuitivos para compreender de maneira mais profunda a complexidade dos fenômenos individuais e coletivos.

A pesquisa qualitativa, portanto, representa um alto grau de complexidade ao aprofundar as interpretações e desvendar seus significados. É importante notar que, apesar das diferenças entre as abordagens qualitativas, elas não necessariamente mantêm uma relação de oposição, como sugerido por Alcântara e Vesce (2008).

Dessa forma, o processo qualitativo assume um papel crucial na exploração da relação entre a família e a representação social, vinculando-se às experiências educacionais, comportamentais, temporais e emocionais no contexto escolar.

A escolha pela abordagem qualitativa é justificada pela possibilidade de investigar as tensões dos grupos e segmentos delimitados em relação ao trato da heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes, focalizando os discursos e as histórias sociais sob a ótica dos atores do processo. Essa opção influencia diretamente a pesquisa ao permitir a exploração mais aprofundada da realidade social.

3.4 Princípio da Triangulação Metodológica

O Princípio da Triangulação Metodológica é uma abordagem fundamental dentro da pesquisa científica, especialmente no campo das ciências sociais. Essa abordagem foi amplamente discutida e popularizada pelo renomado pesquisador Creswell, reconhecido por suas contribuições significativas para a metodologia de pesquisa.

Creswell (2012, p.37) destaca a triangulação como uma abordagem que harmoniza diversas metodologias, enriquecendo consideravelmente o processo de pesquisa. Sua contribuição reside na perspicaz observação de que métodos quantitativos e qualitativos podem ser integrados de maneiras variadas em um único estudo. Além disso, Creswell salienta que a pesquisa quantitativa pode não apenas complementar, mas também potencializar a pesquisa qualitativa, estabelecendo, assim, uma relação de importância mútua entre ambas as abordagens.

Denzin e Lincoln (2006) afirmam que:

A triangulação é a exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas. Cada uma das metáforas “age” no sentido de criar a simultaneidade, e não o sequencial ou o linear. Os leitores e as audiências são então convidados a explorarem visões concorrentes do contexto, a se imergir e a se fundirem em novas realidades a serem compreendidas (DEZIN et al., 2006, p.20)

A triangulação metodológica busca aumentar a confiabilidade e validade dos resultados da pesquisa, por meio da utilização de múltiplos métodos, fontes de dados, perspectivas e teorias para examinar um fenômeno específico.

Creswell (2012, p.56) argumenta que a utilização de diferentes métodos de coleta e análise de dados, bem como a incorporação de diversos pontos de vista, pode ajudar a superar as limitações inerentes a um único método. Através da triangulação, os pesquisadores podem reduzir os vieses individuais, aumentar a riqueza e profundidade das informações obtidas e, portanto, produzir resultados mais confiáveis e abrangentes.

A triangulação pode ocorrer de várias maneiras:

1. Triangulação de Fontes de Dados: Isso envolve a coleta de dados de diferentes fontes, como entrevistas, observações, documentos e questionários. Combinar essas diferentes fontes de dados pode oferecer uma visão mais completa do fenômeno estudado.

2. Triangulação de Métodos: Isso implica o uso de diferentes abordagens metodológicas, como estudos de caso, pesquisa experimental ou estudos de corte, para investigar a mesma questão de pesquisa. A combinação desses métodos pode fornecer uma compreensão mais robusta do fenômeno.

3. Triangulação de Pesquisadores: Isso ocorre quando vários pesquisadores independentes analisam os mesmos dados. A convergência das interpretações independentes aumenta a confiabilidade dos resultados.

4. Triangulação Teórica: Isso envolve a aplicação de várias teorias ou perspectivas analíticas para interpretar os dados coletados. Diferentes teorias podem revelar aspectos variados do fenômeno.

5. Triangulação Temporal: Isso implica a coleta de dados em diferentes momentos ao longo do tempo, permitindo a análise das mudanças e evoluções no fenômeno.

A abordagem da triangulação metodológica, proposta por Creswell (2012) e outros pesquisadores, não apenas aprimora a qualidade da pesquisa, mas também ajuda a mitigar os possíveis vieses e limitações inerentes a qualquer abordagem única. No entanto, é importante reconhecer que a triangulação não é uma solução universal para todos os problemas de pesquisa. A escolha de como implementar a triangulação deve ser guiada pela questão de pesquisa, contexto e recursos disponíveis.

Em resumo, o Princípio da Triangulação Metodológica, à luz das contribuições de Creswell, destaca a importância de utilizar uma variedade de métodos, abordagens

e fontes para investigar um fenômeno, visando obter uma compreensão mais completa, precisa e confiável dos resultados da pesquisa.

3.5 Princípio da Validação de Instrumentos

A validação de um instrumento de pesquisa é um passo crucial para garantir a qualidade e confiabilidade dos dados coletados em estudos qualitativos. No contexto de uma escola, esse processo pode ser particularmente relevante, uma vez que busca assegurar que as questões abordadas estejam alinhadas com a realidade dos participantes e que o instrumento seja capaz de capturar as nuances do ambiente educacional.

Autores como Ollaik e Ziller (2012), assim como Hermina e Araújo (2006), ressaltam que a validação de instrumentos de pesquisa, especialmente na pesquisa qualitativa, desempenha um papel fundamental ao trazer elementos como cautela, coerência e consistência aos resultados. Essa validação se inicia no processo de elaboração, aplicação, correção e interpretação dos resultados.

Conduzimos a validação do instrumento de pesquisa qualitativa, nesse cenário, focando na técnica da entrevista gravada e transcrita.

Primeiramente, é importante destacar que o processo de validação deve ser embasado em rigor metodológico e ético. Uma abordagem sensível e cuidadosa é fundamental para engajar os participantes e obter respostas genuínas.

A trajetória que seguimos foi marcada por passos que marcam um processo criterioso de preparação, desenvolvimento e aprofundamento na pesquisa, sendo estes: seleção de participantes representativos do ambiente escolar, como professores, gestores e coordenadores; entrevistas individuais gravadas para capturar não apenas as respostas verbais, mas também as nuances de tom, expressão e emoção nas respostas dos participantes; transcrição das entrevistas, cada palavra e pausa são registradas. Isso permite uma análise detalhada das respostas; análise das transcrições para identificar temas, padrões e insights emergentes — Nesse ponto, a triangulação foi aplicada ao comparar os resultados obtidos das entrevistas com outros métodos ou fontes de dados, como observações em sala de aula ou documentos escolares — identificação de questões problema que necessitam de ajustes no instrumento, que apenas em uma situação particular ocorreu o que foi resolvido com um refinamento do instrumento para possibilitar uma segunda

rodada de entrevista individual , que possibilitou captar de forma mais precisa as colocações do participante e finalmente a análise para determinar com qualidade e clareza as respostas obtidas. A consistência entre as respostas dos participantes também foi avaliada.

Fiorentini e Lorenzato (2009) caracterizam a ética como parte da filosofia que explora os valores morais e princípios ideais da conduta humana. A ética, de acordo com eles, reflete sobre os valores individuais em situações críticas e dilemas da vida. A confiabilidade de um instrumento, que se evidencia por meio de resultados consistentes, é uma condição necessária para garantir a validade e a eficácia de qualquer investigação.

3.6 Unidades de Análise

Por meio da utilização da técnica de entrevistas gravadas e transcritas, a validação do instrumento de pesquisa qualitativa em uma escola se desdobra de maneira aprofundada e cuidadosa. Esse processo não apenas aprimora a qualidade dos dados coletados, mas também assegura que a voz e as perspectivas dos participantes sejam adequadamente refletidas na pesquisa, contribuindo para resultados mais robustos e significativos, para buscarmos corroboração nas unidades de análise a seguir.

Na obra Reflexões sobre alfabetização, Ferreiro (2011, p. 13) a representação da linguagem e o processo de alfabetização tradicionalmente a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado o estado de maturidade ou de prontidão da criança os dois pólos do processo de aprendizagem quem ensina e quem aprende tem sido caracterizado sem que se leve em conta o terceiro elemento da relação a natureza do objeto de conhecimento envolvendo essa aprendizagem.

A compreensão dos princípios do Sistema de Escrita Alfabética garante autonomia nos processos de leitura e escrita, mas as hipóteses apresentadas por Ferreiro e Teberosky (1984, p.64) não se apresentam de forma “transparente” para os que ainda não foram inseridos em um processo de reflexão e sistematização dos princípios que regem o sistema.

Soares (2020) constrói sua obra "Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever" a partir de sua experiência no Projeto Alfaletrar, o qual tem sido implementado na cidade mineira de Lagoa Santa desde 2007. O lema desse projeto

é inequívoco: "Ler e escrever, um direito inalienável de toda criança". O cerne do livro reforça a importância vital de democratizar o acesso e aprimorar a qualidade do ensino público, com o objetivo de proporcionar a todas as crianças a proficiência na leitura e escrita.

No âmbito teórico, a obra aborda intrincados aspectos linguísticos subjacentes ao processo de alfabetização, os quais são examinados sob novas perspectivas ancoradas em evidências científicas robustas. Ao entrelaçar as múltiplas dimensões da alfabetização, a autora propõe uma abordagem que vai além de um mero método de alfabetização, enfatizando a integração de um método com a alfabetização em si.

Vygotski (1991, p.18), esclarece "que a escrita, deve ter significado para as crianças, de que uma necessidade intrínseca deve ser despertada neles e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida".

A questão é atual, mas já foi colocada em destaque há muitos anos pelo psicólogo russo Lev Vygotsky (1896-1934) no livro *A Formação Social da Mente - O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*, ele considera que todos os alunos não detêm os mesmos conhecimentos nem aprendem de forma igual, e, portanto o educador deve ter estratégias diferenciadas para atendê-los.

Perrenoud (1995) aborda em sua obra a necessidade da busca constante dos docentes por estratégias eficazes para a aquisição das aprendizagens, para a promoção da democratização do ensino, ou seja, para que haja o ensino para todos.

O importante, na democratização do ensino, não é "fazer como se" cada um houvesse aprendido, mas permitir a cada um aprender. Quando não se consegue isso, a solução não é esconder a cabeça na areia, mas reconhecer um fracasso, que é, primeiramente o da escola, para melhor "retomar o trabalho". (PERRENOUD, 1995 p.98)

Leal, Sá e Silva (2018) pesquisadoras engajadas na busca de compreender o contexto escolar, na obra, *Heterogeneidade, educação e linguagem em contextos do campo e da cidade* discutem dois pressupostos aparentemente contraditórios: (1) a sala de aula é composta por estudantes que vivenciam percursos singulares, com experiências únicas, e que, portanto, são diferentes; (2) a sala de aula é composta por estudantes que vivenciam experiências comuns, trajetórias de vida coletivas, que implicam conhecimentos agregados semelhantes, experiências que se cruzam e que definem necessidades e valores que configuram identidades sociais.

Com base nesses dois pressupostos apresentam uma síntese de diferentes conceitos de heterogeneidade e seus impactos para a educação, promovem reflexões, abordando a Heterogeneidade no regime de ciclos e reflexões sobre concepções de professores alfabetizadores.

No livro “A Prática Educativa” de Zabala (1998), especialista espanhol em Filosofia e Psicologia da Educação o autor aborda a forma de ensinar adequada às necessidades do aluno. De acordo com Zabala (1998, p.35) “segundo as características de cada um, estabelecemos um tipo de atividade que constitui um desafio alcançável, mas um desafio, e, depois, lhes oferecemos a ajuda necessária para superá-lo”

De acordo com Montessori apud (ROHRS, 2010, p. 23 e 24): um novo tipo de educador deve se formar para transformar a realidade através da educação: “No lugar da palavra ele deve aprender o silêncio, no lugar de ensinar, ele deve observar, no lugar de revestir-se de uma dignidade orgulhosa que quer parecer infalível, se revestir de humildade.

3.7 Instrumento da Coleta de Dados

Considerando as insights de Laville & Dionne (1999, p.176), que destacam que "para adquirir informações acerca de fenômenos humanos, o pesquisador pode [...] consultar documentos relacionados ao tópico, ou obter essas informações através de observações ou ainda realizando questionamentos a indivíduos."

Dado que estamos lidando com uma investigação de natureza qualitativa, a escolha de ferramentas apropriadas para coletar os dados necessários, a fim de aprofundar a compreensão do objeto de pesquisa, assume importância fundamental.

Nesse contexto, Rodrigues (2006) estabelece:

[...] A seleção das técnicas de coleta de dados a serem empregadas deve estar alinhada com o problema de pesquisa, hipóteses e objetivos. Também dependerá dos sujeitos sob investigação, do tempo disponível para a realização da pesquisa, dos recursos financeiros e humanos, bem como de outros elementos que possam surgir durante o desenvolvimento da investigação. Entre os métodos mais frequentemente utilizados na coleta de dados estão a observação, a entrevista, o uso de formulários e questionários. Rodrigues (2006, p.92)

Nesse contexto, a entrevista foi escolhida como o instrumento que melhor se encaixava para moldar o estudo em questão e, assim, adquirir as informações cruciais para o progresso da pesquisa.

Por ser uma pesquisa qualitativa foi possível a utilização de conversas formais, observações, e a entrevista semiestruturada.

3.7.1 – Entrevista

A entrevista semiestruturada presente na investigação foi desenvolvida por questões elaboradas, porém não rígidas, permitindo ao entrevistador a possibilidade de necessárias adaptações. Trivinõs (1987) nos esclarece que a entrevista semiestruturada é:

“(...) aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa”. TRIVINÕS (1987, p. 146)

A escolha desse instrumento de investigação justifica-se pela riqueza da contribuição dos participantes na realização dessa pesquisa, tendo os mesmos, voz ativa em todo o processo investigativo, assumindo o papel de principais atores durante essa jornada, fundamentando as interrogações que emergiram da investigação.

TABELA 1 - Descrição de categorias da entrevista aplicada aos professores

Descrição das categorias da entrevista aplicada aos professores	
Q1	Identificação do entrevistado (gênero, idade, grau de instrução, tempo de função e turma que leciona)
Q2	Conceito de alfabetização
Q3	O que influencia no processo de ensino e aprendizagem
Q4	Heterogeneidade dos alunos e seus níveis de aprendizagem
Q5	Prática pedagógica
Q6	Formação pessoal

Fonte: entrevista realizada em 2021

A etapa da coleta de dados foi realizada através de entrevista estruturada com professores regentes e equipe gestora da escola. Foram 10 (dez), professores do ensino fundamental, anos iniciais e 03 (quatro) profissionais que compõem a equipe

gestora da escola. Para cada grupo, foram realizadas entrevistas individuais com questões que tratavam, principalmente, sobre

Com esse recurso metodológico buscamos identificar o conhecimento dos professores e a participação da família na vida escolar para o desenvolvimento da alfabetização e letramento.

Ainda segundo Marconi & Lakatos (1986) é importante que haja a “preparação da pesquisa”, ou seja, conversação do que vai ser abordada com antecedência, organização do roteiro de perguntas e marcação de data e local.

A entrevista semiestruturada permite aos entrevistados mais propriedade em relação ao assunto abordado, a fim de esclarecer possíveis dúvidas durante a entrevista, criando assim um clima de confiança entre os participantes.

Vale destacar que os sujeitos participantes em dois agrupamentos: o de professores e o de gestores. Devido às mudanças causadas pela pandemia da Covid-19 e obedecendo às normas sanitárias vigentes, as entrevistas com o grupo de professores foram realizadas por meio do *WhatsApp*, com chamadas de vídeo. No segundo grupo foi possível realizar as entrevistas em campo, presencialmente, diante das medidas de flexibilização dos protocolos de prevenção à Covid-19.

Ressaltando que, as entrevistas foram realizadas individualmente e posteriormente transcritas pela pesquisadora.

3.8 – Instrumento de análise de dados

De acordo com o formato de entrevista semi estruturada proposto, foram feitas as transcrições das falas, como constam nos apêndices deste trabalho, bem como foram organizadas as formações discursivas em fragmentos de textos compondo quadros correspondentes às questões categorizadas, facilitando assim a análise dos discursos numa perspectiva dialógica entre os mesmos, com o objetivo de alcançarmos enquanto pesquisadores uma compreensão das colocações ora individualizadas, ora coletivas analogicamente as situações reais vividas pelos sujeitos desta pesquisa.

Sendo de extrema importância a organização da entrevista semi estruturada em categorias, para o alcance dos objetivos desta investigação detalhamos abaixo a organização do instrumento, ressaltando que as questões compõem apenas um

roteiro previsto, que no momento da entrevista podem ter palavras e expressões adaptadas à situação dialógica:

A primeira categoria diz respeito à identificação pessoal e profissional dos professores, contendo 05 (cinco) questões acerca das categorias: gênero, idade, grau de instrução, tempo de função e turma que leciona.

A segunda categoria contempla o conceito de alfabetização, contendo 03 (três) questões orientadoras sobre a mesma, e a terceira categoria contempla com 03 (três) questionamentos com situações para análise voltadas ao processo de ensino aprendizagem. Ambas as categorias estão elencadas da seguinte forma para atingir o seguinte objetivo específico:

Investigar estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para o ensino aprendizagem da leitura e da escrita alfabética.

Questões previstas da segunda categoria:

O que você compreende por alfabetização?

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

Questões previstas da terceira categoria:

Você costuma explorar as diversas potencialidades apresentadas pelos seus alunos como meio para a aprendizagem? De que forma?

Quais estratégias de ensino utilizadas por você predominam em sua sala de aula de uma forma geral?

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

A quarta categoria, composta por 03 (três) questões, diz respeito à heterogeneidade dos alunos e de seus níveis de aprendizagem, os questionamentos a seguir foram planejados para buscar respostas para *identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade dos estudantes.*

Questões previstas da quarta categoria:

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula? Você considera sua turma heterogênea?

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no seu planejamento?

Você trabalha com todos os alunos juntos ou você os agrupa? Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

A quinta categoria, composta por 03 (três) questões, diz respeito à prática pedagógica e, os questionamentos a seguir foram planejados para buscar respostas para *verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis dos estudantes para a promoção da aprendizagem.*

Questões previstas da quinta categoria:

Cite exemplos das atividades voltadas à prática da escrita que você realiza com os alunos de uma forma geral?

Quais as estratégias que você costuma utilizar para ensinar aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

O que você tem feito para tornar a sua prática diária nas aulas cada vez melhor?

Na sexta categoria, composta por 02 (duas) questões, tratamos da Formação pessoal do professor, os questionamentos a seguir foram planejados para buscar atingir o seguinte objetivo: *averiguar se os docentes consideram-se teoricamente preparados para a prática de metodologias que proporcionem a aprendizagem dos estudantes considerando o nível de aprendizado que se encontram e suas potencialidades.*

Questões previstas da sexta categoria:

Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento? Você costuma participar de formações continuadas para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, ao buscar compreender e intervir no processo de construção pessoal da aprendizagem do alfabetizando?

No Apêndice A, encontra-se o instrumento na íntegra, bem como nos Apêndices subsequentes as transcrições dos discursos colhidos na entrevista semi estruturada.

3.8.1– Análise qualitativa

Para alcançarmos os objetivos da pesquisa tomamos como base os seguintes procedimentos metodológicos: dialogamos com a Equipe gestora, solicitamos e acessamos ao Projeto Político Pedagógico da escola, aos resultados das avaliações externas e ao monitoramento pedagógico da escola, realizamos entrevistas com a

equipe gestora e com os professores que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental e observamos aulas dos mesmos para compreendermos como lidavam com a heterogeneidade de suas turmas em relação ao processo de alfabetização. Os professores e a Equipe gestora demonstraram que compreendem que para haver aprendizagem é indispensável atender à heterogeneidade dos estudantes, porém nem todos os docentes levavam para a sua prática esse saber, sendo assim as teorias abordadas em formações ainda precisam se efetivar na prática, pois nem sempre as estratégias adotadas favorecem a apropriação de conhecimentos pelos alunos não alfabetizados, ou com dificuldades de aprendizagem.

3.9 – Sujeitos da Investigação

Foram entrevistados 10 professores, e 3 gestoras, estes sujeitos compunham um campo etário entre 34 e 59 anos. Essa variedade permite o tensionamento da perspectiva dos sujeitos, ampliando as discordâncias e convergências. Isso potencializa a ordem dos discursos.

A inclusão dos sujeitos participantes no grupo de professores se deu em duas frentes: a primeira foi para os professores regentes em sala de aula e a segunda para professores que compunham a gestão escolar. Para os professores regentes de sala de aula, os critérios foram: ter pelo menos dois anos de experiência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, apresentar a regência do 1º ao 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, desejar participar voluntariamente da pesquisa e ser efetivo no quadro de funcionários. Para a inclusão de professores que compunham a gestão escolar, os critérios de inclusão foram: ter pelo menos dois anos de experiência na gestão escolar, ter pelo menos cinco anos de experiência como docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O critério de exclusão comum aos grupos de sujeitos participantes foi o desejo de não participar da pesquisa.

3.10 Contexto Prático da Investigação

3.10.1 Lócus da Pesquisa

Arcoverde, cidade localizada no interior de Pernambuco a 256 km a oeste da capital do estado. Em 2016 o IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

estimou a população em 73.154, se posicionando na 22ª posição no ranking dos mais populosos de Pernambuco, ocupando a área de 323,370 km. Destaca-se com importante pólo comercial, de serviços e de entidades governamentais do interior do estado.

Na área de lazer, entretenimento e Cultura durante todo o ano há uma vasta programação de eventos e shows artísticos, como o "Carnaval Folia dos Bois" que objetiva resgatar a tradição, além dos bailes e desfiles de rua.

Na cultura o nome do nosso município é reconhecido em diversas partes do país, e também no exterior, através do samba de coco, que tem nos grupos Irmãs Lopes, Trupé e Raízes de Arcoverde seus maiores expoentes, a Capital do Sertão, também deu origem ao extinto grupo musical "Cordel do Fogo Encantado" e a "Orquestra Super Oara". Destacamos ainda o "São João Multicultural" que este ano irá homenagear as Mulheres do Reisado de Caraíbas, este evento atrai centenas de turistas da região que participam dos pólos de animação da festividade, a cidade ainda conta com vasta gama de artesãos e artistas plásticos.

Arcoverde também se destaca como polo educacional a cidade possui dezenas de escolas públicas e particulares, a faculdade AESA-CESA/ ESSA atrai dezenas de estudantes dos municípios vizinhos para os cursos de licenciatura plena, psicologia, enfermagem, fisioterapia e farmácia. Na UPE são oferecidos os cursos de Direito e Odontologia, além do ensino superior na modalidade EAD.

Desde 2013 o município intensificou as ações focando na qualidade no ensino público ofertado, em 2015 foi possível constatar que estamos no caminho certo, a partir do resultado obtido no IDEB, que passou de 4.7 em 2013 para 5.3 efeito do trabalho realizado pelos profissionais de educação do município em parceria com os institutos IAB- Instituto Alfa e Beto e IQE- Instituto Qualidade do Ensino, que fazem o acompanhamento sistemático através de avaliações, aulas compartilhadas, acompanhamento das sequências didáticas que objetivam o desenvolvimento das habilidades essenciais em Língua Portuguesa e Matemática e formação continuada dos professores.

Fonte: Arcoverde, Secretaria de Educação, 2017.

3.10.2 Escola Investigada

A escolha da escola, campo de pesquisa se deu devido ao interesse em conhecermos mais de perto uma escola que ficasse localizada na periferia do município, pensando hipoteticamente em haver condições favoráveis em observar a heterogeneidade da aprendizagem dos estudantes diante das condições de vulnerabilidade socioeconômica, cultura específica do lugar devido ao seu acesso remoto, fisicamente distante do centro da cidade.

Os alunos matriculados têm em média de 4 a 14 anos de idade, 385 matriculados no ano corrente, sendo 95 matriculados em turmas do Ensino Infantil e 290 no Ensino Fundamental 1.

A comunidade é composta por famílias que passaram a morar na localidade devido à duas principais razões: O baixo custo de casas, terrenos e aluguéis e a proximidade ao Presídio local que funciona no bairro antes da maioria das residências serem construídas ali. Sendo assim observa-se que muitas famílias passaram a residir no bairro por terem parentes em situação de reclusão e privação de convivência social, trazendo em sua vivência familiar as situações de muitos chefes de família, pais dos estudantes ou até mesmo avôs, padrastos, tios e irmãos estarem cumprindo regime fechado, e por este motivo estas crianças apresentarem uma carência estrutural familiar também, o que é de relevante influência para o desenvolvimento socioafetivo e sociocognitivo das crianças.

Visando conhecer melhor estas crianças, que em seu papel de estudantes com suas diversas formas de aprender e seus diferentes estágios e ritmos de aprendizagem pressupostos desde as questões genéticas até as situações sociais, econômicas e culturais acima citadas, buscamos esta escola como campo condizente ao tema da nossa pesquisa.

O perfil sócio-econômico é bem diversificado, mas a maioria dos alunos encontra-se situada na renda mínima, alguns pais encontram-se detidos no presídio local, boa parte é criada pelos avós ou parente próximo. Uma das fontes de renda é a reciclagem. É uma comunidade vulnerável à violência doméstica e social e isso reflete no comportamento dos estudantes.

A escola é um espaço de inclusão e tem um papel fundamental na vida de todos os alunos. “A educação para a diversidade tem de estar presente em todo o currículo e em todo ambiente escolar”. (RODRIGUES, 2001, p.98).

A organização da escola é fundamental para seu funcionamento de modo geral, visando sempre o bem estar dos alunos, a aprendizagem, as possibilidades e potencialidades, a descoberta e sem falar que a parceria efetiva da família nas decisões de forma compartilhada é muito importante no que diz respeito a cultura da escola.

A cultura é a própria identidade nascida na história, que ao mesmo tempo nos singulariza e nos torna eternos. É índice e reconhecimento da diversidade. É o terreno privilegiado da criação, da transgressão, do diálogo, da crítica, do conflito, da diferença e do entendimento. (CAMPOMORI, 2008, p. 78-79).

Para Barros (2008, p. 20) “a cultura engloba os aspectos que definem a identidade de uma pessoa, dos grupos e das sociedades como valores, percepções, imagens, formas de expressão e comunicação”.

Em um primeiro momento foi traçado um perfil sociodemográfico e pedagógico dos estudantes matriculados no segundo ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em nossa escola-campo. Por meio dos dados tabulados, construímos tabelas que melhor anunciassem as informações. O segundo momento foi a compilação dos discursos de pais, professores regentes e equipe gestora escolar.

Na fase da pré-análise foi realizada a investigação e do objetivo geral da pesquisa. Isso porque a análise será guiada tendo em mente a descoberta a que se propõe a pesquisa.

3.11 Fases da Pesquisa

A pesquisa qualitativa em uma escola segue um processo meticuloso e detalhado, composto por várias fases interligadas. Essas etapas garantem a coleta de dados de qualidade, análise aprofundada e a obtenção de insights valiosos sobre o ambiente escolar e os atores envolvidos.

3.11.1 Primeira Fase

Conhecimento do Lócus e dos Sujeitos, Elaboração do Instrumento de Pesquisa

Nesta etapa inicial, nos concentramos em entender o cenário da pesquisa, ou seja, o ambiente da escola onde a investigação será realizada (lócus), bem como os

indivíduos que serão estudados (sujeitos). Isso envolveu uma imersão na cultura escolar, na dinâmica das interações e nas características dos participantes.

Além disso, foi fundamental elaborar o instrumento de pesquisa: o roteiro de entrevista semi-estruturada. Esse instrumento foi construído com base nas categorias a serem investigadas e nos objetivos traçados. Ele foi o guia para a coleta de informações relevantes dos sujeitos, portanto chamado Guião de Entrevista.

3.11.2 Segunda Fase

Aplicação do Instrumento: Entrevista Semi-Estruturada Gravada

Nesta fase, ocorreu a aplicação prática do instrumento de pesquisa, a entrevista semi-estruturada com gravação autorizada foi utilizada como método de coleta de dados, permitindo uma interação mais flexível entre o pesquisador e os participantes, possibilitando que histórias, perspectivas e experiências fossem compartilhadas de maneira aprofundada.

As entrevistas são gravadas para garantir precisão e fidelidade na transcrição e análise posterior. Durante as entrevistas, buscamos explorar as categorias e temas previamente definidos, mas também insights inesperados durante a conversa.

3.11.3 Terceira Fase

Transcrição dos Discursos, Análise das Formações Discursivas, Relações Teóricas e Objetivos da Pesquisa

Após a coleta das informações por meio das entrevistas, realizamos as transcrições das gravações. A transcrição envolve transformar o conteúdo gravado em texto escrito, preservando nuances de linguagem, entonação e pausas, uma vez que esses detalhes podem carregar significados importantes.

A análise dos dados transcritos é uma etapa complexa que envolve a identificação de formações discursivas, que são padrões de linguagem, ideias e conceitos recorrentes. Além disso, exploramos as relações teóricas entre os dados coletados e as teorias relevantes existentes. Essa análise é crucial para responder aos objetivos da pesquisa e para gerar insights significativos sobre o fenômeno estudado.

Em resumo, as fases da pesquisa qualitativa realizada no Lócus envolveu a imersão no ambiente escolar, interação com os sujeitos, coleta de dados através de entrevistas, análise profunda dos discursos e exploração das relações entre os dados e a teoria. Esse processo minucioso e reflexivo culminou na compreensão enriquecedora do cenário escolar e das experiências dos participantes.

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 – Apresentação e discussão dos resultados obtidos da análise qualitativa

Para construirmos este Capítulo nos debruçamos sobre as observações e sobre o dito e o não dito por aqueles que atuaram em nossa pesquisa, que com suas vozes e posturas nos permitiram alcançar os nossos objetivos que marcam a busca pelas respostas de nossas indagações.

Abordaremos as análises dos dados e resultados alcançados no processo investigativo, embasando as formações discursivas de acordo com a “Análise de discurso” na linha francesa, com base nos estudos dos autores: Pêcheux (1988) e Orlandi (1987) apud Minayo (2014), onde se considera que a Análise de discurso (AD) cria um ponto de vista próprio de olhar a linguagem como espaço social de debate e de conflito. Orlandi (1999, p. 39) afirma que a mesma "permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também apresenta meios para que o analista estabeleça regularidades no desenvolvimento do discurso".

Pêcheux (1988) apud Minayo (2008, p.301), defende que a modalidade Análise do Discurso (AD) se utiliza da “fala e seu contexto”, adotando a coleta de dados com instrumentos selecionados, bem como uma complementaridade de dados adquiridos nas entrevistas e nas observações que “permite trabalhar com os sentidos e as significações dos discursos dos sujeitos”, uma vez que as observações representam o cotidiano dos sujeitos envolvidos no processo.

Segundo Orlandi (1987) apud Minayo (2014, p.322)

O movimento que acontece no interior do discurso é ao mesmo tempo, o processo, o produto e o centro nevrálgico da significação a ser compreendido na análise do texto. Portanto, todo texto exala ideologia e pode determinar a relação entre o enunciador e o ouvinte, caracterizando sua inserção em determinada formação discursiva.

Através das Observações e da Análise de discursos podemos compreender que as palavras não são a única forma de comunicação, as características ideológicas, culturais e o processo formativo dos profissionais diante do seu protagonismo docente, bem como a sua concepção de criança e de escola, de ensino

e de aprendizagem justificam suas falas na totalidade dos discursos e estabelecem vários significados, que nos permitem analisar e interpretar as formações discursivas verificando as nossas hipóteses e identificando as respostas para as nossas indagações, trazendo sentido para a nossa pesquisa.

A fim de analisar os dados obtidos por meio das entrevistas, utilizamos a metodologia da Análise do Discurso (AD), uma vez que pretendemos conhecer as construções ideológicas presentes nos discursos dos Professores do Ensino Fundamental nos anos iniciais (1º ao 5º ano), etapa a qual nos referimos como Ensino Fundamental I.

Os entrevistados serão representados através de letras, assegurando assim o anonimato dos mesmos. Os professores estão representados pela letra (P) e os gestores estão representados pela letra (G), seguidos de números arábicos, observando a sequência da entrevista, a fim de identificar cada um de forma técnica.

Diante da Pandemia do Covid-19, que iniciou durante o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível realizar observações presenciais no Campo de investigação em momentos anteriores, devidamente autorizadas porém, a fase de realização das entrevistas semiestruturadas ocorreu em um momento de isolamento social, utilizamos então as chamadas de vídeo do WhatsApp para encontrarmos remotamente, com os professores individualmente e com gestoras da escola nos encontramos presencialmente no lócus da pesquisa tanto para a autorização da pesquisa na instituição e pelos sujeitos envolvidos, como para a realização da entrevista semi estruturada. Apresentamos os objetivos do trabalho, respondendo às possíveis dúvidas sobre a investigação, seguido do agendamento para a realização da entrevista com os participantes.

Os professores e gestores foram conscientizados que as entrevistas seriam gravadas (voz) para posteriormente serem transcritas para a análise do discurso.

A composição da produção discursiva foi realizada a partir do discurso de 10 (dez) professores do Ensino Fundamental I e 3 (três) professoras que formam a Equipe gestora da escola. Bakhtin (1986) apud Minayo (2014, p.205) considera a palavra (no sentido de fala) com o fenômeno ideológico por excelência, por seu caráter histórico e social que a torna um campo de expressão das relações e dos conflitos.

Neste sentido o discurso foi agrupado em 6 (seis) Formações Discursivas – (FD), as quais respondem às perguntas e objetivos da investigação. Ficaram assim definidas: (FD) Identificação pessoal e profissional dos professores e da Equipe

gestora; (FD) Concepções de alfabetização; (FD) Estratégias de Ensino; (FD) Heterogeneidade e aprendizagem; (FD) Planejamento e intencionalidade pedagógica; (FD) Formação docente.

Com isso, para serem melhor compreendidas, fizemos um recorte dos discursos em quadros (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N), onde registramos as respostas que serão apresentadas na íntegra ou em excertos pertinentes a cada formação a ser analisada.

A análise qualitativa dos dados buscou-se compreender as ideologias dos participantes inseridos na pesquisa, por meio de recortes dos discursos dos mesmos, sendo assim, é importante destacar o que diz Gil (2010, p.21) onde o autor confirma que “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores das atitudes”.

Após os agendamentos para as entrevistas e posterior realização das mesmas, trazemos a apresentação dos resultados de forma organizada para melhor os distinguirmos e os compreendermos.

Os seguintes conceitos apresentados por Minayo (2010) nortearam esta etapa do trabalho, utilizando as propostas de síntese de dados, comparação cruzada, identificação de padrões, facilitação da análise temática e a clara visualização dos dados para a construção das análises das formações discursivas.

As formações discursivas, que serão apresentadas nos tópicos a seguir de acordo com a teoria da pesquisa qualitativa de Minayo (2010), contarão com a análise das respostas citadas na terceira fase da pesquisa, percorreram os seguintes passos para possibilitar que as respostas fossem organizadas em quadros contidos no apêndice P, deste trabalho e posteriormente a leitura detalhada e reflexiva para a construção de tabelas que possibilitaram a análise, triangulação e aproximação da compreensão de forma válida para esta pesquisa.

4.1.1 Identificação dos sujeitos da pesquisa

4.1.1.1 Identificação dos Professores

Foram entrevistados dez professores do Ensino Fundamental I, sendo nove do gênero feminino e um do gênero masculino. A média de idade dos entrevistados é de 34 a 59 anos e com uma média entre 2 a 17 anos na função que desempenham na instituição escolar pesquisada.

A entrevista realizada com 10 (dez) professores permitiu que fosse instituído um perfil de cada um. As questões foram reunidas em idade, gênero, tempo de formação e tempo de função na Formação Discursiva (FD): Identidade pessoal e profissional dos sujeitos da pesquisa.

TABELA 2-(FD): Identidade pessoal e profissional dos sujeitos da pesquisa
Identificação dos professores

Professores do EF1	Gênero	Idade	Formação Acadêmica	Tempo de Atuação
P.1	Feminino	36 anos	Licenciatura: Geografia	12 anos
P.2	Feminino	34 anos	Especialização: Geografia Licenciatura: Pedagogia	14 anos
P.3	Feminino	59 anos	Especialização:Psicopedagogia Licenciatura: Pedagogia	20 anos
P.4	Feminino	38 anos	Especialização:Psicopedagogia Licenciatura: Pedagogia	10 anos
P.5	Feminino	39 anos	Licenciatura em Pedagogia Especialização:Psicopedagogia	3 anos
P.6	Feminino	38 anos	Licenciatura: Pedagogia Especialização:Psicopedagogia	9 anos
P.7	Feminino	50 anos	Licenciatura: Pedagogia Especialização:Psicopedagogia	24 anos
P.8	Masculino	35 anos	Licenciatura: Pedagogia Especialização:Psicopedagogia	5 anos
P.9	Feminino	45 anos	Mestrado: Ciência da Educação Magistério	18 anos
P.10	Feminino	42 anos	Licenciatura: Letras	20 anos

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

4.1.1.2 - Identificação da Equipe Gestora

Foram entrevistadas três professoras que compõem a equipe Gestora escolar, a média de idade das entrevistadas é de 35 a 59 anos e com uma média entre 2 a 23 anos na função que ocupa atualmente na instituição escolar pesquisada.

A entrevista realizada com 3 (três) professores permitiu que fosse instituído um perfil de cada uma. As questões foram reunidas em idade, gênero, tempo de formação e tempo de função na Formação Discursiva (FD): Identidade pessoal e profissional dos sujeitos da pesquisa.

TABELA 3 -(FD): Identidade pessoal e profissional dos sujeitos da pesquisa

<i>Identificação da Equipe Gestora</i>					
Equipe gestora	Gênero	Idade	Formação Acadêmica	Tempo de Atuação Profissional	Tempo de Atuação - Gestão
G.1	Feminino	59 anos	Licenciatura: Biologia Especialização: Biologia	39 anos	23 anos
G.2	Feminino	35 anos	Licenciatura: Pedagogia Especializações: Psicopedagogia/ Gestão, coordenação e supervisão escolar	13 anos	3 anos
G.3	Feminino	42 anos	Licenciatura: Pedagogia Especialização: Psicopedagogia	13 anos	2 anos

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

Em seguida apresentamos excertos das entrevistas realizadas com os Professores e Equipe gestora da escola investigada.

Ao compilar as respostas em categorias ou temas, o quadro proporciona uma visão condensada das informações coletadas, destacando os pontos centrais abordados pelos entrevistados.

4.1.2 FD: Concepção de Alfabetização

Nas tabelas 4, 5, 6 e 7 a seguir, reunimos trechos extraídos da entrevista semiestruturada que abordam as concepções relacionadas à alfabetização. Essas concepções são apresentadas tanto de forma combinada quanto conflitante, ampliando a profundidade de significados. O objetivo é analisar as respostas, identificar padrões emergentes e tendências, e assim contribuir para a construção de teorias ou a formulação de hipóteses.

Os participantes fizeram suas colocações contemplando as seguintes perguntas:

- O que você compreende por alfabetização?
- O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?
- Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

A disposição das respostas lado a lado no quadro permite comparações diretas entre diferentes participantes ou grupos, revelando similaridades e diferenças nas percepções e experiências.

Na tabela a seguir será possível observar discursos que corroboram entre si na concordância em relação à temática:

TABELA 4-(FD): Concepção de Alfabetização

Fragmentos da entrevista	
Concepções de alfabetização com ênfase nas tendências construtivistas e tradicionais	
Professora 3	Alfabetização “é o processo de aquisição de um conjunto de habilidades que são necessárias para o desenvolvimento da prática da leitura e da escrita.” Neste processo [...] “o desenvolvimento do aprendizado e utilização do alfabeto como codificação para a realização da escrita e leitura [...] em um ambiente que “deve ser um espaço onde aconteça a prática de ler e escrever de forma contínua.”
Professora 6	“Alfabetização é o desenvolvimento das competências do ato de ler e escrever de maneira correta. Espera-se que as crianças adquiram a habilidades de ler e escrever compreendendo textos e socializando com outros de maneira em que o indivíduo possa trocar ideias e pensamentos. Uma estrutura física adequada com quadro, cartazes, carteiras e recursos que possibilitem o acesso a alfabetização, tais como livros didáticos, biblioteca, acesso a leituras e escritas simples e claro, um professor, o que é insubstituível nesse processo” seria o ambiente ideal alfabetizador.
Professora 9	“A alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e da sua utilização como código de comunicação e apropriação do sistema de escrita e pressupõe a compreensão do princípio alfabético, indispensáveis ao domínio da leitura e da escrita. Oferecer condições para desenvolver a leitura e a escrita através da habilidade de codificar a língua oral em língua escrita” é o que espera-se das vivências no processo de alfabetização. Em um ambiente alfabetizador deve conter: livros, jornais, histórias e materiais diversos que ajudem o aluno a desenvolver essa habilidade.”
Gestora 1	No processo de alfabetização é importante [...] “a cada ano diagnosticar as necessidades e o nível dos alunos para trabalhar de acordo com estas informações buscando o desenvolvimento na leitura. Identificar e decodificar letras, sílabas, palavras, frases e textos.” é o que se espera no processo de alfabetização em um ambiente que contenha “materiais expostos, alfabeto, imagens contextualizadas com a leitura, livros paradidáticos.”

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

Ao analisar as respostas de maneira estruturada, padrões emergentes e tendências podem ser mais facilmente identificados, auxiliando na construção de teorias ou na formulação de hipóteses.

Na tabela fornecida, são apresentadas diversas concepções de alfabetização com ênfase nas tendências construtivistas presentes nos discursos. Vamos analisar cada fragmento de entrevista e identificar os elementos construtivistas presentes em cada um:

Professora 3:

Neste trecho, a professora enfatiza o processo de aquisição de habilidades necessárias para a prática da leitura e escrita. A menção ao "desenvolvimento do aprendizado e utilização do alfabeto como codificação para a realização da escrita e leitura" reflete uma abordagem construtivista, pois reconhece a importância de os alunos construírem ativamente o entendimento do sistema alfabético como um meio de comunicação. Além disso, a ênfase em um ambiente em que "aconteça a prática de ler e escrever de forma contínua" está alinhada com a visão construtivista de aprendizado por meio de experiências significativas e contextos autênticos.

Professora 6:

Neste fragmento, a professora destaca o "desenvolvimento das competências do ato de ler e escrever de maneira correta" e a aquisição de habilidades para compreender textos e socializar. Essa perspectiva reflete elementos construtivistas, uma vez que a alfabetização é vista como um processo ativo em que os alunos constroem significados e se engajam em interações sociais por meio da leitura e escrita. A ênfase na criação de um ambiente ideal, com recursos como livros, biblioteca e interações com o professor, também está alinhada com a abordagem construtivista, que valoriza a importância do contexto e da mediação do professor.

[...] Piaget (1896-1980) e Vygotsky (1868-1934) são os grandes teóricos da Psicologia da Criança, que a estudam como construtora do seu crescimento e como um ser singular de dimensões diversas. Para Piaget, a criança adapta-se sempre de modo mais sólido e complexo. À medida que se desenvolve, ela aprende, por tanto o conhecimento se dá de dentro pra fora. Já para Vygotsky, a criança é um indivíduo que aprende a se desenvolver na interação com outros mais experientes do seu meio sociocultural. BRASIL (2015, P.15-16)

Professora 9:

Neste trecho, a professora ressalta o aprendizado do alfabeto como código de comunicação e apropriação do sistema de escrita, bem como a compreensão do princípio alfabético. Esses elementos estão em linha com a visão construtivista, que valoriza o processo de construção do conhecimento pelo aluno. A menção à "habilidade de codificar a língua oral em língua escrita" também destaca a ativa participação do aluno na construção do conhecimento linguístico.

Gestora 1:

A gestora destaca a importância de diagnosticar as necessidades dos alunos e adaptar o ensino de acordo com essas informações. Esse enfoque individualizado é

consistente com a abordagem construtivista, que valoriza o desenvolvimento do aluno como um processo único. A ênfase na identificação e decodificação de elementos linguísticos (letras, sílabas, palavras, frases, textos) também sugere uma visão construtivista, na qual os alunos interagem ativamente com o sistema de escrita para construir sua compreensão.

Na perspectiva construtivista, a alfabetização é vista como um processo ativo e interativo, no qual o aprendiz constrói ativamente o seu conhecimento por meio da interação com o ambiente e com os outros. Nessa visão, o aprendizado não é apenas transmitido pelo professor, mas é construído pelo aluno a partir de suas experiências e interações.

A abordagem tradicional da alfabetização geralmente se baseia em uma estrutura mais didática e orientada pelo professor, na qual o conhecimento é transmitido de forma mais direta para o aluno. Embora o discurso não se aprofunde tanto nessa perspectiva, podemos inferir traços tradicionais nas menções da Professora 3 às "habilidades necessárias para o desenvolvimento da prática da leitura e da escrita". Isso sugere uma visão mais orientada para o desenvolvimento de habilidades específicas, como decodificação de palavras e regras gramaticais, que são características da abordagem tradicional.

No entanto, a ideia de "desenvolvimento do aprendizado e utilização do alfabeto como codificação para a realização da escrita e leitura" também pode ser interpretada como uma tentativa de combinar elementos tradicionais e construtivistas, reconhecendo a importância da compreensão do sistema alfabético (característico da abordagem tradicional) ao mesmo tempo em que enfatiza a aplicação prática por meio da escrita e leitura contínuas (características construtivistas).

Em resumo, todos os fragmentos de entrevista apresentam elementos que refletem a ênfase construtivista nas concepções de alfabetização. Isso inclui a visão de aprendizado ativo, construção de significados, participação do aluno, contexto significativo e mediação do professor. As perspectivas apresentadas valorizam a construção do conhecimento por meio da interação com o ambiente e com os outros, características centrais da abordagem construtivista.

Segundo Carvalho (2010):

Quando o ensino das primeiras letras é muito dissociado dos usos da leitura na vida social muitas vezes o aluno conclui que se aprender a ler e a escrever para passar de ano e para copiar os exercícios dados pela professora no entanto se a alfabetização foi conduzida de forma

a demonstrar que a leitura e a escrita tem função aqui agora e não apenas em um futuro distante é provável que o indivíduo se sinta mais motivado para o esforço que a aprendizagem exige. Carvalho (2010, p. 14)

As formações discursivas apresentam concepções de alfabetização que podem ser interpretadas como uma combinação de elementos construtivistas e tradicionais, pois reconhecem a importância do aprendizado ativo e interativo, da prática contínua em contextos significativos e do entendimento do sistema de escrita, sem necessariamente adotar uma abordagem puramente construtivista ou tradicional.

A organização das respostas em um formato visual, como um quadro ou tabela, simplifica a comunicação dos resultados, tanto para a equipe de pesquisa quanto para o público-alvo, a seguir apresentaremos a tabela 5 que possibilita a identificação nos discursos que estão em consonância quanto à concordância em relação às concepções de alfabetização voltadas às práticas de letramento.

TABELA 5 -(FD): Concepção de Alfabetização

Fragmentos da entrevista Concepções de alfabetização com ênfase no Letramento	
Professora 2	[...] “Alfabetização não se restringe apenas a ler e escrever, é saber ler o mundo e entender o que se lê. É o conjunto de habilidades necessárias para desenvolver as demandas que porventura vão aparecer ao longo da vida deles. Acredito que também é necessária a existência de alguns elementos essenciais a uma boa vivência, tais como: confiança, afeto, respeito, cuidado e dedicação, dentre outros. Uma boa vivência com seu aluno muitas vezes pode ser a chave para a alfabetização efetiva.” O ambiente alfabetizador “Deve ser um ambiente agradável com materiais lúdicos, propícios a alfabetização, tais como: alfabeto ilustrado, jogos, alfabeto e números móveis, livros para leitura, placas de leitura, diversos gêneros textuais apresentados em cartazes, dentre outros elementos primordiais. Acredito também, que o ambiente deve ser acolhedor no sentido de ser colorido e criativo, para que o aluno sinta-se bem em estar lá.”
Professora 5	Alfabetização [...] “é uma forma de comunicação com o seu meio. Espera-se(no processo) desenvolver habilidades significativas, através do brincar, descobrir o mundo através da leitura audiovisual e ser inserido no meio social com a apropriação da leitura e escrita. Um ambiente aconchegante, colorido, vivo, com objetos e livros ao alcance da criança, lembrando do papel fundamental do professor que é um mediador para um mundo letrado, uma ponte para o conhecimento” é importante para o processo de alfabetização.
Professor 8	Alfabetização é “o processo pelo qual a criança é ensinada a ler e a escrever de forma autônoma. (Espera-se) que as crianças consigam ler e escrever com um nível de autonomia correspondente ao ano escolar que estão cursando, considerando as suas capacidades cognitivas e

	diferenças. Para mim, um ambiente alfabetizador é aquele em que se oferecem as condições para as crianças vivenciarem uma cultura letrada, com livros, revistas, materiais diversos e digitais capazes de desenvolver capacidades de ler não só os textos, mas também o mundo de forma crítica.”
Gestora 3	“Alfabetizar é criar um ambiente alfabetizador que favoreça o diálogo e a troca de experiências, estimule o ouvir e o falar, pratique a ludicidade, interação e não pule etapas. Espera-se que as vivências possibilitem às crianças a oportunidade de expressão e a valorização do conhecimento prévio a ser ampliado no espaço escolar. Um ambiente (alfabetizador é) onde a criança sinta-se à vontade para produzir e ver as suas produções expostas periodicamente[...].”

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

A análise qualitativa dos discursos presentes na Tabela 5 revela uma consonância em relação às práticas de letramento, com ênfase na compreensão da alfabetização como um processo mais amplo do que simplesmente ensinar a ler e escrever. Aqui estão algumas observações sobre as falas das diferentes entrevistadas:

Professora 2:

Essa professora enfatiza que a alfabetização vai além da mera aquisição de habilidades de leitura e escrita. Ela destaca a importância de compreender o mundo por meio da leitura, além de desenvolver habilidades para enfrentar as demandas da vida. Ela também menciona elementos essenciais, como confiança, afeto, respeito e cuidado, que são necessários para uma alfabetização eficaz. Seu conceito de um ambiente alfabetizador inclui materiais lúdicos e uma atmosfera acolhedora, onde o aluno se sinta à vontade.

Os discursos das Professoras 2 e 5 corroboram com Soares (1998) que conceitua:

O letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita é também o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Soares (1998, p. 39)

Professora 5:

A Professora 5 enfatiza a alfabetização como uma forma de comunicação com o meio. Ela destaca a importância do brincar e da exploração do mundo por meio da leitura audiovisual, bem como a inserção social por meio da leitura e escrita. Ela reconhece a relevância de um ambiente aconchegante e colorido, onde objetos e

livros estejam acessíveis para as crianças. O papel do professor como mediador e ponte para o conhecimento é ressaltado.

Professor 8:

O Professor 8 define alfabetização como o processo pelo qual as crianças aprendem a ler e escrever de forma autônoma. Destaca a importância de considerar as capacidades individuais das crianças e o nível de autonomia esperado de acordo com o ano escolar. Ele também enfatiza a criação de um ambiente rico em materiais, tanto físicos quanto digitais, para promover uma cultura letrada e desenvolver a capacidade de ler o mundo criticamente.

A relação que o Professor 8 aborda em relação a leitura do mundo evidencia o letramento em consonância com a definição de Kleiman, (2010) apud Valsechi (2010, p. 3) "a alfabetização é uma prática de letramento, intrínseca às atividades escolares, com metas e propósitos específicos, assim, trata-se de uma prática social situada."

Gestora 3:

A Gestora 3 destaca a criação de um ambiente alfabetizador que fomente o diálogo, a troca de experiências, a ludicidade e a interação. Ela enfatiza a valorização do conhecimento prévio das crianças e como esse conhecimento deve ser ampliado na escola. Além disso, ela menciona a importância de um ambiente onde as crianças se sintam à vontade para expressar-se e ver suas produções expostas.

Mendonça (2007, p. 46), cita que o conceito de letramento foi criado para "denominar um conjunto de práticas sociais que envolvem o uso da escrita em diversos contextos socioculturais" o que corrobora com a fala da Gestora 3 em que faz alusão à exposição das produções dos estudantes, caracterizando a perspectiva do letramento enquanto prática que valoriza a socialização do que se sabe, do que se produz em diversos contextos sociais e literários.

Em conjunto, esses discursos evidenciam uma compreensão compartilhada de que a alfabetização vai além das habilidades de leitura e escrita, incluindo a compreensão do mundo e o desenvolvimento de habilidades críticas. Há um reconhecimento da importância de um ambiente alfabetizador que seja acolhedor, estimulante e que permita a expressão das crianças. A mediação do professor como facilitador do processo de letramento também é um ponto de destaque nas entrevistas, esta temática que faz parte de outra FD que será abordada adiante, não deixa de estar relacionada às Concepções de alfabetização e letramento que se reproduzem na figura do professor alfabetizador, sujeito este descrito como mediador.

Na tabela 6 estão contidos excertos dos discursos dos professores 8 e 9 que expressam visões conflitantes em relação às concepções de alfabetização abordadas neste tópico.

TABELA 6-(FD): Concepção de Alfabetização

Fragmentos da entrevista	
Confronto dos discursos: Construtivismo x Letramento?	
Professor 8	[...] “A criança é ensinada a ler e a escrever de forma autônoma [...] considerando as suas capacidades cognitivas e diferenças [...] (para) ler não só os textos, mas também o mundo de forma crítica.”
Professora 9	“A alfabetização consiste [...] na apropriação do sistema de escrita [...] para o domínio da leitura e da escrita [...] através da habilidade de codificar a língua oral em língua escrita.”

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

A análise dos discursos revela concepções distintas em relação a alfabetização, com destaque para as diferenças entre os princípios construtivistas e de letramento, salientamos que há também concordâncias, uma vez que nenhum dos entrevistados demonstra opinião radical em uma concepção única, apenas analisamos e destacamos os pontos predominantes nos discursos em relação às abordagens observadas.

Professor 8:

Na fala do Professor 8, é evidenciada uma abordagem construtivista, ao citar o professor como principal sujeito do processo na expressão: “A criança é ensinada...” e não: “A criança aprende...”, o que colocaria a criança como protagonista no processo de alfabetização, porém no sentido total da expressão "criança é ensinada a ler e a escrever de forma autônoma" reflete uma perspectiva que reconhece o papel ativo do aluno na construção do conhecimento, quando cita a autonomia. A ênfase em considerar as "capacidades cognitivas e diferenças" alinha-se com a visão construtivista de que o aprendizado deve ser adaptado às necessidades individuais dos alunos. O destaque para a leitura crítica do mundo é um traço do letramento, pois enfatiza a capacidade do aluno de não apenas decodificar textos, mas também interpretá-los e relacioná-los ao contexto mais amplo.

Sendo assim percebe-se que:

-A ênfase na leitura crítica do mundo está em linha com a perspectiva de letramento, que busca desenvolver a capacidade dos alunos de compreender e interpretar textos em diversos contextos.

- A menção à autonomia na aprendizagem para "ler não só os textos, mas também o mundo de forma crítica" também é característica da abordagem de letramento, que visa capacitar os alunos a se tornarem participantes críticos e ativos na sociedade.

Professora 9:

A fala da Professora 9 apresenta elementos que podem ser associados à concepção construtivista: A menção à "apropriação do sistema de escrita" está alinhada com os níveis de aprendizagem citados nas teorias de Ferreiro e Teberosky (1974), que envolvem a compreensão e utilização das convenções da linguagem escrita. A busca pelo "domínio da leitura e da escrita" através da "habilidade de codificar a língua oral em língua escrita" também é congruente com esta perspectiva, pois enfatiza a aplicação prática da linguagem escrita em uma produção textual, por exemplo, porém no discurso espontâneo não cita contextualização com situações onde permeiam os gêneros, nem os contextos sociais ou situações de contextualização significativa atreladas a temáticas do meio onde os indivíduos estão inseridos.

Percebe-se então que:

- A ênfase na "apropriação do sistema de escrita" é compatível com a abordagem construtivista, que valoriza o processo de os alunos construírem ativamente o conhecimento.
- O processo de "domínio da leitura e da escrita" através da habilidade de codificar a linguagem oral em escrita também reflete uma abordagem construtivista, enfatizando a participação ativa do aluno na construção do conhecimento linguístico.

Em resumo, enquanto o Professor 8 destaca a leitura crítica do mundo e a autonomia do aluno, o discurso da Professora 9 enfoca a apropriação do sistema de escrita e a aplicação prática da linguagem escrita. Ambos os discursos apresentam elementos construtivistas e de letramento, destacando a riqueza e a complexidade das abordagens pedagógicas.

O necessário é fazer da escola um ambiente onde leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitam repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento de interpretar e produzir textos sejam direitos que a legítima exercer e responsabilidades que é necessário assumir. Lerner (2002, p.18)

Os discursos dos Professores 8 e 9 apresentam sutis consonâncias como antes especificado em relação a variedade de concepções que fazem parte da cultura

dos professores de forma geral, mas observa-se as diferenças subjetivas, mas significativas, em relação às concepções de alfabetização, especialmente no que diz respeito às abordagens construtivistas e de letramento, e na visão do papel do estudante neste processo onde o seu desenvolvimento, ou seja a aprendizagem, é que expressa o sucesso ou insucesso do professor.

Percebe-se de acordo com os discursos, que enquanto para o Professor 8 é importante possibilitar no processo de alfabetização autonomia e visão de mundo que traduz o ato de ‘exercer a leitura’, para a Professora 9 no processo de alfabetização a prioridade é ‘exercitar a leitura’, com enfoque nas competências leitoras dentro das situações abordadas na sala de aula.

Na tabela a seguir apresentaremos as Formações Discursivas da Gestora 2 e da Professora 10, para ilustrarmos a hipótese que surgiu na análise dos discursos de que ‘exercitar e exercer leitura’ são práticas que se completam no processo de alfabetização.

TABELA 7 - (FD): Concepção de Alfabetização

Fragmentos da entrevista Práticas que se completam	
Gestora 2	“Alfabetização é a sistematização para o ensino e aprimoramento da Língua falada, lida e escrita. Espera-se um desenvolvimento sistemático das habilidades e competências nas práticas de linguagem, resultando no domínio da Língua em suas diversas situações de uso até o final do Ensino Fundamental 1, 5º ano. Um ambiente alfabetizador deve ser composto por recursos objetivos e subjetivos que tragam pretextos e contextos para o uso e reflexão sobre a Língua. Especificando melhor: Recursos visuais e palpáveis como livros, revistas, letras móveis, cartazes, jogos, atividades diversificadas ; e recursos não palpáveis como gêneros orais e escritos, postura de leitor do professor como referência com incentivos, motivação, contextualização, criatividade, envolvimento e encantamento pelo mundo da leitura.”
Professora 10	“Alfabetização é o processo de sistematização da leitura e escrita para a aquisição da competência leitora. Espera-se contemplar as habilidades da Língua para a aquisição da competência leitora, bem como inserir o estudante no mundo letrado. Deve haver uma rotina, recursos visuais para consulta, jogos, livros a disposição e elementos significativos ilustrando a relação da leitura e escrita com os diversos campos da vida, dentro e fora da escola.”

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

Na perspectiva de P10, a alfabetização é definida como um processo meticuloso de estruturação das habilidades de leitura e escrita, com o objetivo de desenvolver a competência leitora essencial. Nesse entendimento, a aquisição das aptidões linguísticas não só capacita a leitura e escrita, mas também capacita o aluno

a se integrar de maneira efetiva no mundo circundante. Emerge claramente desta concepção uma postura educacional embasada em características marcantes que destacam o papel central do Professor como mediador e condutor do processo de ensino, sendo também encarregado de orientar os alunos em sua jornada educativa. Esta orientação, por sua vez, prepara os estudantes para uma inserção futura plena e bem-sucedida no contexto global.

A Gestora 2 demonstra uma compreensão da alfabetização que está alinhada com as concepções de Magda Soares (1998), especialmente em relação à visão mais ampla de letramento e ao reconhecimento das práticas sociais e culturais da linguagem escrita. Vamos analisar a fala em relação às ideias de Magda Soares:

A alfabetização como um processo de sistematização está de acordo com a visão de Magda Soares de que a alfabetização envolve não apenas a aquisição de habilidades de leitura e escrita, mas também o desenvolvimento das habilidades orais. Soares (1998) ressalta a importância de não separar a linguagem oral da escrita, reconhecendo a interconexão entre elas, a autora defende também que a alfabetização seja vista como um processo gradual e contínuo, em que as habilidades linguísticas são desenvolvidas ao longo do tempo e que a aplicação da Língua em várias situações de uso também está em linha com a abordagem de letramento proposta por Soares (1998), que acredita que a linguagem escrita é utilizada em contextos sociais e culturais diversos, e a alfabetização deve preparar os alunos para lidar com essas situações.

A descrição detalhada do ambiente alfabetizador, com recursos objetivos (livros, cartazes, jogos) e subjetivos (postura do professor, incentivos, motivação), reflete a visão de Soares (1998) de que o contexto e as práticas culturais são fundamentais para o letramento.

Portanto, a fala da Gestora se alinha, em grande parte, com as concepções de Soares (1998) sobre alfabetização e letramento, destacando a importância do desenvolvimento contínuo de habilidades linguísticas, a integração entre linguagem oral e escrita, e a relevância do contexto cultural e social para o processo de aprendizado da língua escrita.

As falas da G 2 e da P 10 convergem em vários aspectos, e também podem ser relacionadas às concepções de Paulo Freire sobre alfabetização.

Convergências entre Gestora 2 e Professora 10:

Ambas as profissionais compartilham uma visão que enfatiza a sistematização e o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Tanto a Gestora 2 quanto a Professora 10 destacam a importância de recursos visuais, jogos, livros e elementos que tragam contexto e significado para o aprendizado da língua escrita. Ambas consideram a relação entre leitura e escrita com diversos aspectos da vida e do mundo, e reconhecem a necessidade de motivar e envolver os alunos nesse processo.

Correspondência com as Concepções de Paulo Freire (1991):

As perspectivas da Gestora 2 e da Professora 10 podem ser relacionadas às concepções de Freire (1991) sobre alfabetização, que enfatizam a criação de um ambiente de aprendizado significativo e contextualizado, a importância de inserir o estudante no mundo da leitura e escrita por meio de temas e contextos relevantes para sua realidade.

Freire (1991) apud Soares (2006, p. 14 e 15) discute sobre alfabetização e letramento “não basta saber ler que Eva viu a uva é preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”. Dessa forma Freire (1991) chama nossa atenção para o fato de que não basta simplesmente dominar a escrita como instrumento tecnológico é preciso considerar as possíveis consequências políticas da inserção do aprendiz no mundo da escrita. Soares (2006) afirma que para entrar e viver nesse mundo do conhecimento

O aprendiz necessita de dois passaportes o domínio da tecnologia de escrita sistema alfabético ortográfico que se obtém por meio do processo de alfabetização e o domínio de competências de uso dessa tecnologia saber ler e escrever em diferentes situações e contextos que se obtém por meio de processos de letramento sobre esse respeito. SOARES (2006, P.15)

O envolvimento ativo do professor, a utilização de recursos visuais, a motivação e a conexão entre o aprendizado e a vida cotidiana dos alunos são princípios que ressoam nas falas da G 2 e da P 10 e também estão em sintonia com a abordagem pedagógica de Freire.

Ambas as profissionais apresentam princípios que podem ser associados às abordagens construtivistas e de letramento. A ênfase na sistematização e

desenvolvimento de habilidades, bem como na conexão com a vida e a realidade dos alunos, reflete princípios construtivistas de aprendizado ativo e contextualizado. Além disso, a consideração de recursos visuais, jogos e livros como elementos de apoio à alfabetização é condizente com a perspectiva de letramento, que busca não apenas ensinar a ler e escrever, mas também a compreender e utilizar a linguagem escrita de maneira funcional e significativa.

Em resumo, as falas da Gestora 2 e da Professora 10 demonstram uma convergência de ideias quanto à importância da sistematização, recursos visuais, contextos significativos e envolvimento ativo dos alunos na alfabetização. Esses pontos convergentes também podem ser interpretados à luz das concepções de Paulo Freire, bem como em relação aos princípios construtivistas e de letramento.

4.1.3 – (FD) Estratégias de Ensino

Nas tabelas a seguir, reunimos fragmentos dos discursos extraídos da entrevista semiestruturada que tratam das estratégias de ensino. O objetivo é analisar as respostas aos questionamentos listados abaixo e identificar padrões emergentes e tendências, e assim contribuir para a construção de teorias ou a formulação de hipóteses.

Os participantes fizeram suas colocações contemplando as seguintes perguntas:

- Você costuma explorar as diversas potencialidades apresentadas pelos seus alunos como meio para a aprendizagem? De que forma?
- Quais estratégias de ensino utilizadas por você predominam em sua sala de aula de uma forma geral?
- Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

As gestoras responderam a um bloco de com os mesmos questionamentos que foram adaptados ao campo de atuação das mesmas, ou seja, respondendo sobre todas as turmas de maneira geral.

- Você considera satisfatória a aprendizagem dos alunos atendidos pela escola?
- Quais estratégias de ensino você observa que são vivenciadas de forma coletiva nas salas de aula?

- Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

Na tabela 8 vamos observar os discursos aos quais estamos buscando análise para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para o ensino da leitura e da escrita.

TABELA 8 - (FD): Estratégias de Ensino

Fragmentos da entrevista Desenvolvimento das potencialidades dos estudantes através das estratégias docentes	
Professora 1	“Valorizando a realidade de cada um” através de “leitura de textos e correção de atividades.”
Professora 3	“Através do incentivo, promovendo a realização de projetos, atividades extraclasse, pesquisa e atividades para serem realizadas em grupos e projetos de leitura.”
Professora 5	“Valorizando e acreditando no seu potencial, dando oportunidade a esses alunos de ajudar os colegas de classe, ser o ajudante da professora, ler textos, levar recados aos demais, assim explorando diversas maneiras de aprendizado” com “aula expositiva, contação de história, correção coletiva, leitura e interpretação textual, músicas e brincadeiras direcionadas.”
Professora 10	“Busco ampliar o repertório de conhecimento dos estudantes, proponho desafios e me disponibilizo a dar atenção individualmente para que não fiquem desmotivados no percurso de suas conquistas” através de “ com PowerPoint proporcionando a interação dos estudantes, chamando para compartilhar suas respostas e aprenderem juntos. Propostas de situações de produção textual e correção. Apresentações em público para fazer uso da leitura em voz alta.”

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

A análise qualitativa dos discursos presentes na Tabela 8, referente às estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para o ensino da leitura e escrita, revela uma diversidade de abordagens que visam ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nos estudantes. Analisando de forma individual observamos que:

Professora 1: A abordagem dessa professora valoriza a realidade de cada aluno por meio da leitura de textos e da correção de atividades. Isso sugere um foco na individualização do ensino, reconhecendo as diferenças entre os estudantes e incorporando práticas de leitura e escrita em atividades de avaliação e prática.

Professora 3: A professora 3 enfatiza o incentivo e a promoção de projetos, atividades extraclasse, pesquisa e trabalho em grupos. Essa abordagem parece estar alinhada

com a criação de um ambiente mais envolvente e interativo, permitindo que os alunos explorem a leitura e a escrita em contextos variados.

Professora 5: A estratégia da professora 5 destaca o valor do potencial dos alunos, dando-lhes oportunidades para ajudar colegas, participar de atividades diversas e utilizar diferentes métodos de aprendizado. Ela menciona aula expositiva, contação de histórias, interpretação textual, músicas e brincadeiras direcionadas, indicando uma abordagem multifacetada.

Professora 10: A professora 10 busca ampliar o repertório de conhecimento dos estudantes, propondo desafios e oferecendo atenção individualizada para mantê-los motivados. Ela utiliza recursos como PowerPoint para interação, propostas de produção textual, correção e apresentações em público para incentivar a leitura em voz alta.

No geral, esses discursos revelam estratégias docentes que abordam a diversidade das necessidades dos alunos e incorporam uma variedade de métodos para promover a leitura e a escrita. As abordagens variam desde a valorização das realidades individuais dos alunos até a promoção de projetos, o incentivo à participação ativa e a ênfase na ampliação do repertório de conhecimento. Essa diversidade de estratégias destaca a importância de abordagens flexíveis para atender às diferentes formas de aprendizado e às necessidades específicas dos estudantes.

Segundo Carvalho (2010, p. 15) para formar indivíduos letrados, [...] o repertório e as situações de leitura [...] precisa ser ampliado para conter diversos tipos de textos que circulam intensamente na vida social. Para Weisz (1999), os processos de ensino e aprendizagem são distintos, no sentido do protagonismo dos sujeitos, sendo o professor responsável para que o ensino aconteça. Grifo das autoras, as estratégias utilizadas dependerão exclusivamente da dedicação e competência do professor.

O processo de aprendizagem não responde necessariamente ao processo de ensino, como todos imaginam. Ou seja, não existe um processo único de “ensino-aprendizagem”, como muitas vezes se diz, mas dois processos distintos: o de aprendizagem, desenvolvido pelo aluno, e o de ensino, pelo professor. São dois processos que se comunicam mas não se confundem: o sujeito do processo de ensino é o professor enquanto o do processo de aprendizagem é o aluno. WEISZ (1999, p.65)

Diante do contexto do sucesso ou insucesso dos estudantes na aprendizagem

da leitura e da escrita, seus avanços ou dificuldades em meio às intervenções docentes, apresentaremos na tabela a seguir os discursos dos professores a respeito de uma situação que gera dúvidas e conflitos: aprovar ou reprovar alunos com dificuldade em leitura e escrita. A abordagem na entrevista semiestruturada contou com este questionamento considerando que mesmo que o estudante estivesse inserido em meio as intervenções docentes antes mencionadas por seus professores, ainda assim o resultado ao final do ano não fosse o esperado, o que fazer? Progredir contando com as intervenções do próximo professor? Optar pela progressão do estudante considerando pequenos avanços ou considerar a avaliação somativa como prioridade, e reprovar o aluno para que no outro ano ele possa rever os objetos de conhecimento e alcançar um melhor desempenho ou melhores notas?

TABELA 9 - (FD): Estratégias de Ensino

Fragmentos da entrevista	
Progressão dos estudantes com dificuldade em leitura e escrita	
Professora 1	Em minha opinião deve-se reter o aluno e no próximo ano focar em eixos onde encontramos as dificuldades, para novas descobertas e desenvolvimento.
Professora 3	É importante, antes de pensar em reprovação, realizar práticas de leitura e escrita diversificadas provocando o interesse e estímulo à leitura e escrita. Quando já se fez tudo o que estava ao alcance e a criança não aprende a ler e escrever, acredito que discutir a melhor opção com a equipe escolar é interessante, pois cada caso pode ter necessidades de acompanhamento e ensino diferentes.
Professora 4	Acredito que a reprovação é um estímulo à buscar novos conhecimentos e oportunidades, porém é mais viável aprovar e tentar suprir as necessidades da criança no ano seguinte.
Professora 5	Não concordo com reprovação, pois não há uma intervenção pedagógica para os estudantes avançarem em seu desenvolvimento (leitura e escrita). Porém a reprovação pode aumentar o índice de abandono escolar. Contudo deveria rever a forma dessa progressão de turma e criar estratégias para as habilidades não atingidas.
Professora 10	Progredir o estudante com essas dificuldades é um grande problema, pois quando o mesmo apresenta estes aspectos, muitas vezes é por fatores externos sociais ou de saúde. Se estes não forem sanados a dificuldade vai existir e crescer a cada ano, então irá prejudicar o estudante. Acredito que se não aprovasse o aluno que não lê até o segundo ano e fosse feita uma investigação do problema, buscando junto a família alternativas, diminuiria bastante a quantidade de alunos com dificuldade em leitura e escrita nas séries posteriores

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

Analisando as falas das professoras sobre a progressão dos estudantes com dificuldades em leitura e escrita, é possível identificar diferentes perspectivas e opiniões em relação à aprovação ou reprovação dos alunos com dificuldades.

Analizamos as falas de forma individual e em seguida destacamos os pares que concordam em suas opiniões, bem como os grupos que discordam.

Professora 1: Defende a retenção do aluno no ano atual e, no ano seguinte, focar nas áreas onde ele apresenta dificuldades. Sua abordagem parece centrar-se na consolidação de habilidades antes de permitir que o aluno avance, visando a garantir uma base sólida para seu desenvolvimento futuro.

Professora 3: Destaca a importância de práticas de leitura e escrita diversificadas para despertar o interesse dos alunos. Ela menciona que, se todas as medidas foram tomadas e a criança ainda não consegue aprender, é válido discutir opções com a equipe escolar. Sua abordagem parece basear-se em intervenções pedagógicas variadas antes de considerar reprovação.

Professora 4: Acredita que a reprovação pode estimular a busca por novos conhecimentos e oportunidades, mas considera mais viável aprovar o aluno e fornecer suporte adicional no ano seguinte. Ela parece concordar com a progressão, desde que haja um esforço contínuo para suprir as necessidades da criança.

Professora 5: Discorda da reprovação, destacando a falta de intervenção pedagógica para impulsionar o desenvolvimento dos estudantes. Ela sugere que a reprovação pode levar ao abandono escolar e defende a revisão da forma de progressão, com estratégias para abordar as habilidades não alcançadas.

Professora 10: Ressalta que a progressão de alunos com dificuldades em leitura e escrita pode ser problemática, especialmente se as causas subjacentes não forem abordadas. Ela sugere uma investigação dos problemas envolvendo a família para encontrar alternativas. Sua visão é de que reter um aluno sem resolver os problemas subjacentes pode levar a dificuldades crescentes.

As Professoras 4 e 1 concordam entre si que a reprovação pode ter um papel estimulante, considerando como alternativas viáveis, buscar novos conhecimentos (P 4) ou focar nas dificuldades (P 1) no ano subsequente.

As Professoras 5 e 10 discordam da reprovação. A P 5 destaca a falta de intervenção pedagógica e a possibilidade de abandono escolar. A P 10 aponta para fatores externos e a necessidade de investigar a causa subjacente das dificuldades.

As professoras 3 e 10 compartilham a ideia de considerar alternativas e intervenções antes de pensar em reprovação. Enquanto as professoras 1 e 4 parecem mais abertas à possibilidade de reprovação, desde que haja um propósito claro e suporte adequado.

Em nossa sociedade, de acordo com Celestino (2012),

É comum as pessoas entenderem que não se pode avaliar sem que os estudantes recebam um valor por sua produção, ou seja, avaliar, para o senso comum, aparece como sinônimo de medida, de atribuição de um valor em forma de nota ou conceito. Entretanto, é possível concebermos uma avaliação cuja vivência seja marcada pela lógica da inclusão, do diálogo, da construção da autonomia, da mediação, da participação, da construção da responsabilidade com o coletivo. Tal perspectiva de avaliação alinha-se com a proposta de uma escola mais democrática, inclusiva, que considera as infindáveis possibilidades de realização de aprendizagens por parte dos estudantes. Celestino (2012, p. 04)

TABELA 10 - (FD): Estratégias de Ensino

Fragmentos da entrevista Estratégias e intervenções docentes e o risco de reprovação dos alunos na visão das gestoras	
Gestora 1	Os professores devem intervir com “leitura e acompanhamento estratégico, chamando ao birô para ler individualmente, leitura pelo professor com respostas coletivas dos alunos, atividades relacionadas a projetos, produções de texto e o aluno (que apresentar dificuldades) deve progredir, com orientações para haver um trabalho com estratégias para sanar as dificuldades do mesmo no próximo ano.”
Gestora 2	“Alguns alunos têm dificuldades de aprendizagem há vários anos e ainda não se conseguiu (os professores não conseguiram) encontrar formas de ajudá-lo a desenvolver habilidades básicas em leitura e escrita. Os professores devem realizar leitura e estimular a leitura coletiva e individual; Atividades impressas, jogos, sequências didáticas, formação de palavras, ditados e correções, produções de texto, abordagem e exploração de diversos gêneros. Trabalhamos em séries e esta progressão se torna mais difícil por isto. Aprovar um aluno que não consolidou as habilidades do 1º para o 2º ano é aceitável pois o mesmo terá a oportunidade de desenvolvê-las, pois ainda está no ciclo de alfabetização inicial, mas quando o processo já está mais avançado por exemplo do 3º para o 4º ano e o aluno não consolidou as habilidades básicas de leitura e escrita, surgem as dúvidas. O fracasso escolar é o resultado do déficit de consolidação das etapas de ensino no tempo previsto. Portanto, penso que o Conselho de Classe para analisar os benefícios e os malefícios de uma progressão de série é imprescindível, uma vez que são questões bem específicas.”
Gestora 3	Os professores devem fazer “uso da ludicidade e trabalhos em grupo. É interessante considerar o diagnóstico e monitoramento das aprendizagens. Observando o desempenho contínuo do estudante é possível decidir se ele pode progredir de série e continuar avançando.”

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

A análise qualitativa das visões das gestoras sobre as estratégias e intervenções docentes e o risco de reprovação dos alunos revela uma série de perspectivas e abordagens distintas para lidar com essa questão.

A gestora 1 enfatiza a importância do acompanhamento estratégico, com

intervenções como leitura individual e coletiva, atividades relacionadas a projetos e produções de texto. Ela acredita que os alunos com dificuldades devem progredir, mas com orientações claras para trabalhar suas dificuldades no próximo ano. Isso reflete uma abordagem de apoio individualizado e progressão contínua, com foco em sanar as deficiências.

A gestora 2 aborda a situação de alunos com dificuldades prolongadas de aprendizado. Destaca uma variedade de estratégias, incluindo leitura coletiva e individual, atividades impressas, jogos e exploração de gêneros diversos. Ela observa que a progressão se torna mais complexa à medida que os anos avançam argumentando que aprovar um aluno que não consolidou habilidades básicas pode ser aceitável nas fases iniciais de alfabetização, mas nos anos posteriores, quando o processo já é mais avançado, surgem dilemas. Enfatiza que o fracasso escolar está relacionado ao não cumprimento dos marcos de aprendizado esperados e ressalta a importância do Conselho de Classe na tomada de decisões sobre progressão.

A gestora 3 destaca a importância da ludicidade e do trabalho em grupo, além de considerar o diagnóstico e monitoramento das aprendizagens. Ela sugere que observar o desempenho contínuo do aluno é fundamental para determinar se a progressão é apropriada. Sua abordagem enfoca a avaliação constante do progresso do aluno, com destaque para métodos interativos de ensino.

Em relação às concordâncias e discordâncias, observa-se que as gestoras 1 e 3 compartilham a ênfase na individualização do apoio ao aluno e na avaliação contínua do progresso. Ambas destacam a importância de considerar as habilidades específicas do aluno antes de tomar decisões de progressão.

Por outro lado, a gestora 2 apresenta uma perspectiva distinta, abordando as complicações que surgem à medida que os alunos avançam nos anos escolares e como isso afeta a decisão de progressão. Ela enfatiza a necessidade de análises cuidadosas por meio do Conselho de Classe, considerando questões específicas de cada aluno.

Essas diferentes visões das gestoras ilustram a complexidade do equilíbrio entre intervenções docentes, progressão e risco de reprovação, refletindo abordagens variadas para garantir que os alunos alcancem suas metas educacionais.

Aí está a verdadeira clivagem: frente a desigualdades de aquisições e de níveis escolares devidamente constatados, uns baixam os braços e invocam a fatalidade e os limites da natureza humana, outros buscam novas estratégias. PERRENOUD (1995, p. 53)

A avaliação formativa se baseia nos processos contínuos de aprendizado, reconhecendo a educação tanto como um processo quanto como um veículo para a produção do conhecimento. Dentro do escopo da avaliação formativa, há uma consideração abrangente pelos métodos didáticos e metodologias envolvidas na construção do conhecimento. Hadji (2001) destaca a importância de incorporar essa forma de avaliação no dia a dia tanto dos educadores quanto dos estudantes, destacando que ela é um componente essencial para uma formação completa e duradoura, em contraponto a uma abordagem meramente pontual.

Outro enfoque avaliativo é o da avaliação somativa. Essa forma de avaliação se concentra em descrever e mensurar o quanto um aluno assimilou e até onde ele é capaz de aplicar seus conhecimentos em um determinado momento. Ela adota uma postura hierárquica, seletiva, direcionada e certificadora. A avaliação somativa encontra-se intrinsecamente ligada a avaliações externas e apresenta afinidade com os propósitos pedagógicos presentes no ambiente profissional (SANTOS, 2008b).

Em um cenário educacional, estratégias e intervenções docentes são cruciais para ajudar os alunos a superar desafios e atingir um bom desempenho acadêmico. A abordagem adotada pelos educadores pode ter um impacto significativo no risco de reprovação dos alunos.

As abordagens que visam identificar precocemente os alunos em risco de não alcançar os objetivos de leitura e escrita envolvendo avaliações contínuas e estratégias de intervenção para abordar as dificuldades antes que se tornem intransponíveis.

4.1.4 – (FD) Heterogeneidade e aprendizagem

Nas tabelas a seguir, compilamos extratos dos discursos provenientes de entrevistas semiestruturadas que abordam a temática da heterogeneidade e aprendizagem. O propósito subjacente a esta compilação é a análise minuciosa das respostas fornecidas às indagações elencadas, visando à identificação das tensões que os professores enfrentam diante da diversidade de processos de aprendizagem apresentados pelos estudantes. A heterogeneidade nas salas de aula, caracterizada

pela variação de habilidades, estilos de aprendizado e níveis de conhecimento, é uma realidade pedagógica que demanda atenção especial. Através desta análise, procuramos compreender como os educadores respondem a esse desafio e como suas perspectivas podem enriquecer nosso entendimento sobre estratégias de ensino inclusivas e eficazes.

Tomamos como roteiro na entrevista semiestruturada os questionamentos abaixo:

- Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula? Você considera sua turma heterogênea?
- Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no seu planejamento?
- Você trabalha com todos os alunos juntos ou você os agrupa? Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

Bloco de questionamentos diferenciado para os gestores:

- Você considera as turmas da sua escola heterogêneas? Especifique.
- Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula e da escola?
- Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no planejamento dos professores e nas suas intervenções enquanto gestor?
- Os professores costumam trabalhar com todos os alunos juntos ou agrupando-os? Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

Sendo esta categoria de fundamental relevância ao alcance do objetivo geral desta pesquisa, utilizaremos os excertos colhidos de todos os sujeitos que participaram da entrevista semi estruturada, uma vez que unanimemente demonstraram reconhecer o objeto de estudo presente na realidade das suas turmas e da escola.

TABELA 11 -(FD): Heterogeneidade e aprendizagem

Fragmentos da entrevista Heterogeneidade na sala de aula e na escola, planejamento, intervenções e agrupamentos	
Professora 1	<p>“Toda turma é heterogênea. Sempre que há oportunidade abordo os conteúdos de maneiras diferenciadas, mas nem sempre são planejadas essas abordagens, geralmente surgem de acordo com o feedback dos estudantes. [...]Procuro deixar (os alunos) onde sintam-se à vontade para se desenvolverem melhor naquele momento.”</p>
Professora 2	<p>Sobre heterogeneidade: “suas diversidades, habilidades, pensamentos e atitudes presentes em cada um. Cada aluno desenvolve atitudes próprias de um ser, que é humano e social, essas características são construídas a partir do seu convívio familiar e social. Por exemplo, existem alunos que têm mais facilidade no processo de alfabetização, outros mais dificuldade. Avalio as aprendizagens e o desenvolvimento dos alunos de forma contínua para que possa planejar intervenções adequadas principalmente para aqueles com mais dificuldades. [...] muitas vezes é necessário trabalhar em grupos por nível outra vezes no coletivo</p>
Professora 3	<p>“Devido à heterogeneidade existente o aprendizado acontece de forma diversificada entre os estudantes. Procuro planejar utilizando estratégias que correspondam aos interesses das crianças para chamar a atenção delas e assim dar uma boa aula. O trabalho em sala de aula acontece nos dois momentos e formas questionados (coletivamente ou em grupos). Quando em grupo acontece de forma diversificada.”</p>
Professora 4	<p>[...] “A minha turma apresenta esta característica (heterogeneidade). Com pouca frequência planejo aulas com atividades diferenciadas. Costumo trabalhar com diferentes métodos e diferentes formas de explicação para que os alunos consigam responder às atividades e aprender. Trabalho mais na coletividade. Algumas vezes em grupo para promover mais interação entre eles.”</p>
Professora 5	<p>“Minha turma é heterogênea e [...] trabalho com todos os alunos, na mesma classe, respeitando e cuidando das diferenças individuais, (isto) influencia mais no momento da aula do que no planejamento, afinal, o planejamento é flexível às situações didáticas em sala. Trabalho de duas maneiras, (coletivamente e em grupos) porém o trabalho em grupo é muito construtivo, as trocas de experiências são fundamentais para a aprendizagem, [...] algumas atividades são divididas por nível de aprendizagem, mas não pode ocorrer sempre, pois acaba rotulando os alunos. Estabelecer critérios para agrupar os alunos sem ser por nível de aprendizagem evita que eles sejam classificados de forma negativa.”</p>
Professora 6	<p>“Heterogeneidade na sala de aula é a oportunidade de aprendizagem igual para todos, ou seja, incluir todos no processo de aprendizagem. Incluir significa trabalhar com as diferenças e singularidades com equidade. Todas as turmas são heterogêneas. Sempre planejo aulas pensando nos diferentes níveis e nos diferentes perfis de estudantes que tenho. Se não for assim não acontece a aprendizagem de todos. Como professores alfabetizadores, não devemos deixar nenhum estudante para trás, considerando que cada um tem diferentes formas e diferentes tempos de aprendizagem, pois os grupos</p>

	são selecionados com níveis de aprendizagem distintos para que o aluno que sabe mais, auxilie o seu colega.”
Professora 7	“É que cada aluno é único, com a sua própria capacidade e com características distintas.Planejamento minhas aulas conforme as propostas da Secretaria de Educação, trabalho com os alunos coletivamente.”
Professor 8	<p>“A variedade de idades e nível de aprendizado retrata a heterogeneidade na sala de aula, mas há também uma heterogeneidade fenotípica muito grande. Há crianças negras, brancas, altas, baixas... em diferentes condições econômicas e familiares.</p> <p>Influencia (no planejamento) quando considero a comunidade a qual estão inseridos, ao nível socioeconômico e cultural, mas quanto a planejar atividades diversificadas, apenas esporadicamente. Pois não dá tempo com a necessidade de cumprir com a extensa grade curricular e vivenciar as atividades complementares que vêm prontas da Secretaria de Educação. Afinal, quando chegam às avaliações externas os estudantes são cobrados para que todos atinjam um determinado nível.</p> <p>Geralmente eu trabalho com todos os alunos juntos. É muito difícil eu fazer algum tipo de agrupamento para ensinar. Nas poucas vezes que eu fiz, levei em consideração os níveis de aprendizado ou mesmo apenas a amizade entre as crianças.”</p>
Professora 9	<p>“A referida heterogeneidade manifesta-se de várias maneiras: existe aquele aluno apático, portador de uma baixa autoestima, como existe também aquele que por um motivo ou outro se destaca e de maneira negativa com o objetivo de ser “o alvo das atenções”.</p> <p>Difícilmente eu planejo considerando a heterogeneidade, pois existem conteúdos e habilidades que todos precisam alcançar, não tem como trabalhar atividades de acordo com o nível e o tempo do aluno em uma sala de aula regular, alguns precisam de aulas de reforço para isso.</p> <p>Tem momentos que são agrupados para realizar atividades.”</p>
Professora 10	“São as diferentes formas de ser, de aprender e de pensar do estudante que fazem o processo ser diferenciado para cada um. A minha turma é heterogênea. Sempre penso nos níveis e perfis dos meus alunos ao planejar minhas aulas. Analiso os objetivos a serem alcançados e traço estratégias para abordar os conteúdos de forma que facilite a aprendizagem dos estudantes.Trabalho de todas as formas citadas. Para agrupá-los, analiso o objetivo da atividade e penso se será melhor para os estudantes alcançá-los agrupados com outros níveis semelhantes ou com colegas de níveis diferentes.”
Gestora 1	“Totalmente heterogêneas (em relação às turmas da escola), há extremos sociais, econômicos e culturais observados na comunidade escolar, que refletem em várias situações de comportamento e aprendizagem das crianças na escola.Sempre dialogamos a respeito das diversas condições que se apresentam na escola. (Os professores) trabalham a maior parte do tempo, de maneira coletiva.”
Gestora 2	“Todos os espaços de convivência humana refletem esta característica. A heterogeneidade dos alunos é reflexo natural, social, cultural e genético da humanidade. Cada indivíduo é diferente do outro em sua interdimensionalidade e o nosso papel como propulsores do seu desenvolvimento é atendê-los para que desenvolvam as suas diferentes potencialidades.Na gestão pedagógica costumo enfatizar a importância do monitoramento da aprendizagem, da observação e consideração dos níveis em que os alunos se encontram para planejar e propor estratégias e atividades mais incisivas diante das diversas necessidades dos estudantes, é um grande desafio para o professor gerenciar estes processos, uma vez

	que o currículo está posto, cabe ao professor realizar adaptação curricular para não deixar de garantir o direito do acesso ao mesmo pelo aluno e que o aluno consiga gradativamente acompanhar os objetos de conhecimento. É um verdadeiro trabalho de resgate da aprendizagem de alguns alunos que deve acontecer, nem todos os professores conseguem. Alguns se esforçam para fazê-lo. Outros nem tentam. Cada professor apresenta um perfil, há heterogeneidade docente também. A maioria das práticas consiste no trabalho com a turma toda ou individual, poucos professores na escola realizam agrupamentos por níveis, o que na minha opinião profissional facilitaria as intervenções por níveis.”
Gestora 3	“O subjetivo humano é substancialmente diferente, e assim acontece com as mais variadas formas de aprendizagem levando em consideração os ritmos de cada um (A heterogeneidade) refere-se às diferentes formas de aprender e de ensinar, ao conhecer as diferenças, as dificuldades e as potencialidades é que se busca meios para resolvê-las e o planejamento é fundamental para a organização de estratégias e metas.Os agrupamentos acontecem quando necessário, praticando a aprendizagem colaborativa.”

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

Para Lerner (2002, p. 16 e 17) ensinar a ler e escrever de ensinar a ler e escrever é um desafio que transcende amplamente alfabetização em sentido estrito o desafio que a escola enfrenta hoje em dia em incorporar todos os alunos a cultura do escrito é o de conseguir que todos os seus alunos cheguem a ser membros plenos da comunidade de leitores e escritores.

É inevitável encontrarmos heterogeneidade nos níveis de conhecimento dos estudantes, [...] em todas as etapas de escolarização. Exatamente porque todas as pessoas humanas são únicas, mesmo que criássemos artificialmente, uma turma de alfabetizando começando o ano letivo com níveis de conhecimento muito semelhantes (no que diz respeito à língua escrita e à sua notação), pouco tempo depois iríamos nos defrontar com a visível diferenciação nos conhecimentos agregados por aqueles alunos, na mesma área de linguagem. (BRASIL,2012, p.07)

Nesta análise qualitativa da tabela, a temática da heterogeneidade e aprendizagem é abordada por meio de discursos de diferentes professores e gestoras. A análise destaca tanto as concordâncias quanto às discordâncias entre as perspectivas apresentadas, bem como as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens da leitura e da escrita e as tensões enfrentadas pelos professores.

Concordâncias:

- Professoras 1, 2 e 5 enfatizam a heterogeneidade presente nas turmas e reconhecem que os alunos têm diferentes níveis de habilidades.
- Professoras 3, 4 e 6 mencionam a importância de planejar aulas considerando

estratégias que correspondam aos interesses dos alunos e seus diferentes perfis de aprendizado.

- Professoras 2, 5 e 6 discutem o uso de grupos para melhor atender às necessidades dos alunos, com Professora 5 apontando a importância de evitar rótulos negativos.

Discordâncias:

- Professora 4 enfatiza trabalhar mais na coletividade, enquanto Professora 5 destaca a construtividade do trabalho em grupo.

- Professora 9 expressa a dificuldade de planejar considerando a heterogeneidade, enquanto outras professoras mostram preocupação e empenho em fazê-lo.

Estratégias de Ensino:

- Professora 1 destaca a abordagem diferenciada quando há feedback dos alunos, permitindo que eles se desenvolvam onde se sintam mais confortáveis.

- Professoras 2, 3 e 6 mencionam planejar intervenções adequadas para alunos com dificuldades, incluindo o uso de grupos.

- Professoras 6 e 10 mencionam o uso de grupos com diferentes níveis de aprendizado para promover colaboração e apoio mútuo.

Tensões:

- A gestora 2 enfatiza o desafio de gerenciar a heterogeneidade em sala de aula, especialmente quando o currículo é inflexível e requer adaptação curricular.

- Professora 9 destaca a dificuldade de planejar estratégias considerando as diversas necessidades dos alunos em uma sala de aula regular.

Essa análise revela abordagens diversas para lidar com a heterogeneidade nas aprendizagens da leitura e da escrita, com ênfase na importância do planejamento, uso de grupos e adaptação curricular. Também evidencia as tensões enfrentadas pelos educadores na tentativa de atender às necessidades variadas dos alunos em uma sala de aula heterogênea.

Para Leal (2005, p.108), se nos dedicarmos exclusivamente a um único tipo de atividade, corremos o risco de atender a um grupo de alunos que está progredindo no caminho da alfabetização em uma direção específica, enquanto deixamos de alcançar outro grupo de alunos que segue por uma trajetória diferente. Nessa perspectiva, o emprego exclusivo de uma única atividade demonstra ser insuficiente para promover o avanço de todos os alunos, visto que cada indivíduo trilha um percurso singular.

Portanto, essa abordagem satisfará somente um segmento do grupo discente.

4.1.5 – (FD) Planejamento e intencionalidade pedagógica

Para apresentar e analisar as Formações Discursivas desta categoria selecionamos as falas dos sujeitos da investigação ora de forma amostral, ora de forma geral, de acordo com a pertinência do objetivo específico a ser alcançado.

Os participantes fizeram suas colocações contemplando as seguintes perguntas:

- Cite exemplos das atividades voltadas à prática da escrita que você realiza com os alunos de uma forma geral?
- Quais as estratégias que você costuma utilizar para ensinar aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?
- O que você tem feito para tornar a sua prática diária nas aulas cada vez melhor?

Para verificar se há intencionalidade pedagógica no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de aprendizagem dos estudante, organizamos os excertos colhidos desta categoria com duas tabelas amostrais (tabela 12 e tabela 13) que expressam as práticas cotidianas presentes nos discursos e respectivamente a a auto avaliação atitudinal dos professores em relação à melhoria das práticas.

As tabelas 14 e 15 trarão a análise dos discursos dos professores e dos gestores, respectivamente, acerca das atividades diversificadas na escola, para esta análise traremos os excertos dos discursos de todos os participantes da pesquisa, a fim de ampliar a análise a respeito desta temática.

TABELA 12 -(FD): Planejamento e intencionalidade pedagógica

Fragments da entrevista Práticas cotidianas	
Professora 2	Formação do nome, formação de palavras simples, escrita de pequenas frases ou trechos de um texto para estudo e identificação de letras, sílabas e palavras, separação silábica, entre outros.

Professora 5	Listas (com frutas, nomes dos colegas), ditado com os padrões silábicos trabalhados, textos (parlendas, adivinhas) e músicas, respeitando o tempo de evolução de cada aluno.
Professora 6	Ditados, escrita do nome de objetos através de imagens, poemas, trava-línguas e exercícios transcritos no caderno.
Professora 7	Propostas de produção textual escrita de textos e gêneros textual, ditado ,jogos lúdicos entre outros.
Professor 8	As atividades são de dois tipos: para os que ainda não sabem ler, são feitas atividades mais simples com leitura e formação de palavras; Para os que estão no nível adequado à série trabalho com produções de textos mais longos, com diversos gêneros textuais, continuação de história ou relatos pessoais: diário ou memórias, por exemplo. Ainda sobre essas últimas, a correção dos textos são também uma oportunidade para explicar sobre a produção de texto.
Professora 10	Várias, a escrita é muito essencial em nossa vida, podemos observar que na cidade ou no campo, a escrita muda a vida dos indivíduos e ela encontra-se não só em atividades escolares, mas também em outras como, por exemplo: lista de compras e assinatura de documentos.

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

As falas dos professores em relação às suas práticas cotidianas para alfabetização dos alunos, revelam uma variedade de abordagens e estratégias empregadas para promover a aprendizagem da escrita e leitura. Os discursos apresentam uma gama de práticas pedagógicas, demonstrando o empenho dos professores em adaptar suas metodologias às necessidades e níveis de evolução individuais dos alunos.

A professora 2 menciona uma diversidade de atividades, desde a formação do nome até a escrita de pequenas frases e trechos de textos para análise de letras, sílabas e palavras. A professora 5 demonstra sensibilidade à evolução dos alunos ao empregar listas, ditados com padrões silábicos e textos como parlendas e adivinhas, ajustando-se ao ritmo de cada estudante. A Professora 6 emprega uma abordagem variada com ditados, escrita de nomes de objetos por meio de imagens, poemas e trava-línguas, incentivando a exploração da linguagem de várias maneiras.

Por sua vez, a Professora 7 enfatiza a produção textual, incluindo a escrita de diferentes gêneros textuais, ditados e jogos lúdicos, fornecendo uma abordagem ampla à alfabetização. O Professor 8 diferencia suas atividades com base no nível de leitura, realizando atividades mais simples para iniciantes e focando em textos mais longos e variados para alunos mais avançados. Além disso, ele destaca como a correção dos textos também serve como uma oportunidade de ensinar sobre a produção textual.

A professora 10 amplia o escopo da alfabetização, ressaltando sua importância

na vida cotidiana, não apenas nas atividades escolares, mas também na cidade ou campo, citando exemplos como listas de compras e assinatura de documentos.

A análise qualitativa dessas falas sugere que os professores reconhecem a diversidade dos alunos e adaptam suas abordagens para atender às necessidades individuais. Além disso, as práticas pedagógicas abrangem desde atividades iniciais de formação de letras até a produção de textos mais complexos, revelando uma abordagem integrada e abrangente para a alfabetização. Isso indica um compromisso em desenvolver habilidades linguísticas que vão além da sala de aula e têm impacto na vida cotidiana dos alunos.

A abordagem da prática docente como mediador surge em consonância com o desenvolvimento da "pedagogia progressista", que ganhou destaque a partir da década de 1970. Sob essa ótica, o professor assume um novo papel na relação educacional, concentrando-se na orientação de indivíduos conscientes e ativos, aptos a contribuir para a transformação e o aprimoramento da sociedade. Essa visão reconfigura profundamente o papel do professor, transcendendo a mera transmissão de conhecimento, e o direciona para o estímulo da capacidade autônoma de aprendizado do aluno.

Essa perspectiva também dialoga com a concepção de escola cidadã delineada por Paulo Freire. Nesse contexto, o professor deixa para trás uma postura estática, tornando-se um elemento dinâmico e essencial na vida do aluno. A prática docente como mediador incentiva o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico, autonomia e participação ativa. Ao invés de uma relação unidirecional, o professor atua como um guia, um facilitador da jornada educacional, capacitando os alunos a explorar, questionar e construir o próprio conhecimento.

Portanto, a concepção de professor mediador está intrinsecamente ligada à prática docente inovadora e engajada, que visa não apenas à transferência de informações, mas também ao cultivo de cidadãos conscientes e participativos, capazes de transformar a sociedade em que vivem.

A mediação do professor como facilitador do processo de letramento é um ponto de destaque nas falas docentes, esta temática está relacionada às Concepções de alfabetização e letramento que se reproduzem na figura do professor alfabetizador, sujeito este descrito como mediador.

TABELA 13 - (FD): Planejamento e intencionalidade pedagógica
Fragmentos da entrevista
Melhora contínua da prática pedagógica

Professora 2	Busco ser criativa, atenta às necessidades dos meus alunos. Procuo identificar o que não está dando certo e tento melhorar.
Professora 5	Conquistar os alunos, procurando sempre algo que desperte a curiosidade e o prazer em buscar mais conhecimento. Uso também mensagens de incentivo.
Professora 6	Rever os objetivos alcançados, traçando novas estratégias para atingir aqueles que não conseguiram retomar o conteúdo, utilizar vídeos e cartazes.
Professora 7	Sempre estou questionando e refletindo acerca da minha prática diária em sala de aula buscando assim soluções viáveis que venham a ofertar melhor aprendizado significativo para os alunos.
Professor 8	Eu procuro ouvir as dificuldades das crianças no cotidiano escolar. A partir das demandas das crianças podemos melhorar muito o trabalho em sala de aula.
Professora 10	Participo de formações, busco inovar nas aulas chamando a atenção dos alunos com abordagens de temas do universo infantil, realizo atividades lúdicas com bastante interação, faço atividades diferenciadas de reforço para os que mais precisam.

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

Os discursos dos professores em relação à melhora contínua de suas práticas pedagógicas, demonstram uma conexão intrínseca com a concepção de professor mediador. As atitudes e estratégias adotadas pelos educadores refletem a ideia de que a mediação pedagógica envolve uma abordagem ativa e reflexiva na busca pela constante evolução das práticas educacionais.

A Professora 2 destaca a criatividade e a atenção às necessidades dos alunos como componentes-chave para a melhoria da prática. Essa abordagem se assemelha à função do professor mediador, que se adapta e responde às características e demandas individuais dos alunos para promover um aprendizado significativo.

A Professora 5 expressa a importância de conquistar os alunos e estimular a curiosidade e o desejo de buscar mais conhecimento, não apenas transmitindo informações, mas também atuando como um guia que motiva e desperta a curiosidade dos estudantes. A Professora 6 ressalta a necessidade de adaptação e flexibilidade, revisando objetivos e adotando estratégias diferenciadas para alcançar todos os alunos, ambas refletindo a atitude do professor mediador, que busca alternativas e utiliza recursos variados para garantir que todos os alunos alcancem o aprendizado, assim como a Professora 7 que destaca o constante questionamento e

reflexão sobre a prática diária como um meio de oferecer um aprendizado mais significativo aos alunos.

O Professor 8 menciona a importância de ouvir as dificuldades dos alunos e adaptar o ensino com base em suas demandas e a Professora 10 enfatiza a participação em formações, a inovação nas aulas e a aplicação de atividades lúdicas e interativas.

A adaptação, reflexão contínua e busca por estratégias inovadoras para promover um aprendizado envolvente e significativo caracterizam as práticas pedagógicas destacadas demonstram um comprometimento com a melhoria constante, o que é essencial para efetivamente mediar o processo de aprendizado dos alunos.

TABELA 14 -(FD): Planejamento e intencionalidade pedagógica

Fragmentos da entrevista	
Atividades diversificadas na escola: discursos dos professores	
Professora 1	Conhecer melhor essas dificuldades, dar um pouco mais de atenção, sendo mais objetivo na explicação.
Professora 2	Ditados, formação de palavras com o suporte de gravuras, uso do alfabeto móvel e de sílabas móveis.
Professora 3	Realização de atividades extras, atividades coletivas envolvendo o estudante
Professora 4	Trazendo um trabalho diferenciado, buscando atingir a dificuldade.
Professora 5	Respeitar o tempo da criança, trabalhar as especificidades de cada um de forma diferenciada e individual e valorizar cada conquista alcançada, incentivando sempre.
Professora 6	Retomar os conteúdos abordando a dificuldade apresentada pela criança, traçando novos caminhos para que a criança compreenda, tal como: jogos, brincadeiras e vídeos.
Professora 7	Sempre tornar o material didático mais acessível, jogos ou atividades lúdicas e diversificar o conteúdo.
Professor 8	Dentro do pouco espaço que me é dado, eu procuro dar uma assistência maior. Converso e tento bolar uma estratégia em conjunto com o aluno, no tempo que temos disponível. Essas estratégias dependem da dificuldade de cada um, mas sempre procurando trabalhar em paralelo ao currículo obrigatório, e com atividades mais de acordo com o nível da criança.
Professora 9	Avaliar, contextualizar, diversificar. É através do diálogo que o professor conhece o aluno, identifica como ele pensa e, somente assim, pode refletir sobre as modificações necessárias no processo para favorecer o seu desenvolvimento.
Professora 10	Trabalhar os conteúdos e propostas do Plano de Ensino em níveis correspondentes. A partir da avaliação diagnóstica, organizar grupos de trabalho ora em níveis semelhantes, ora em níveis e aptidões diferentes para cumprir uma tarefa.

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

Os discursos revelam uma forte intencionalidade por parte dos professores em atender às dificuldades dos estudantes por meio de estratégias diversificadas e personalizadas. As práticas mencionadas refletem uma abordagem pedagógica que está alinhada com as propostas de Leal (2014), buscando adaptar o ensino às necessidades individuais dos alunos e promover um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz.

A Professora 1 destaca a importância de conhecer melhor as dificuldades dos alunos e ser mais objetivo na explicação. Isso reflete a busca por compreender as necessidades individuais e adaptar a comunicação para melhor atender aos estudantes. A Professora 2 menciona o uso de estratégias como ditados, formação de palavras com suporte visual e alfabeto e sílabas móveis. Essas práticas correspondem à diversificação das abordagens para aprimorar a compreensão dos alunos. A Professora 5 enfatiza o respeito pelo tempo da criança, a personalização do ensino e a valorização das conquistas individuais, todos princípios que convergem com a visão de Leal sobre a importância de considerar as especificidades de cada aluno.

A Professora 6 menciona a retomada dos conteúdos com foco nas dificuldades apresentadas pelos alunos e o uso de recursos como jogos e vídeos. A Professora 7 destaca a acessibilidade do material didático e o uso de atividades lúdicas, refletindo a busca por uma aprendizagem mais inclusiva e engajadora. O Professor 8 relata a importância de uma abordagem colaborativa com os alunos na criação de estratégias, adaptando-se às dificuldades individuais.

Essas estratégias visam tornar o aprendizado mais acessível e envolvente, o que está em linha com a proposta de Leal (2005, p.108), de diversificar as abordagens, argumentando que “a utilização exclusiva de uma única atividade se mostra insuficiente para promover o progresso de todos os alunos, uma vez que cada indivíduo está trilhando uma trajetória única”.

A Professora 9 menciona a avaliação, contextualização e diversificação como formas de conhecer os alunos e promover modificações no processo de ensino e a Professora 10 propõe a organização de grupos de trabalho com base em níveis e aptidões dos alunos, correspondendo à ideia de Leal (2005) sobre a adaptação do ensino aos diferentes ritmos e habilidades dos estudantes.

Em suma, as falas dos professores refletem uma abordagem consonante que demonstra a importância de estratégias diversificadas e personalizadas para atender

às dificuldades dos estudantes. As práticas mencionadas demonstram um compromisso em criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo, eficaz e centrado nas necessidades individuais de cada aluno.

As falas das gestoras, a seguir, correspondem a visão geral das mesmas em relação às atividades diversificadas nas salas de aula e nos demais ambientes da escola, observando se os professores conseguem gerir com êxito esta demanda, que já se comprovou importante para a aprendizagem, ou ainda enfrentam tensões em relação a esta responsabilidade de diversificar as estratégias para atender de formas diferentes aqueles que estão à margem do aprendizado que se dá no meio coletivo e padronizado.

TABELA 15 -(FD): Planejamento e intencionalidade pedagógica

Fragmentos da entrevista Atividades diversificadas na escola: discursos das gestoras	
Gestora 1	O professor costuma acompanhar mais detalhadamente o processo de aprendizagem daqueles alunos com dificuldade e desenvolve atividades mais específicas para que alcancem o nível esperado para a turma.
Gestora 2	Estratégias diversificadas são práticas trabalhosas, desde o planejamento à execução. Percebo que a maior parte dos professores não quer sair da sua zona de conforto e acabam por não oportunizar diversas formas de aprender aos estudantes, acabam por não atingir aqueles alunos que mais precisam, uma vez que a repetição das mesmas aulas já se mostra insuficiente. Na maior parte das vezes os alunos com dificuldades são atendidos por parte da turma, com reforço quando há pessoal disponível ou são chamados por alguns minutos no birô para uma leitura individual ou para correção de atividade.
Gestora 3	Para os alunos com dificuldades de aprendizagem é feito o trabalho de retomada de atividades e intervenções que tem como objetivo recuperar e ampliar o conhecimento.

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

Analisando qualitativamente as falas das gestoras sobre as atividades diversificadas nas salas de aula e na escola, é possível identificar diferentes abordagens em relação à gestão dessa demanda e à eficácia das estratégias empregadas pelos professores.

A Gestora 1 destaca a prática dos professores de acompanhar mais de perto o processo de aprendizagem dos alunos com dificuldades e criar atividades específicas para ajudá-los a alcançar o nível esperado. Essa abordagem sugere um esforço por parte dos professores em identificar as necessidades individuais e adaptar o ensino de acordo.

A Gestora 2 expressa uma preocupação com a falta de diversificação nas estratégias de ensino por parte da maioria dos professores. Ela observa que muitos preferem manter-se na zona de conforto, repetindo as mesmas abordagens de aula. Essa atitude, segundo ela, não alcança os alunos que mais necessitam de suporte. A gestora menciona que, em alguns casos, os alunos com dificuldades são atendidos de forma coletiva ou individual, porém, reconhece que a repetição das aulas tradicionais já não é suficiente.

A Gestora 3 destaca a retomada de atividades e intervenções como estratégias para auxiliar os alunos com dificuldades de aprendizagem. Essa abordagem sugere ações específicas para recuperar e expandir o conhecimento dos alunos que enfrentam dificuldades.

No geral, as falas das gestoras refletem a importância das atividades diversificadas para atender às necessidades individuais dos alunos com dificuldades de aprendizagem. Enquanto algumas gestoras mencionam esforços por parte dos professores para adaptar o ensino, outras apontam desafios em relação à resistência dos docentes em diversificar suas práticas. Isso evidencia que, embora haja uma compreensão da relevância das estratégias diversificadas, ainda existem tensões e obstáculos a serem superados na implementação eficaz dessas abordagens para atender a todos os alunos de forma mais abrangente e inclusiva.

Atividades que fomentam interações desafiadoras para os alunos na construção de novos conhecimentos demonstram resultados positivos. De acordo com Perrenoud (1995, p.42), essa abordagem é alcançada ao adotar uma prática que respeite as trajetórias individuais de cada aluno, evitando confundir esse enfoque com a criação de programas especiais ligados às necessidades educacionais individuais. Além disso, essa abordagem também não se trata de aderir a um modelo de ensino em que todos sejam expostos simultaneamente às mesmas atividades e conteúdos.

4.1.6 – (FD) Formação docente

Nesta categoria selecionamos os excertos das falas de todos os sujeitos da investigação para averiguar se os docentes consideram-se teoricamente preparados para a prática de metodologias que proporcionem a aprendizagem dos estudantes considerando o nível de aprendizado que se encontram e suas potencialidades.

Os participantes fizeram suas colocações contemplando as seguintes

perguntas:

- Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento? Você costuma participar de formações continuadas para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?
- Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, ao buscar compreender e intervir no processo de construção pessoal da aprendizagem do alfabetizando?

A primeira abordagem relacionada à formação inicial do professor será apresentada na tabela a seguir, e na subsequente (Tabela 18) apresentamos a partir do questionamento uma auto avaliação dos docentes sobre a sua atuação no processo de aprendizagem do alfabetizando.

TABELA 16 -(FD): Formação docente

Fragmentos da entrevista Formação inicial dos docentes	
Professora 1	Na minha formação inicial, não houve aprofundamento sobre as didáticas de alfabetização, considero também a formação continuada insuficiente.
Professora 2	Tanto na minha formação inicial, quanto nas formações continuadas são abordados temas teóricos e práticos inerentes a alfabetização e letramento.
Professora 3	Na minha formação inicial tive contato com vivências voltadas à alfabetização, o aprofundamento tem ficado por conta da formação continuada que é extremamente importante para a nossa carreira e para o resultado do nosso trabalho enquanto professores.
Professora 4	Participo sempre de formações continuadas.
Professora 5	Apenas a formação inicial não dá conta de preparar o docente para lecionar, participo de formações continuadas para aprofundar os conhecimentos.
Professora 6	Na minha formação inicial, quanto nas formações continuadas são abordados os temas “alfabetização e letramento” o aprofundamento entre teoria e prática muitas vezes ocorre quando reconhecemos nas formações as nossas especificidades da prática e vice e versa.
Professora 7	O conhecimento e as atualizações sobre diversos temas, entre eles, alfabetização e letramento devem ser constantes, nenhuma formação inicial traz toda a construção do saber, o aprofundamento fica por conta da formação continuada, participo de duas formações continuadas mensais na Rede de Ensino. Nesta Pandemia tive a oportunidade de participar também de muitos cursos, congressos e formações on-line
Professor 8	É imprescindível ao professor ser um contínuo estudante, além da formação inicial, que não dá conta do alcance dos saberes docentes de uma maneira mais aprofundada, é importante a participação nas formações continuadas de forma crítica, e ainda mais importante a busca pelo seu aperfeiçoamento pessoal, buscando estudar sobre os temas que são mais relevantes a sua prática.

Professora 9	Minha formação inicial deixou muito a desejar a respeito de alfabetização, as formações continuadas nem sempre estão de acordo com a nossa realidade.
Professora 10	Considero que a minha formação inicial deixou um pouco a desejar, porém nas formações continuadas há um aprofundamento satisfatório para nortear a minha prática.
Gestora 1	No Magistério sim, mas as formações continuadas é que vão dando suporte e atualização necessária.
Gestora 2	O curso de pedagogia oferece subsídios necessários sobre o tema.
Gestora 3	Alfabetização e letramento sempre foram o foco na minha licenciatura, bem como nas formações continuadas.

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

Apresentaremos tabela, agrupando os docentes que concordam e que discordam em relação às competências adquiridas por eles próprios na formação inicial, em seguida analisaremos a síntese dos discursos.

TABELA 17 - Agrupamento dos discursos da Tabela 16

Agrupamento das análises dos fragmentos da entrevista Formação inicial dos docentes		
Posição	Fragmentos da Entrevista	Comentário
<i>Concordam que a Formação Inicial é Insuficiente</i>	Professora 1 Professora 5 Professora 9	Compartilham a visão de que a formação inicial não proporciona um aprofundamento adequado em alfabetização e letramento, e que a participação em formações continuadas é crucial para complementar o conhecimento
<i>Concordam que Formação Inicial e Continuada São Importantes</i>	Professora 3 Professora 6 Professora 7 Professor 8 Professora 10 Gestora 1 Gestora 3	Reconhecem a relevância tanto da formação inicial quanto das formações continuadas. Destacam que a formação inicial pode oferecer bases teóricas, mas o aprofundamento e atualização ocorrem através das formações continuadas.
<i>Concordam que</i>	Professora 2	Afirmam que suas

<i>Formação Inicial Aborda Alfabetização e Letramento</i>	Gestora 2	formações iniciais ou cursos de pedagogia abordaram temas relacionados à alfabetização e letramento, fornecendo bases teóricas relevantes.
--	-----------	--

Fonte: Análise própria da entrevista semi estruturada, 2021.

A análise das percepções dos professores e gestores sobre suas próprias formações iniciais em relação à alfabetização e letramento revela uma variedade de perspectivas. Alguns concordam que a formação inicial não é suficiente para prepará-los de maneira completa para lidar com as complexidades da alfabetização e letramento, enfatizando a necessidade de formação continuada para aprofundar seus conhecimentos e habilidades.

Outros entrevistados veem a formação inicial como uma base teórica importante e consideram que a formação continuada complementa essa base, possibilitando uma conexão mais sólida entre teoria e prática. Alguns professores apontam para a importância de reconhecer suas próprias experiências práticas na formação continuada para uma aprendizagem mais significativa.

A formação de professores é perspectivada a partir do fazer docente no contexto social, político e cultural brasileiro tendo como cenário os avanços tecnológicos, as novas concepções do trabalho e da produção que aponta para uma nova configuração Mundial atrelando saber a questão do poder entre as mais diversas culturas, povos e nações. Feldman (2009, p.73-74)

Em síntese, os entrevistados reconhecem a relevância tanto da formação inicial quanto das formações continuadas para o desenvolvimento de suas habilidades em alfabetização e letramento. Suas opiniões variam em relação à suficiência da formação inicial, a coerência das formações continuadas com a prática real e a importância da formação contínua para a atualização e aprimoramento profissional.

TABELA 18 - (FD): Formação docente

Fragmentos da entrevista Autoavaliação dos docentes	
Professora 1	Sinto-me pouco preparada para discorrer sobre alfabetização com os colegas de profissão, há dificuldades em compreender como cada criança aprende, há também uma diversidade de métodos e intervenções que tanto podem ajudar como podem atrapalhar o processo.
Professora 2	Costumo conversar e trocar experiências com colegas de profissão, um outro olhar sobre o perfil dos alunos pode ajudar quando temos algum tipo de dificuldade para ajudar o aluno nesse processo, mas na maioria das vezes é possível compreender o processo de aprendizagem do aluno sim.
Professora 3	Sinto-me competente para tratar teoricamente dos temas com a equipe com a qual trabalho, porém a busca pela compreensão da forma de aprender do estudante é algo constante e a busca de intervenções também, geralmente há intervenções que posso realizar sozinha com a minha turma, mas outras é preciso envolver outros professores, coordenação e até parcerias externas.
Professora 4	Alfabetização e letramento são temas que sempre estão presentes nas conversas dos professores, mas na tomada de decisões temos que buscar compreender como o estudante aprende e que intervenções devo fazer, nem sempre conseguimos acertar, mas vamos conhecendo e encontrando caminhos a cada tentativa.
Professora 5	O nosso papel é perceber como o aluno constrói seu conhecimento e ajudá-lo nessa jornada.
Professora 6	Todos aprendem, embora de maneiras diferentes, o que precisamos é entender como a criança aprende e traçar estratégias para desenvolver essa competência.
Professora 7	Conhecer e intervir no processo de desenvolvimento da aprendizagem é um trabalho que requer dedicação e persistência, entendo que não sou totalmente preparada, como os meus colegas também não são. Compartilhamos saberes e aptidões construindo as aprendizagens docentes.
Professor 8	Eu entendo que sim. Há diversas formações que proporcionam ao professor a possibilidade de compreender os processos de alfabetização da criança. Os conhecimentos sobre o ensino e aprendizado da alfabetização vêm sendo sistematizados e estão acessíveis de diversas formas. Eles são importantes para a construção de futuros cidadãos críticos e socialmente comprometidos com as mudanças necessárias em nossa sociedade.
Professora 9	Geralmente converso sobre estes temas com a coordenação da escola ou com a coordenação da Secretaria de Educação, ao buscar orientações e apoio com materiais. Procuro realizar as intervenções em sala de aula de acordo com o nível esperado para a turma, afinal independente das diferenças, o resultado final da escola exige um bom aproveitamento da aprendizagem para progredir os estudantes.
Professora 10	É possível, se as vivências forem muito interativas para que a relação aluno e professor sejam dialógica, e por outro lado avaliar para observar o desenvolvimento do estudante, suas conquistas e dificuldades traz segurança para compreender como está a aprendizagem e qual pode ser o próximo passo diante das particularidades do aluno.
Gestora 1	Sempre estamos aprendendo alguma coisa ou ensinando algo, compartilhar experiências com os colegas é uma prática muito importante.

Gestora 2	Através do compartilhamento de experiências e do diálogo construímos muitos saberes em relação à teoria e a prática.
Gestora 3	Ouvir e entender os anseios dos colegas e buscar contribuir faz parte do crescimento profissional enquanto docentes.

Fonte: Apêndices da entrevista semi estruturada, 2021.

Apresentaremos o agrupamento das análises dos discursos em tabela, agrupando os docentes que concordam e que discordam em relação a estarem preparados para dialogar com os colegas sobre a busca de meios para alfabetizar e letrar os seus alunos, em seguida analisaremos a síntese dos discursos.

TABELA 19 - Agrupamento dos discursos da Tabela 18

Agrupamento das análises dos fragmentos da entrevista Auto avaliação dos docentes		
Posição	Fragmentos da Entrevista	Comentário
<i>Sente-se Pouco Preparado para Dialogar com Colegas</i>	Professora 1	Expressa uma sensação de despreparo para discutir alfabetização com colegas, devido à complexidade das diferentes formas de aprendizado e à variedade de métodos.
<i>Sente-se Competente para o Diálogo com Colegas</i>	Professora 2 Professora 3 Professora 4 Professora 5 Professora 6 Professor 8 Professora 10 Gestora 1 Gestora 2 Gestora 3	Relatam sentir-se aptos para dialogar com colegas sobre alfabetização e letramento. Reconhecem a importância do compartilhamento de experiências para compreender as diferentes formas de aprendizado dos alunos e buscar estratégias de intervenção.
<i>Busca de Intervenções e Compartilhamento</i>	Professora 7 Professora 9	Destacam a busca constante por intervenções e estratégias para lidar com a diversidade de necessidades dos alunos. Mencionam a necessidade de envolver colegas, coordenação e

		parcerias externas em alguns casos.
<i>Destaque para a Interação Dialógica</i>	Professora 10 Gestora 3	Enfatizam a importância da interação dialógica entre professores. Mencionam que a construção de saberes acontece através do compartilhamento de experiências e do entendimento das particularidades de cada aluno.

Fonte: Análise própria da entrevista semi estruturada, 2021.

A análise das percepções de professores e gestores sobre sua formação continuada em relação ao diálogo com colegas sobre alfabetização e letramento revela uma variedade de perspectivas. Alguns entrevistados expressam confiança em suas habilidades para discutir esses temas com colegas, enfatizando a importância do compartilhamento de experiências e da troca de conhecimentos para aprimorar suas práticas pedagógicas.

Outros entrevistados reconhecem a complexidade das diferentes formas de aprendizado e das intervenções necessárias, mas ainda assim sentem-se competentes para participar dessas discussões com colegas. Alguns destacam a importância de envolver outros professores, coordenação e até mesmo parcerias externas para buscar soluções adequadas para as necessidades dos alunos.

Um entrevistado aponta que a formação continuada proporciona os conhecimentos necessários para compreender os processos de alfabetização e que esse entendimento é crucial para a formação de cidadãos críticos e socialmente comprometidos.

Reconhecer que a capacitação não é condição suficiente para a mudança na proposta de didática porque essa não depende só das vontades individuais dos professores - por melhor capacitados que eles estejam -, significa aceitar que além de continuar com os esforços de capacitação será necessário estudar os mecanismos ou fenômenos que ocorrem na escola impedem que todas as crianças se apropriem dessas práticas sociais que são a leitura e a escrita. Lerner (2002, p. 33)

Por outro lado, uma entrevistada expressa insegurança em dialogar com

colegas sobre alfabetização devido à complexidade das metodologias e da diversidade de métodos. Porém, a maioria dos entrevistados reconhece a importância da interação dialógica entre professores e destaca que o compartilhamento de experiências e a compreensão das particularidades dos alunos são fundamentais para o crescimento profissional e a melhoria das práticas pedagógicas.

Em resumo, as opiniões variam, mas a maioria dos entrevistados percebe a formação continuada como uma ferramenta valiosa para aprimorar suas capacidades de dialogar com colegas sobre a busca de meios para alfabetizar e letrar seus alunos.

CAPÍTULO 5 CONCLUSÕES

5.1 – Considerações finais

As tensões enfrentadas pelos docentes em atender as diferentes necessidades de aprendizagem diante da heterogeneidade se mostraram evidentes na complexidade de gerir a sala de aula, espaço onde circulam diversos perfis de alunado bem como, diversas metodologias, planos de diferentes esferas educacionais e diversos programas e projetos de ensino. É iminente refletirmos neste fenômeno da complexidade da gestão de turma, que proporcionalmente gera a complexidade da gestão da unidade escolar que busca preservar a sua identidade escolar é função primordial da escola, o ensino.

Em conclusão, a presente pesquisa qualitativa lançou luz sobre as estratégias de ensino adotadas para enfrentar a complexidade e a diversidade das aprendizagens da leitura e da escrita em turmas do Ensino Fundamental nos Anos Iniciais de uma escola municipal em Arcoverde, Pernambuco. A análise aprofundada das práticas pedagógicas e das percepções dos educadores revelou insights significativos sobre a abordagem escolhida para lidar com a heterogeneidade dos alunos nesse contexto educacional.

A investigação deixou claro que as estratégias de ensino desempenham um papel fundamental no processo de alfabetização e letramento. A abordagem adotada pelos educadores demonstra um profundo compromisso com a promoção do aprendizado de qualidade para todos, independentemente das diferenças individuais. Ao reconhecer a heterogeneidade como uma característica intrínseca da sala de aula, os professores e gestores compreendem a importância de adaptar e diversificar suas práticas para atender às necessidades variadas dos alunos.

Ficou evidente que a heterogeneidade não é um obstáculo a ser superado, mas sim uma oportunidade para enriquecer o ambiente educacional. Através do uso de estratégias inclusivas e flexíveis, os educadores podem criar um espaço onde cada criança seja valorizada por suas singularidades e onde todos possam progredir em seu próprio ritmo.

As práticas pedagógicas observadas refletem a preocupação em promover a aprendizagem ativa e contextualizada, alinhada aos princípios construtivistas. A utilização de recursos visuais, jogos e atividades práticas para apoiar a alfabetização e o letramento revela uma abordagem que vai além do simples ensino das habilidades básicas de leitura e escrita. Em vez disso, os educadores estão empenhados em proporcionar aos alunos uma compreensão funcional da linguagem escrita, capacitando-os a aplicar essas habilidades de maneira significativa em suas vidas.

Além disso, a pesquisa destacou a importância do diálogo entre os educadores como uma ferramenta essencial para lidar com a heterogeneidade. O compartilhamento de experiências, a troca de ideias e a colaboração entre colegas são elementos-chave para desenvolver estratégias pedagógicas mais eficazes. A compreensão das diferentes perspectivas e ações dos professores e gestores contribui para a criação de um ambiente mais rico e enriquecedor de aprendizado.

No entanto, também foi possível identificar desafios e tensões presentes na implementação dessas estratégias. A adaptação curricular, a gestão de sala de aula heterogênea e a garantia de que todos os alunos se beneficiem das práticas educacionais são questões que demandam atenção contínua e esforços conjuntos por parte dos educadores e gestores.

A salutar continuidade da progressão dos saberes dos estudantes depende da eficácia dos docentes e gestores em efetivar o ensino, mesmo diante da heterogeneidade dos estudantes. A escola que abraça todos os alunos e suas diversidades promove um avanço consistente na alfabetização de qualidade. A ênfase na sistematização e no desenvolvimento de habilidades, aliada à conexão com a vida e a realidade dos alunos, reflete os princípios construtivistas de aprendizado ativo e contextualizado com a alfabetização e letramento.

Em resumo, a análise das estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens da leitura e da escrita revela uma abordagem pedagógica centrada no aluno, que busca atender às necessidades individuais e promover uma aprendizagem significativa. A valorização das diferenças, a flexibilidade das práticas e o compromisso com a excelência educacional são pilares que sustentam o processo de alfabetização e letramento. A pesquisa contribui para a compreensão mais profunda das práticas pedagógicas adotadas e oferece insights valiosos para aprimorar ainda mais a abordagem educacional em contextos de diversidade e heterogeneidade.

Diante disso, acredita-se que a reflexão sobre as estratégias analisadas nesta pesquisa possa fornecer subsídios relevantes para educadores, gestores e formuladores de políticas educacionais, auxiliando-os na construção de ambientes de aprendizado mais inclusivos, eficazes e enriquecedores para todos os alunos.

5.2 – Considerações teóricas

Com o intuito de abordar as problemáticas e alcançar os objetivos delineados como diretrizes desta pesquisa, fundamentamo-nos na base teórica discutida nos capítulos anteriores deste estudo. Essa fundamentação guiou toda a investigação por meio das categorias a seguir, que estão associadas aos teóricos clássicos e pesquisadores cujos trabalhos científicos embasaram e enriqueceram a construção sólida deste objeto de estudo.

Concepções de alfabetização

A importância do aprendizado colaborativo, onde as crianças trabalham juntas para resolver problemas e compartilhar conhecimento e a interação entre pares para promover a construção conjunta de significados expressam práticas presentes nas teorias de aprendizagem de Vygotsky (1984, p. 56-74),

A questão é atual, mas já foi colocada em destaque há muitos anos por Vygotsky (1984, p. 84) considerando que todos os alunos não detêm os mesmos conhecimentos nem aprendem de forma igual. próprio conhecimento como produto social.

Piaget desenvolveu uma teoria conhecida como Epistemologia Genética ou Teoria Psicogenética, que delineia a maneira como o indivíduo, desde o nascimento, constrói o conhecimento. Essa teoria é a forma mais proeminente de concepção construtivista da formação da inteligência.

Um dos conceitos fundamentais da teoria é o de "hipóteses infantis". Ferreiro e Teberosky (1981, p.20) argumentam que as crianças desenvolvem hipóteses próprias sobre o sistema de escrita, baseadas em suas observações e tentativas de compreensão. Essas hipóteses podem envolver ideias como a escrita ser uma representação pictográfica da fala ou acreditar que as palavras são separadas por espaços, independentemente das divisões fonéticas.

Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever

certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado. Essas escritas infantis têm sido consideradas, displicentemente como garatujas, “puro jogo”, o resultado de fazer “como se” soubesse escrever. Aprender a lê-las – isto é, a interpretá-las – é um longo aprendizado que requer uma atitude teórica definida. FERREIRO (1981, p.20)

Teberosky (2020, p.19) nos convida a considerar que o aprendizado da escrita é uma construção ativa e social, onde as crianças não são meras receptoras passivas, mas sim participantes engajados na criação e decodificação de significados. Ela nos mostra como as crianças, desde os estágios iniciais de exploração da escrita, desenvolvem suas próprias hipóteses e estratégias para compreender a relação entre a linguagem falada e a linguagem escrita. Se toda escrita envolve a seleção de elementos sonoros a serem representados graficamente, como uma criança que está iniciando sua aprendizagem pode saber como e quais unidades escolher para representar? Por isso, dizemos que as crianças não têm um conhecimento especializado do aspecto sonoro da língua prévio à alfabetização para compreender todas as particularidades da representação da escrita. A escrita não é um código que transcreve a língua, mas um sistema com regras próprias que influencia a língua do ponto de vista histórico- cultural [...] TEBEROSKY (2020, p.19)

Segundo a afirmação de Soares (2014, p. 45), o conceito de código é empregado como um meio de substituir símbolos, caracteres ou signos por outros já existentes. Nessa perspectiva, quando necessário, a mensagem pode ser convertida para ser entendida por aqueles que precisam trocar informações de maneira confidencial, excluindo compreensão por parte de terceiros, como estranhos ou adversários. Assim, a consideração da alfabetização como aquisição de um código implica na ideia de que os alunos aprendem a associar um símbolo, caractere ou signo a outro já estabelecido. Portanto, teriam de memorizar quais elementos substituem outros, a fim de acessar um código utilizado na sociedade.

De acordo com Soares (2014, 98), o letramento envolve o desenvolvimento de habilidades eficientes de leitura e escrita para interagir por meio da escrita em variados contextos comunicativos, incluindo situações pessoais, escolares e sociais. Dado que há diversos tipos de textos e gêneros circulando em variados contextos, apresentados em múltiplos formatos e com objetivos distintos, a alfabetização também compreende a aquisição de conhecimentos sobre os textos e os gêneros adotados para produzi-los.

Heterogeneidade das aprendizagens

Leal, Sá e Silva (2018 p. 112) Concluem que reconhecer a heterogeneidade como intrínseca ao fenômeno educativo é um primeiro passo para a busca de diversificação de estratégias de ensino que promovam a aprendizagem de todos, respeitando-se as diferenças e as necessidades individuais e coletivas das crianças.

Como afirmado por Santana (2019, p.19):

"A heterogeneidade é inerente ao processo pedagógico e, por conseguinte, estará sempre presente. Entretanto, as turmas também são compostas por identidades sociais (homogeneidades) que requerem respeito, valorização e reconhecimento."

Nesta perspectiva, Santana (2019, p.21) destaca ainda que nesse sentido, faz-se necessário e fundamental, conhecer os diferentes níveis de conhecimento dos estudantes e ter em mente que esta heterogeneidade de níveis de conhecimento é ideológica e marcada pelos demais tipos de heterogeneidades, como as culturais, etnicorraciais, composições familiares, de gênero, físicas, faixa etária, tipos de conhecimento, dentre outras. São heterogeneidades que se entrecruzam e tornam cada contexto escolar e de sala de aula com características únicas.

Alvares, Pessoa e Barbosa (2016, p.45) pontuam que a existência da heterogeneidade não é um aspecto exclusivo do processo de alfabetização, mas algo intrínseco a todas as etapas da escolarização. Entender um grupo/classe como homogêneo é uma visão acastelada pelos sistemas de ensino seriados, que pressupõe uma lógica excludente, porque trata como iguais e homogêneos sujeitos que possuem percursos e trajetórias educacionais completamente diferentes [...].

Prática pedagógica e estratégias diversificadas

Em sua teoria voltada aos fundamentos da dialética, Vygotski (1991, p.51) considera que a mediação/interação da criança com pessoas em seu ambiente pode gerar aprendizados que, "quando adequadamente organizados, resultam em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer". Para o autor apenas as mediações/interações adequadamente organizadas podem gerar aprendizagem, isso nos remete à intencionalidade de aprendizagem e planejamento.

Para Weisz (1999) boas situações de aprendizagem são aquelas em que: Os alunos precisam pôr em jogo tudo o que sabem e pensam sobre o assunto que se quer ensinar; Os alunos têm problemas a resolver e decisões a tomar em função do que se propõe produzir; A organização da tarefa pelo professor garante a máxima circulação de informação possível; O conteúdo trabalhado mantém suas características de objeto sociocultural real, sem se transformar em objeto escolar vazio de significado social. WEISZ (1999, p. 66)

Essas decisões referem-se a ações pedagógicas, no qual são relevantes para o trabalho com a heterogeneidade da aprendizagem: Selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc.; conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens; construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos. (BNCC, 2017 p.85)

Formação do professor

Weisz (1999, p.65) ressalta que “o professor é que precisa compreender o caminho de aprendizagem que o aluno está percorrendo naquele momento” tendo como ponto de partida estas informações diagnósticas e visto que “o ensino visa estimular, dirigir, incentivar, impulsionar o processo de aprendizagem dos alunos” Libâneo (1994, p. 90).

A noção de professor reflexivo segundo Alarcão (2011)

baseia-se na consciência de capacidade pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo, e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores. É central, nesta conceptualização, a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível situada e reativa. Alarcão (2011, p.44)

Na perspectiva schöniana (Schön, 1983, 1987) apud Alarcão (2011, p.44)

ressalta, uma abordagem desse calibre é o resultado da confluência harmoniosa entre ciência técnica e arte, revelando uma sensibilidade quase artística para captar os indicadores evidentes ou implícitos na situação presente. A receptividade à proposta do professor reflexivo no Brasil, não apenas vincula isso à história da formação docente no país, mas também aponta para as temáticas atuais que caracterizam o panorama político brasileiro. A autora, em uma síntese articulada, destaca diversas razões que contribuem para essa aceitação.

Nas palavras de Alarcão (2011, p. 69) “ o professor como profissional do humano [...] têm uma especial responsabilidade sobre a sua atuação pelo que o conhecimento de si mesmo no que é no que faz”, o professor se insere em uma comunidade profissional, o que o leva a adentrar uma nova dimensão de conhecimento, denominada por Alarcão (2011) como "conhecimento da sua filiação profissional".

5.3 – Sugestões para novas linhas de pesquisa

Considerando a amplitude do tema, sabendo que é possível construir outras visões sobre o mesmo, para que contribua de forma positiva com o processo de ensino aprendizagem em leitura e escrita por meio de ações e estratégias. Aponta-se a discussão de novas abordagens para pesquisas sobre o tema:

Gestão de Sala Diante Da Heterogeneidade Das Aprendizagens No Processo De Alfabetização: Protagonismo docente;

Tensões e ações da Gestão Escolar: Progressão das Aprendizagens em Turmas de Ensino Fundamental I .

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, A. M.; VESCE, G. E. P. **As representações sociais no discurso do sujeito coletivo no âmbito da pesquisa qualitativa**. Congresso Ciave, 2008.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2011. 8ª ed.

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. **A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da teoria da atividade**. Revista Brasileira de Educação, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, São Paulo, n. 029, p. 108-118 maio-ago. 2005.

BRANDÃO, Ana C. P.; LEAL, Telma F. **Em busca da construção de sentidos: o trabalho de leitura e produção de textos na alfabetização**. In: BRANDÃO, Ana C. P.; ROSA, Ester C. de S. Leitura e produção de textos na alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. **Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009**. Diário Oficial da União, seção 1. Brasília, 12 nov. 2009.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, seção 1. Brasília, 21 dez. 1996.

_____. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências**. Diário Oficial da União, seção 1, 26 jun. 2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html> Acesso em: 11/01/2021.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização**. –Brasília: MEC, SEALF, 2019 .54 p.

_____. **Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica**. Diário Oficial da União, seção 1, 22 dez. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/53031-resolucoes-cp-2017> Acesso em: 11/01/2021.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a heterogeneidade em sala de aula e a diversificação das atividades** : ano 02, unidade 07 / Ministério da

Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012. 48 p.

CANDAU, V. M.; OSWALD, M. L. M. B. **Avaliação no Brasil**: uma revisão bibliográfica. Cadernos de Pesquisa, n. 95, p. 25-36, nov. 1995.

CARRETERO, Mario. **Construir e Ensinar as Ciências Sociais/hist.** São Paulo: Artmed, 1997.

CARVALHO M. **Guia prático do alfabetizador.** 1. Ed.- São Paulo: Ática, 2010.

CELESTINO, A. S. **A Funcionalidade Da Avaliação Em Matemática No Ensino Médio.** Dissertação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.

COUTINHO, M. T. C., MOREIRA, M. C. **Psicologia da educação.** São Paulo: Lê, 1991.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____. **Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches.** Thousand Oaks, CA: Sage, 2012.

CRUZ, Magna C. S. **Tecendo a alfabetização no chão da escola seriada e ciclada: a fabricação das práticas de alfabetização e a aprendizagem da escrita e da leitura pelas crianças.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012. (Tese).

DEZIN, N.K; LICON, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOLLE, Jean-marie. **Para Compreender Jean Piaget.** São Paulo: AGIR, 1974

FELDMANN, Marina Graziela. Formação de professores e escola na contemporaneidade. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2011. 26ª ed.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em educação matemática**: percursos teóricos e metodológicos. Campinas, SP: Autores Associados, 2006

FUNDEPAR, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Educacional. **Organização do Trabalho Pedagógico - Pensadores da Educação - Emilia Ferreiro.** Disponível em: <http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/> Acesso em : 20/08/2021

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 2000.

GOURNAY, Marie de Jars. **Michel Eyquem de Montaigne**. Tardieu-Denesle, 1828. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=trl5AAAACAAJ&pg=PA330>
Acesso em: 21/04/2021.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: ArtMed, 2001

IVIC, I. **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, editora massangana, 2010.

KLEIMAN, Angela B. (entrevista). In: VALSECHI, Marília C. **Alfabetização e**

Letramento: entrevista com Angela Del Carmen Bustos Romero de Kleiman. Revista Educação & Docência. Ano 1. n. 1. jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.letramento.iel.unicamp.br/portal/?p=1958> Acesso em: 08/06/2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. 3a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LAKATOS, EM; MARCONI, MA. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LAVILLE & DIONNE, C. **A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: UFMG, 1999.

LEAL, Telma Ferraz. **Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola**. In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Correia Eliana Borges, LEAL, Telma Ferraz (Org.). **Alfabetização apropriação do sistema de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LEAL, Telma F.; BRANDÃO, Ana C. P.; ALMEIDA, Fabiana B. dos S.; VIEIRA, Érika, S. **Currículo e alfabetização: implicações para a formação de professores**. In: MORTATTI, Maria do R. L.; FRADE, Isabel C. A. da S. (orgs.). **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Editora Unesp, 2014.

LEAL, T. F.; SÁ, C. F. de; SILVA, E. C. N. (ORGS). **Heterogeneidade, educação e linguagem em contextos do campo e da cidade**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2018.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola o real o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002

LIBANEO, J. C. **O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/aop323.pdf> [online]. 2012, vl.38, n.1, pp. 13-28. Acesso em: 06/01/2021.

_____. **O processo de ensino na escola**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Lauro de Oliveira. In: MACEDO, Lino de. **Ensaio Construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MAINARDES, J. **A escola em ciclos: fundamentos e debates**. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Projeto diferenciado: criando classes mais igualitárias por meio do trabalho diversificado**. Ponta Grossa: UEPG, 2007. Disponível em <http://www.uepg.br/gppepe> .

MARQUES, H. R.; MANFROI, J.; CASTILHO, M. A. de; NOAL, M. L. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Campo Grande: UCDB, 2006.

MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2014. 14ª ed.

MORAIS, Artur G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORAIS, Artur G.; LEITE, Tânia M. S. B. R. **A colaboração de todos os atores da escola e a participação das famílias dos aprendizes no atendimento a crianças ainda não alfabetizadas**. In: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: a heterogeneidade em sala de aula e a diversificação das atividades: ano 3: unidade 7. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2012.

NOVA ESCOLA. **PNE - Meta 5**. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/3001/pne-meta-5>. Acessado em 07/03/2018.

NÓVOA, António. org. et al. **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992. 2ª ed.

_____. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora. 1999.

OLAÍK, L.G; ZILLER, H.M. Concepções de validade em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.38, n.1, 229-241, 2012.

OLIVEIRA, Solange Alves. **Progressão das atividades de língua portuguesa e o tratamento dado à heterogeneidade das aprendizagens: um estudo da prática docente no contexto dos ciclos**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010. (Tese).

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

RODRIGUES, A. M. S. **A minha vida seria muito diferente se não fosse a matemática: o sentido e os significados do ensino de matemática em**

processos de exclusão e de inclusão escolar e social na Educação de Jovens e Adultos. 2006. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Núcleo Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

SANTANA, Joselmo Santos de. **Entremeios: a heterogeneidade e o ensino do Sistema de Escrita Alfabética e de produção de textos.** 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SAVIANI, Dermeval; **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política.** (Coleção polêmicas do nosso tempo); Campinas, SP. Autores Associados, 1999. 32ª ed.

SCHÖN, Donald A. In? NÓVOA, António. org. et al. **Os professores e a sua formação.** Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992. 2ª ed.

SILVA, Nyanne Nayara Torres da. **O tratamento da heterogeneidade de conhecimentos dos alunos sobre a leitura e a escrita: saberes e práticas de professoras alfabetizadoras.** Caruaru: Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado em Educação, 2014.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização.** Presença Pedagógica. v. 9 n. 52 jul. / ago. 2003.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação, Campinas, n. 25, pp. 5-17, jan./abr. 2004.

_____. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Faculdade de Educação (FaE). Centro de Alfabetização, **Leitura e Escrita (Ceale). Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores.** Belo Horizonte, 2014.

TEBEROSKY, Ana. **Palavras às professoras que ensinam a ler e a escrever.** São Paulo, Editora Moderna, 2020.

UNESCO, Comissão Nacional. **Alfabetização para todos.** Portal Diplomático. Ministério dos Negócios Estrangeiros. disponível em: <https://unescoportugal.mne.gov.pt/> Acesso em: 12 de dezembro de 2020.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICES

APÊNDICE A - INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADA AOS DOCENTES

GUIÃO DE ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

Idade

Grau de instrução

Tempo de função

Turma que leciona.

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Para você o que deve compor um ambiente alfabetizador?

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você costuma explorar as diversas potencialidades apresentadas pelos seus alunos como meio para a aprendizagem? De que forma?

Quais estratégias de ensino utilizadas por você predominam em sua sala de aula de uma forma geral?

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula? Você considera sua turma heterogênea?

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no seu planejamento?

Você trabalha com todos os alunos juntos ou você os agrupa? Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cite exemplos das atividades voltadas à prática da escrita que você realiza com os alunos de uma forma geral?

Quais as estratégias que você costuma utilizar para ensinar aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

O que você tem feito para tornar a sua prática diária nas aulas cada vez melhor?

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento?

Você costuma participar de formações continuadas para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, ao buscar compreender e intervir no processo de construção pessoal da aprendizagem do alfabetizando?

APÊNDICE B - GUIÃO DE ENTREVISTA- PROFESSOR 1



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

P1- Feminino

Idade

P1- 36 anos

Grau de instrução

P1- Licenciatura em Geografia; Especialização em Geografia.

Tempo de função

P1- 14 anos

Turma que leciona.

P1-1º ano do Ensino Fundamental

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

P1- Alfabetização é o processo de aprendizagem do aluno.

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

P1- Espera-se que através das vivências alfabetizadoras atinjam as metas estabelecidas, bem com o aprendizado e desenvolvimento dos estudantes

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

P1- Conhecimento, estímulos e parceria.

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você costuma explorar as diversas potencialidades apresentadas pelos seus alunos como meio para a aprendizagem? De que forma?

P1- Sim. Valorizando a realidade de cada um.

Quais estratégias de ensino utilizadas por você predominam em sua sala de aula de uma forma geral?

P1- Leitura de textos, correção de atividades.

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

P1- Em minha opinião deve-se reter o aluno e no próximo ano focar em eixos onde encontramos as dificuldades, para novas descobertas e desenvolvimento.

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula? Você considera sua turma heterogênea?

P1- A dificuldade, diferença ou falta de conhecimento de cada aluno. Toda turma é heterogênea.

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no seu planejamento?

P1- Sempre que há oportunidade abordo os conteúdos de maneiras diferenciadas, mas nem sempre são planejadas essas abordagens, geralmente surgem de acordo com o feedback dos estudantes.

Você trabalha com todos os alunos juntos ou você os agrupa? Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

P1- Trabalho das duas formas, sempre que necessário. Procuo deixá-los onde sintam-se à vontade para desenvolver melhor naquele momento.

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cite exemplos das atividades voltadas à prática da escrita que você realiza com os alunos de uma forma geral?

P1- Conscientizar sobre a importância de escrever bem, e prática sempre.

Quais as estratégias que você costuma utilizar para ensinar aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

P1- Conhecer melhor essas dificuldades, dar um pouco mais de atenção, sendo mais objetivo na explicação.

O que você tem feito para tornar a sua prática diária nas aulas cada vez melhor?

P1- Me esforçado em buscar mais conhecimento prático a cada plano de aula.

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento? Você costuma participar de formações continuadas para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?

P1- Na minha formação inicial, não houve aprofundamento sobre as didáticas de alfabetização, considero também a formação continuada insuficiente.

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, ao buscar compreender e intervir no processo de construção pessoal da aprendizagem do alfabetizando?

P1- Sinto-me pouco preparada para discorrer sobre alfabetização com os colegas de profissão, há dificuldades em compreender como cada criança aprende, há também uma diversidade de métodos e intervenções que tanto podem ajudar como podem atrapalhar o processo.

APÊNDICE C - GUIÃO DE ENTREVISTA- PROFESSOR 2



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

P2- Feminino

Idade

P2- 34 anos

Grau de instrução

P2- Licenciaturas em: Pedagogia e em Biologia; Especializações em Psicopedagogia e em Biologia.

Tempo de função

P2- 12 anos

Turma que leciona

P2- 1º ano do Ensino Fundamental

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

P2- É a possibilidade que a criança tem de descobrir um mundo novo, onde ela possa: explorar, criar, participar e interagir de forma ativa. Alfabetização não se restringe apenas a ler e escrever, é saber ler o mundo e entender o que se lê. É o conjunto de habilidades necessárias para desenvolver as demandas que porventura vão aparecer ao longo da vida deles.

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

P2- Que essas vivências sejam de soma e troca de conhecimentos entre professor e aluno, visto que o aluno já traz certo conhecimento que deve ser valorizado pelo professor. Dessa forma, uma boa vivência é primordial para um bom desenvolvimento da alfabetização nos anos iniciais. Acredito que também é necessária a existência de alguns elementos essenciais a uma boa vivência, tais como: confiança, afeto, respeito, cuidado e dedicação, dentre outros. Uma boa vivência com seu aluno muitas vezes pode ser a chave para a alfabetização efetiva.

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

P2- Deve ser um ambiente agradável com materiais lúdicos, propícios a alfabetização, tais como: alfabeto ilustrado, jogos, alfabeto e números móveis, livros para leitura, placas de leitura, diversos gêneros textuais apresentados em cartazes, dentre outros elementos primordiais. Acredito também, que o ambiente deve ser acolhedor no sentido de ser colorido e criativo, para que o aluno sintá-se bem em estar lá.

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você costuma explorar as diversas potencialidades apresentadas pelos seus alunos como meio para a aprendizagem? De que forma?

P2- Sim, estimulando eles a participarem, falarem sobre o que sabem interagirem entre eles com perguntas, pensamentos e usando isso para contextualizar a realidade do aluno com aquilo que ele precisa aprender em sala de aula.

Quais estratégias de ensino utilizadas por você predominam em sua sala de aula de uma forma geral?

P2- Diversos tipos de ditados, leituras coletivas, uso do alfabeto móvel, roda de conversa, roda de leitura, apresentação de variados gêneros textuais, chamada ao quadro para identificação de letras, sílabas ou palavras contidas em um texto ou em uma atividade, dentre outros.

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

P2- Não concordo, acredito que o aluno terá mais dificuldades em desenvolver tais habilidades, progredindo de turma sem o nível básico necessário.

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula? Você considera sua turma heterogênea?

P2- São características próprias que cada um apresenta, são suas diversidades, habilidades, pensamentos e atitudes presentes em cada um. Cada aluno desenvolve atitudes próprias de um ser, que é humano e social, essas características são construídas a partir do seu convívio familiar e social. Por exemplo, existem alunos que tem mais facilidade no processo de alfabetização, outros mais dificuldade.

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no seu planejamento?

P2- Sim. Avalio as aprendizagens e o desenvolvimento dos alunos de forma contínua para que possa planejar intervenções adequadas principalmente para aqueles com mais dificuldades.

Você trabalha com todos os alunos juntos ou você os agrupa? Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

P2- Depende do que está sendo trabalhado, muitas vezes é necessário trabalhar em grupos por nível outra vezes no coletivo.

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cite exemplos das atividades voltadas à prática da escrita que você realiza com os alunos de uma forma geral?

P2- Formação do nome, formação de palavras simples, escrita de pequenas frases ou trechos de um texto para estudo e identificação de letras, sílabas e palavras, separação silábica, entre outros.

Quais as estratégias que você costuma utilizar para ensinar aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

P2- Ditados, formação de palavras com o suporte de gravuras, uso do alfabeto móvel e de sílabas móveis.

O que você tem feito para tornar a sua prática diária nas aulas cada vez melhor?

P2- Busco ser criativa, atenta às necessidades dos meus alunos. Procuo identificar o que não está dando certo e tento melhorar.

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento? Você costuma participar de formações continuadas para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?

P2- Tanto na minha formação inicial, quanto nas formações continuadas são abordados temas teóricos e práticos inerentes a alfabetização e letramento.

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, ao buscar compreender e intervir no processo de construção pessoal da aprendizagem do alfabetizando?

P2- Costumo conversar e trocar experiências com colegas de profissão, um outro olhar sobre o perfil dos alunos pode ajudar quando temos algum tipo de dificuldade para ajudar o aluno nesse processo, mas na maioria das vezes é possível compreender o processo de aprendizagem do aluno sim.

APÊNDICE D - GUIÃO DE ENTREVISTA – PROFESSOR 3



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

P3 - Feminino

Idade

P3- 59 anos

Grau de instrução

P3- Especialização

Tempo de função

P3- 20 anos

Turma que leciona.

P3- 3º ano do Ensino Fundamental

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

P3- É o processo de aquisição de um conjunto de habilidades que são necessárias para o desenvolvimento da prática da leitura e da escrita.

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

P3- Espera-se o desenvolvimento do aprendizado e utilização do alfabeto como codificação para a realização da escrita e leitura.

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

P3- O ambiente alfabetizador deve ser um espaço onde aconteça a prática de ler e escrever de forma contínua.

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você costuma explorar as diversas potencialidades apresentadas pelos seus alunos como meio para a aprendizagem? De que forma?

P3- Através do incentivo, promovendo a realização de projetos, atividades extraclasse e pesquisa.

Quais estratégias de ensino utilizadas por você predominam em sua sala de aula de uma forma geral?

P3- Atividades para serem realizadas em grupos e projetos de leitura.

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

P3- É importante, antes de pensar em reprovação, realizar práticas de leitura e escrita diversificadas provocando o interesse e estímulo à leitura e escrita. Quando já se fez tudo o que estava ao alcance e a criança não aprende a ler e escrever, acredito que discutir a melhor opção com a equipe escolar é interessante, pois cada caso pode ter necessidades de acompanhamento e ensino diferentes.

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula? Você considera sua turma heterogênea?

P3- Devido a heterogeneidade existente, o aprendizado acontece de forma diversificada entre os estudantes.

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no seu planejamento?

P3- Sim. Procuo planejar utilizando estratégias que correspondam aos interesse das crianças, para chamar a atenção deles e assim dar uma boa aula.

Você trabalha com todos os alunos juntos ou você os agrupa?Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

P3- O trabalho em sala acontece nos dois momentos e formas questionados. Quando em grupo acontece de forma diversificada.

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cite exemplos das atividades voltadas à prática da escrita que você realiza com os alunos de uma forma geral?

P3- Determinação de horário destinado à realização de leitura e escrita, através de distribuição de livros ou textos.

Quais as estratégias que você costuma utilizar para ensinar aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

P3- Realização de atividades extras, atividades coletivas envolvendo o estudante.

O que você tem feito para tornar a sua prática diária nas aulas cada vez melhor?

P3- Realização de atividades lúdicas diferenciadas, estimulando o estudante à construção do conhecimento.

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento?

Você costuma participar de formações continuadas para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?

P3- Sim, na minha formação inicial tive contato com vivências voltadas à alfabetização, o aprofundamento tem ficado por conta da formação continuada que é extremamente importante para a nossa carreira e para o resultado do nosso trabalho enquanto professores.

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, ao buscar compreender e intervir no processo de construção pessoal da aprendizagem do alfabetizando?

P3- Sinto-me competente para tratar teoricamente dos temas com a equipe com a qual trabalho, porém a busca pela compreensão da forma de aprender do estudante

é algo constante e a busca de intervenções também, geralmente há intervenções que posso realizar sozinha com a minha turma, mas outras é preciso envolver outros professores, coordenação e até parcerias externas.

APÊNDICE E - GUIÃO DE ENTREVISTA – PROFESSOR 4

GUIÃO DE ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

P4- Feminino

Idade

P4- 38 anos

Grau de instrução

P4- Especialização

Tempo de função

P4- 10 anos

Turma que leciona.

P4- 2º ano do Ensino Fundamental

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

P4- Alfabetização é levar a criança à descoberta da leitura e da escrita.

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

P4- Que seja de forma leve e prazerosa.

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

P4- Deve ser acolhedor e agradável.

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você costuma explorar as diversas potencialidades apresentadas pelos seus alunos como meio para a aprendizagem? De que forma?

P4- Sim. Com atividades diversificadas.

Quais estratégias de ensino utilizadas por você predominam em sua sala de aula de uma forma geral?

P4- Leitura feita pela professora e leitura fatiada.

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

P4- Acredito que a reprovação é um estímulo a buscar novos conhecimentos e oportunidades, porém é mais viável aprovar e tentar suprir as necessidades da criança no ano seguinte.

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula? Você considera sua turma heterogênea?

P4- Uma realidade vivida por muitos. A minha turma apresenta esta característica.

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no seu planejamento?

P4- Com pouca frequência planejo aulas com atividades diferenciadas. Costumo trabalhar com diferentes métodos e diferentes formas de explicação para que os alunos consigam responder às atividades e aprender.

Você trabalha com todos os alunos juntos ou você os agrupa? Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

P4- Trabalho mais na coletividade. Algumas vezes em grupo para promover mais interação entre eles.

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cite exemplos das atividades voltadas à prática da escrita que você realiza com os alunos de uma forma geral?

P4- Treino ortográfico, complemento de frases dentre outros.

Quais as estratégias que você costuma utilizar para ensinar aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

P4- Trazendo um trabalho diferenciado, buscando atingir a dificuldade.

O que você tem feito para tornar a sua prática diária nas aulas cada vez melhor?

P4- Reinventar-me a cada obstáculo.

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento?

Você costuma participar de formações continuadas para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?

P4- Sim. Participo sempre das formações continuadas.

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, ao buscar compreender e intervir no processo de construção pessoal da aprendizagem do alfabetizando?

P4- Sim. Alfabetização e letramento são temas que sempre estão presentes nas conversas dos professores, mas na tomada de decisões temos que buscar compreender como o estudante aprende e que intervenções devo fazer, nem sempre conseguimos acertar, mas vamos conhecendo e encontrando caminhos a cada tentativa.

APÊNDICE F - GUIÃO DE ENTREVISTA – PROFESSOR 5

GUIÃO DE ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

P5- Feminino

Idade

P5- 39 anos

Grau de instrução

P5- Especialização

Tempo de função

P5- 3 anos

Turma que leciona.

P5- 4º ano do Ensino Fundamental

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

P5- É a aquisição da leitura e da escrita. É uma forma de comunicação com o seu meio.

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

P5- Espera-se desenvolver habilidades significativas, através do brincar, descobrir o mundo da leitura através do audiovisual e ser inserido no meio social com a apropriação da leitura e escrita.

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

P5- Um ambiente acolhedor, colorido, vivo, com objetos e livros ao alcance da criança, lembrando do papel fundamental do professor que é um mediador para um mundo letrado, uma ponte para o conhecimento.

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você costuma explorar as diversas potencialidades apresentadas pelos seus alunos como meio para a aprendizagem? De que forma?

P5- Sim. Valorizando e acreditando no seu potencial, dando oportunidades a esses alunos de ajudar os colegas de classe, ser o ajudante da professora, ler textos, levar recados aos demais, assim explorando diversas maneiras de aprendizado.

Quais estratégias de ensino utilizadas por você predominam em sua sala de aula de uma forma geral?

P5- Aula expositiva,, contação de história, correção coletiva, leitura e interpretação textual, música e brincadeiras direcionadas.

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

P5- Não concordo com reprovação, pois não há uma intervenção pedagógica para os estudantes avançarem em seu desenvolvimento (leitura e escrita). Porém a reprovação pode aumentar o índice de abandono escolar. Contudo deveria rever a

forma dessa progressão de turma e criar estratégias para as habilidades não atingidas.

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula? Você considera sua turma heterogênea?

P5- Minha turma é heterogênea. a heterogeneidade dos estudantes se dá com o fato de trabalhar com todos os alunos, na mesma classe, respeitando e cuidando das diferenças individuais.

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no seu planejamento?

P5- Influencia mais no momento da aula do que no planejamento, afinal, o planejamento é flexível às situações didáticas em sala.

Você trabalha com todos os alunos juntos ou você os agrupa? Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

P5- Trabalho das duas maneiras, porém o trabalho em grupo é muito construtivo, as trocas de experiência são fundamentais para a aprendizagem. De acordo com algumas atividades divido por nível de aprendizagem, mas não pode ocorrer sempre, pois acaba rotulando os alunos. Estabelecer critérios para agrupar os alunos sem ser por nível de aprendizagem evita que eles sejam classificados de forma negativa.

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cite exemplos das atividades voltadas à prática da escrita que você realiza com os alunos de uma forma geral?

P5- Listas (com frutas, nomes dos colegas), ditados com os padrões silábicos trabalhados, textos (parlendas, adivinhas) e músicas, respeitando o tempo de evolução de cada aluno.

Quais as estratégias que você costuma utilizar para ensinar aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

P5- Respeitar o tempo da criança, trabalhar as especificidades de cada um de forma diferenciada e individual e valorizar cada conquista alcançada, incentivando sempre.

O que você tem feito para tornar a sua prática diária nas aulas cada vez melhor?

P5- Conquistar os alunos procurando sempre algo que desperte a curiosidade e o prazer em buscar mais conhecimento. Uso também mensagens de incentivo.

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento?

Você costuma participar de formações continuadas para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?

P5- Sim. Apenas a formação inicial não dá conta de preparar o docente para lecionar. Participo de formações continuadas para aprofundar os conhecimentos.

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, ao buscar compreender e intervir no processo de construção pessoal da aprendizagem do alfabetizando?

P5- Sim. Nosso papel é perceber como o aluno constrói o seu conhecimento e ajudá-lo nessa jornada.

APÊNDICE G - GUIÃO DE ENTREVISTA – PROFESSOR 6

GUIÃO DE ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

P6-Feminino

Idade

P6-38 anos

Grau de instrução

P6- Especialização

Tempo de função

P6- 9 anos

Turma que leciona.

P6-2º ano do Ensino Fundamental

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

P6- Alfabetização é o desenvolvimento das competências do ato de ler e escrever de maneira correta.

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

P6- Espera-se que as crianças adquiram habilidades de ler e escrever compreendendo textos e socializando com outros de maneira em que o indivíduo possa trocar ideias e pensamentos.

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

P6- Uma estrutura física adequada com quadros, cartazes, carteiras e recursos que possibilitem o acesso a alfabetização, tais como livros didáticos, biblioteca, acesso a leituras e escritas simples e claro, um professor, o que é insubstituível nesse processo.

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você costuma explorar as diversas potencialidades apresentadas pelos seus alunos como meio para a aprendizagem? De que forma?

P6- A criança apresenta diversas maneiras de aprender e uma das formas que utilizo são desafios que trabalham o desenvolvimento crítico, tal como: estimulá-los na participação e envolvimento nas aulas, responder as atividades e participar de jogos que envolvam a aprendizagem.

Quais estratégias de ensino utilizadas por você predominam em sua sala de aula de uma forma geral?

P6- Aulas expositivas, dialogadas, debates, murais e exercícios para fixar conteúdos. Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

P6- A criança que não atingiu as competências necessárias para aquela turma, não deveria seguir para a sala subsequente, a criança que atingiu mais de 50% das competências para a turma deveria seguir para a próxima série e tentar avançar onde houve o déficit.

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula? Você considera sua turma heterogênea?

P6- Heterogeneidade na sala de aula é a oportunidade de aprendizagem igual para todos, ou seja, incluir todos no processo de aprendizagem. Incluir significa trabalhar com as diferenças e singularidades com equidade. Todas as turmas são heterogêneas.

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no seu planejamento?

P6- Sempre planejo as aulas pensando nos diferentes níveis e nos diferentes perfis de estudantes que tenho. Se não for assim não acontece a aprendizagem de todos. Como professores alfabetizadores, não devemos deixar nenhum estudante para trás, considerando que cada um tem diferentes formas e diferentes tempos de aprendizagem.

Você trabalha com todos os alunos juntos ou você os agrupa? Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

P6- Ambos, pois os grupos são selecionados com níveis de aprendizagem distintos para que o aluno que sabe mais, auxilie o seu colega.

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cite exemplos das atividades voltadas à prática da escrita que você realiza com os alunos de uma forma geral?

P6- Ditados, escrita do nome de objetos através de imagens, poemas, trava-línguas e exercícios transcritos no caderno.

Quais as estratégias que você costuma utilizar para ensinar aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

P6- Retomar os conteúdos abordando a dificuldade apresentada pela criança, traçando novos caminhos para que a criança compreenda, tal como: jogos, brincadeiras e vídeos.

O que você tem feito para tornar a sua prática diária nas aulas cada vez melhor?

P6- Rever os objetivos alcançados, traçando novas estratégias para atingir aqueles que não conseguiram retomar o conteúdo, utilizar vídeos e cartazes.

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento? Você costuma participar de formações continuadas para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?

P6- Na minha formação inicial, quanto nas formações continuadas são abordados os temas “alfabetização e letramento” o aprofundamento entre teoria e prática muitas vezes ocorre quando reconhecemos nas formações as nossas especificidades da prática e vice e versa.

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, ao buscar compreender e intervir no processo de construção pessoal da aprendizagem do alfabetizando?

P6- Sim, pois todos aprendem, embora de maneiras diferentes, o que precisamos é entender como a criança aprende e traçar estratégias para desenvolver essa competência.

APÊNDICE H - GUIÃO DE ENTREVISTA – PROFESSOR 7

GUIÃO DE ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

P7- Feminino

Idade

P7- 50 anos

Grau de instrução

P7- Especialização

Tempo de função

P7- 24 anos

Turma que leciona.

P7- 3º ano do Ensino Fundamental

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

P7- Algo de muita relevância para o desenvolvimento de qualquer ser humano. Momento de aprender a ler e a escrever.

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

P7- Que os alunos saiam alfabetizados e letrados.

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

P7- Na minha concepção é aquele que venha a despertar, motivar, desafiar os discentes a buscarem aprender a ler e escrever.

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você costuma explorar as diversas potencialidades apresentadas pelos seus alunos como meio para a aprendizagem? De que forma?

P7-Trabalho em equipe, dinâmicas em equipe, estudo e pesquisa.

Quais estratégias de ensino utilizadas por você predominam em sua sala de aula de uma forma geral?

P7- Sempre incentivo para que busquem o conhecimento de forma autônoma e participativa.

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

P7- Não acho viável a reprovação, pois as dificuldades irão permanecer sempre na trajetória desses alunos.

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula? Você considera sua turma heterogênea?

P7- É que cada aluno é único, com a sua própria capacidade e com características distintas.

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no seu planejamento?

P7- Não muito. Planejo as minhas aulas conforme as propostas da Secretaria de Educação.

Você trabalha com todos os alunos juntos ou você os agrupa?Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

P7- No momento, todos juntos.

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cite exemplos das atividades voltadas à prática da escrita que você realiza com os alunos de uma forma geral?

P7- Propostas de produção textual escrita de textos e gêneros textual ,ditada ,jogos lúdicos entre outros.

Quais as estratégias que você costuma utilizar para ensinar aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

P7- Sempre tornar o material didático mais acessível, jogos ou atividades lúdicas e diversificar o conteúdo.

O que você tem feito para tornar a sua prática diária nas aulas cada vez melhor?

P7- Sempre estou questionando e refletindo acerca da minha prática diária em sala de aula buscando assim soluções viáveis que venham a ofertar melhor aprendizado significativo para os alunos.

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento? Você costuma participar de formações continuadas para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?

P7- O conhecimento e as atualizações sobre diversos temas, entre eles, alfabetização e letramento devem ser constantes, nenhuma formação inicial traz toda a construção do saber, o aprofundamento fica por conta da formação continuada, participo de duas formações continuadas mensais na Rede de Ensino. Nesta Pandemia tive a oportunidade de participar também de muitos cursos, congressos e formações on-line. Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, ao buscar compreender e intervir no processo de construção pessoal da aprendizagem do alfabetizando?

P7- Conhecer e intervir no processo de desenvolvimento da aprendizagem é um trabalho que requer dedicação e persistência, entendo que não sou totalmente

preparada, como os meus colegas também não são. Compartilhamos saberes e aptidões construindo as aprendizagens docentes.

APÊNDICE I - GUIÃO DE ENTREVISTA – PROFESSOR 8

GUIÃO DE ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

P8- Masculino

Idade P8- 35 anos

Grau de instrução

P4- Mestrado

Tempo de função

P8- 5 anos

Turma que leciona

P8- 5º ano do Ensino Fundamental

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

P8- O processo pelo qual a criança é ensinada a ler e a escrever de forma autônoma. O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

P8- Que as crianças consigam ler e escrever com um nível de autonomia correspondente ao ano escolar que estão cursando, considerando as suas capacidades cognitivas e diferenças.

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

P8- Para mim, um ambiente alfabetizador é aquele em que se oferecem as condições para as crianças vivenciarem uma cultura letrada, com livros, revistas, materiais diversos e digitais capazes de desenvolver capacidades de ler não só os textos, mas também o mundo de forma crítica.

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você costuma explorar as diversas potencialidades apresentadas pelos seus alunos como meio para a aprendizagem? De que forma?

P8- Acredito que sim. Eu procuro fazer isto, principalmente quando eles têm que desenvolver atividades do Currículo oficial do município. Nesse caso, isso depende muito de cada um, mas, por exemplo, se a criança não for boa em Matemática, mas se for boa em leitura, eu aproveito e peço que ela fale mais sobre o que entendeu nas outras disciplinas. Se a criança for muito boa em matemática, mas não souber ler (muito comum este fato com crianças que não sabem ler), eu procuro motivá-la educacionalmente para que ela se esforce mais nas outras matérias.

Quais estratégias de ensino utilizadas por você predominam em sua sala de aula de uma forma geral?

P8- Não há espaço neste município para o professor desenvolver seu trabalho com autonomia. As propostas de alfabetização, e das demais séries vêm todas prontas e formuladas externamente por pessoas, inclusive, que não entendem nada sobre a turma dos professores, mas acham que têm as respostas para os nossos problemas. Repetem de forma acrítica modelos prontos que vem de Programas que mais têm prejudicado o município do que ajudado.

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

P8- Eu sou favorável à aprovação dos alunos em determinadas situações, se forem oferecidas condições para os professores das turmas subseqüentes corrigir a defasagem. Condições estas em formas diversas, como: apoio com reforço, suporte de materiais pedagógicos e tempo disponível para o professor poder auxiliar essas crianças com dificuldades. Sem atender condições parecidas com essas, corre-se o risco de prejudicar ainda mais a criança que irá passar de ano a ano sem suporte e infelizmente aumentará as estatísticas nacionais de nível de repetência, evasão e analfabetismo.

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula? Você considera sua turma heterogênea?

P8-A variedade de idades e nível de aprendizado retrata a heterogeneidade na sala de aula, mas há também uma heterogeneidade fenotípica muito grande. Há crianças negras, brancas, altas, baixas... em diferentes condições econômicas e familiares.

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no seu planejamento?

P8- Influencia, quando considero a comunidade a qual estão inseridos, ao nível socioeconômico e cultural, mas quanto a planejar atividades diversificadas, apenas esporadicamente. Pois não dá tempo com a necessidade de cumprir com a extensa grade curricular e vivenciar as atividades complementares que vêm prontas da Secretaria de Educação. Afinal, quando chegam às avaliações externas os estudantes são cobrados para que todos atinjam um determinado nível.

Você trabalha com todos os alunos juntos ou você os agrupa? Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

P8- Geralmente eu trabalho com todos os alunos juntos. É muito difícil eu fazer algum tipo de agrupamento para ensinar. Nas poucas vezes que eu fiz, levei em consideração os níveis de aprendizado ou mesmo apenas a amizade entre as crianças.

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cite exemplos das atividades voltadas à prática da escrita que você realiza com os alunos de uma forma geral?

P8- As atividades são de dois tipos: para os que ainda não sabem ler, são feitas atividades mais simples com leitura e formação de palavras; Para os que estão no nível adequado à série trabalho com produções de textos mais longos, com diversos gêneros textuais, continuação de história ou relatos pessoais: diário ou memórias, por exemplo. Ainda sobre essas últimas, a correção dos textos são também uma oportunidade para explicar sobre a produção de texto.

Quais as estratégias que você costuma utilizar para ensinar aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

P8- Dentro do pouco espaço que me é dado, eu procuro dar uma assistência maior. Converso e tento bolar uma estratégia em conjunto com o aluno, no tempo que temos disponível. Essas estratégias dependem da dificuldade de cada um, mas sempre procurando trabalhar em paralelo ao currículo obrigatório, e com atividades mais de acordo com o nível da criança.

O que você tem feito para tornar a sua prática diária nas aulas cada vez melhor?

P8- Eu procuro ouvir as dificuldades das crianças no cotidiano escolar. A partir das demandas das crianças podemos melhorar muito o trabalho em sala de aula.

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento? Você costuma participar de formações continuadas para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?

P8- Sim. É imprescindível ao professor ser um contínuo estudante, além da formação inicial, que não dá conta do alcance dos saberes docentes de uma maneira mais aprofundada, é importante a participação nas formações continuadas de forma crítica, e ainda mais importante a busca pelo seu aperfeiçoamento pessoal, buscando estudar sobre os temas que são mais relevantes a sua prática.

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, ao buscar compreender e intervir no processo de construção pessoal da aprendizagem do alfabetizando?

P8- Eu entendo que sim. Há diversas formações que proporcionam ao professor a possibilidade de compreender os processos de alfabetização da criança. Os conhecimentos sobre o ensino e aprendizado da alfabetização vêm sendo sistematizados e estão acessíveis de diversas formas. Eles são importantes para a construção de futuros cidadãos críticos e socialmente comprometidos com as mudanças necessárias em nossa sociedade.

APÊNDICE J - GUIÃO DE ENTREVISTA – PROFESSOR 9

GUIÃO DE ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

P9- Feminino

Idade

P9-45 anos

Grau de instrução

P9- Normal médio

Tempo de função

P9-18 anos

Turma que leciona.

P9-4º ano do Ensino Fundamental

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

P9- A alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e da sua utilização como código de comunicação e apropriação do Sistema de escrita Alfabética pressupõe a compreensão do princípio alfabético, indispensáveis ao domínio da leitura e da escrita.

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

P9- Oferecer condições para desenvolver a leitura e a escrita através da habilidade de codificar a língua oral em língua escrita.

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

P9- Livros, jornais, histórias, materiais diversos que ajudem o aluno a desenvolver essa habilidade.

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você costuma explorar as diversas potencialidades apresentadas pelos seus alunos como meio para a aprendizagem? De que forma?

P9- Sim. Estimulando novas ideias de forma espontânea e natural, deixando funcionar a imaginação.

Quais estratégias de ensino utilizadas por você predominam em sua sala de aula de uma forma geral?

P9- Exposição do conteúdo com a participação ativa dos estudantes e propostas que exigem pensamento reflexivo, crítico e criativo.

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

P9-As dificuldades dependem de diversos fatores que podem se manifestar de diversas formas como: transtornos, dificuldades de aprendizagem significativas na compreensão e uso da escrita, na forma de falar, ler, escrever e raciocinar. Sendo assim estes aspectos merecem ser analisados para que se tome a decisão considerando o que é melhor para a criança.

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula? Você considera sua turma heterogênea?

P9- A referida heterogeneidade manifesta-se de várias maneiras: existe aquele aluno apático, portador de uma baixa autoestima, como existe também aquele que por um motivo ou outro se destaca e de maneira negativa com o objetivo de ser “o alvo das atenções”.

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no seu planejamento?

P9-Difícilmente eu planejo considerando a heterogeneidade, pois existem conteúdos e habilidades que todos precisam alcançar, não tem como trabalhar atividades de acordo com o nível e o tempo do aluno em uma sala de aula regular, alguns precisam de aulas de reforço para isso.

Você trabalha com todos os alunos juntos ou você os agrupa?Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

P9- Tem momentos que são agrupados para realizar atividades.

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cite exemplos das atividades voltadas à prática da escrita que você realiza com os alunos de uma forma geral?

P9- Várias, a escrita é muito essencial em nossa vida, podemos observar que na cidade ou no campo, a escrita muda a vida dos indivíduos e ela encontra-se não só em atividades escolares, mas também em outras como, por exemplo: lista de compras e assinatura de documentos.

Quais as estratégias que você costuma utilizar para ensinar aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

P9- Avaliar, contextualizar, diversificar. É através do diálogo que o professor conhece o aluno, identifica como ele pensa e, somente assim, pode refletir sobre as modificações necessárias no processo para favorecer o seu desenvolvimento.

O que você tem feito para tornar a sua prática diária nas aulas cada vez melhor?

P9- Procuo me capacitar sempre através de cursos on-line.

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento? Você costuma participar de formações continuadas para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?

P9- Minha formação inicial deixou muito a desejar a respeito de alfabetização, as formações continuadas nem sempre estão de acordo com a nossa realidade.

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, ao buscar compreender e intervir no processo de construção da aprendizagem do alfabetizando?

P9- Geralmente converso sobre estes temas com a coordenação da escola ou com a coordenação da Secretaria de Educação, ao buscar orientações e apoio com materiais. Procuro realizar as intervenções em sala de aula de acordo com o nível esperado para a turma, afinal independente das diferenças, o resultado final da escola exige um bom aproveitamento da aprendizagem para progredir os estudantes.

APÊNDICE K - GUIÃO DE ENTREVISTA – PROFESSOR 10

GUIÃO DE ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

P10- Feminino

Idade

P10- 42 anos

Grau de instrução

P10- Superior

Tempo de função

P10- 20 anos

Turma que leciona.

P10- 5º ano do Ensino Fundamental

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

P10- Alfabetização é o processo de sistematização da leitura e escrita para a aquisição da competência leitora, bem como inserir o estudante no mundo letrado.

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

P10- Espera-se contemplar as habilidades da Língua para a aquisição da competência leitora.

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

P10- Deve haver uma rotina, recursos visuais para consulta, jogos, livros a disposição e elementos significativos ilustrando a relação da leitura e escrita com os diversos campos da vida, dentro e fora da escola.

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você costuma explorar as diversas potencialidades apresentadas pelos seus alunos como meio para a aprendizagem? De que forma?

P10- Sim. Busco ampliar o repertório de conhecimento dos estudantes, proponho desafios e me disponibilizo a dar atenção individualmente para que não fiquem desmotivados no percurso de suas conquistas.

Quais estratégias de ensino utilizadas por você predominam em sua sala de aula de uma forma geral?

P10- Aulas com PowerPoint proporcionando a interação dos estudantes, chamando para compartilhar suas respostas e aprenderem juntos. Propostas de situações de produção textual e correção. Apresentações em público para fazer uso da leitura em voz alta.

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

P10- Progredir o estudante com essas dificuldades é um grande problema, pois quando o mesmo apresenta estes aspectos, muitas vezes é por fatores externos sociais ou de saúde. Se estes não forem sanados a dificuldade vai existir e crescer a

cada ano, então irá prejudicar o estudante. Acredito que se não aprovasse o aluno que não lê até o segundo ano e fosse feita uma investigação do problema, buscando junto a família alternativas, diminuiria bastante a quantidade de alunos com dificuldade em leitura e escrita nas séries posteriores.

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula? Você considera sua turma heterogênea?

P10- São as diferentes formas de ser, de aprender e de pensar do estudante que fazem o processo ser diferenciado para cada um. A minha turma é heterogênea.

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no seu planejamento?

P10- Sempre penso nos níveis e perfis dos meus alunos ao planejar minhas aulas. Analiso os objetivos a serem alcançados e traço estratégias para abordar os conteúdos de forma que facilite a aprendizagem dos estudantes

Você trabalha com todos os alunos juntos ou você os agrupa? Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

P10- Trabalho de todas as formas citadas. Para agrupá-los, analiso o objetivo da atividade e penso se será melhor para os estudantes alcançá-los agrupados com outros níveis semelhantes ou com colegas de níveis diferentes.

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cite exemplos das atividades voltadas à prática da escrita que você realiza com os alunos de uma forma geral?

P10- Produção de texto com contextualização significativa, apresentações orais e audiovisuais de suas produções. Ditados e exercícios de fixação.

Quais as estratégias que você costuma utilizar para ensinar aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

P10- Trabalhar os conteúdos e propostas do Plano de Ensino em níveis correspondentes. A partir da avaliação diagnóstica, organizar grupos de trabalho ora em níveis semelhantes, ora em níveis e aptidões diferentes para cumprir uma tarefa.

O que você tem feito para tornar a sua prática diária nas aulas cada vez melhor?

P10- Participo de formações, busco inovar nas aulas chamando a atenção dos alunos com abordagens de temas do universo infantil, realizo atividades lúdicas com bastante interação, faço atividades diferenciadas de reforço para os que mais precisam.

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento? Você costuma participar de formações continuadas para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?

P10- Considero que a minha formação inicial deixou um pouco a desejar, porém nas formações continuadas há um aprofundamento satisfatório para nortear a minha prática.

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, ao buscar compreender e intervir no processo de construção da aprendizagem do alfabetizando?

P10- É possível, se as vivências forem muito interativas para que a relação aluno e professor sejam dialógica, e por outro lado avaliar para observar o desenvolvimento do estudante, suas conquistas e dificuldades traz segurança para compreender como está a aprendizagem e qual pode ser o próximo passo diante das particularidades do aluno.

APÊNDICE L - GUIÃO DE ENTREVISTA - EQUIPE GESTORA ESCOLAR



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

Idade-

Grau de instrução

Tempo de carreira docente

Tempo em que atua na função na equipe gestora

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você considera satisfatória a aprendizagem dos alunos atendidos pela escola?

Quais estratégias de ensino você observa que são vivenciadas de forma coletiva nas salas de aula?

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Você considera as turmas da sua escola heterogêneas? Especifique.

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula e da escola?

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no planejamento dos professores e nas suas intervenções enquanto gestor?

Os professores costumam trabalhar com todos os alunos juntos ou agrupando-os?

Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Quais as atividades voltadas à prática da leitura e da escrita que geralmente são realizadas com os alunos?

Quais as estratégias que você costuma observar no ensino aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

O que você tem feito para tornar a sua prática diária na escola cada vez melhor, em relação a consolidação da alfabetização dos estudantes?

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação acadêmica foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento?

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, melhorando assim o seu conhecimento e o dos mesmos?

APÊNDICE M - GUIÃO DE ENTREVISTA – GESTOR 1

GUIÃO DE ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

G1- Feminino

Idade-

G1-59 anos

Grau de instrução

G1-Especialização em Biologia

Tempo de carreira docente e tempo de atuação em função de gestão.

G1-No total são 39 anos de docência, sendo 23 anos na função de gestora.

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

G1- Alfabetização é o processo que acontece quando a pessoa consegue identificar e decodificar letras, sílabas, palavras, frases e textos.

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

G1- A cada ano diagnosticar as necessidades e o nível dos alunos para trabalhar de acordo com estas informações buscando o desenvolvimento na leitura.

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

G1- Materiais expostos, alfabeto, imagens contextualizadas com a leitura, livros paradidáticos.

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você considera satisfatória a aprendizagem dos alunos atendidos pela escola?

G1- Precisa melhorar muito.

Quais estratégias de ensino você observa que são vivenciadas de forma coletiva nas salas de aula?

G1-Leitura e acompanhamento estratégico, chamando ao birô para ler individualmente, leitura pelo professor com respostas coletivas dos alunos, atividades relacionadas a projetos, produções de texto.

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

G1-O aluno deve progredir, com orientações para haver um trabalho com estratégias para sanar as dificuldades do mesmo no próximo ano.

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Você considera as turmas da sua escola heterogêneas? Especifique.

G1-Totalmente heterogêneas, há extremos sociais, econômicos e culturais observados na comunidade escolar, que refletem em várias situações de comportamento e aprendizagem das crianças na escola.

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula e da escola

G1- Comportamentos diferentes, formas de aprender em ritmos diferentes.

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no planejamento dos professores e nas suas intervenções enquanto gestor?

G1-Sim. Sempre dialogamos a respeito das diversas condições que se apresentam na escola.

Os professores costumam trabalhar com todos os alunos juntos ou agrupando-os?

Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

G1- Trabalham a maior parte do tempo, de maneira coletiva.

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Quais as atividades voltadas à prática da leitura e da escrita que geralmente são realizadas com os alunos?

G1-Atividades escritas, leitura individual e coletiva e atividades diferenciadas, ou seja, lúdicas que tenham mais eficiência no desenvolvimento da aprendizagem.

Quais as estratégias que você costuma observar no ensino aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

G1- O professor costuma acompanhar mais detalhadamente o processo de aprendizagem daqueles alunos com dificuldade e desenvolve atividades mais específicas para que alcancem o nível esperado para a turma.

O que você tem feito para tornar a sua prática diária na escola cada vez melhor, em relação a consolidação da alfabetização dos estudantes?

G1- Dar suporte ao professor e ao coordenador pedagógico sempre que precisam.

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação acadêmica foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento?

G1- No Magistério sim, mas as formações continuadas é que vão dando suporte e atualização necessária.

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, melhorando assim o seu conhecimento e o dos mesmos?

G1- Sempre estamos aprendendo alguma coisa ou ensinando algo, compartilhar experiências com os colegas é uma prática muito importante.

APÊNDICE N - GUIÃO DE ENTREVISTA – GESTOR 2

GUIÃO DE ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

G2- Feminino

Idade-

G2-35 anos

Grau de instrução

G2- Especialização

Tempo de carreira docente e tempo de atuação na função de gestão escolar.

G2- Há 13 anos atuo na educação, destes são apenas 3 anos na função de gestão.

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

G2-Alfabetização é a sistematização para o ensino e aprimoramento da Língua falada, lida e escrita.

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

G2-Espera-se um desenvolvimento sistemático das habilidades e competências nas práticas de linguagem, resultando no domínio da Língua em suas diversas situações de uso até o final do Ensino Fundamental 1, 5º ano.

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

G2-Um ambiente alfabetizador deve ser composto por recursos objetivos e subjetivos que tragam pretextos e contextos para o uso e reflexão sobre a Língua. Especificando melhor: Recursos visuais e palpáveis como livros, revistas, letras móveis, cartazes, jogos, atividades diversificadas ; e recursos não palpáveis como gêneros orais e escritos, postura de leitor do professor como referência com incentivos, motivação, contextualização, criatividade, envolvimento e encantamento pelo mundo da leitura.

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você considera satisfatória a aprendizagem dos alunos atendidos pela escola?

G2-Parcialmente. Alguns alunos têm dificuldades de aprendizagem há vários anos e ainda não se conseguiu encontrar formas de ajudá-lo a desenvolver habilidades básicas em leitura e escrita.

Quais estratégias de ensino você observa que são vivenciadas de forma coletiva nas salas de aula?

G2- Leitura pelo professor, coletiva e individual; Atividades impressas, jogos, sequências didáticas, formação de palavras, ditados e correções, produções de texto, abordagem e exploração de diversos gêneros.

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

G2- Trabalhamos em séries e esta progressão se torna mais difícil por isto. Aprovar um aluno que não consolidou as habilidades do 1º para o 2º ano é aceitável pois o mesmo terá a oportunidade de desenvolvê-las, pois ainda está no ciclo de

alfabetização inicial, mas quando o processo já está mais avançado por exemplo do 3º para o 4º ano e o aluno não consolidou as habilidades básicas de leitura e escrita, surgem as dúvidas. O fracasso escolar é o resultado do déficit de consolidação das etapas de ensino no tempo previsto. Portanto, penso que o Conselho de Classe para analisar os benefícios e os malefícios de uma progressão de série é imprescindível, uma vez que são questões bem específicas.

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Você considera as turmas da sua escola heterogêneas? Especifique.

G2- Sim. Todos os espaços de convivência humana refletem esta característica.

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula e da escola?

G2- A heterogeneidade dos alunos é reflexo natural, social, cultural e genético da humanidade. Cada indivíduo é diferente do outro em sua interdimensionalidade e o nosso papel como propulsores do seu desenvolvimento é atendê-los para que desenvolvam as suas diferentes potencialidades.

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no planejamento dos professores e nas suas intervenções enquanto gestor?

G2- Na gestão pedagógica costumo enfatizar a importância do monitoramento da aprendizagem, da observação e consideração dos níveis em que os alunos se encontram para planejar e propor estratégias e atividades mais incisivas diante das diversas necessidades dos estudantes, é um grande desafio para o professor gerenciar estes processos, uma vez que o currículo está posto, cabe ao professor realizar adaptação curricular para não deixar de garantir o direito do acesso ao mesmo pelo aluno e que o aluno consiga gradativamente acompanhar os objetos de conhecimento. É um verdadeiro trabalho de resgate da aprendizagem de alguns alunos que deve acontecer, nem todos os professores conseguem. Alguns se esforçam para fazê-lo. Outros nem tentam.

Os professores costumam trabalhar com todos os alunos juntos ou agrupando-os?

Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

G2- Cada professor apresenta um perfil, há heterogeneidade docente também. A maioria das práticas consiste no trabalho com a turma toda ou individual, poucos professores na escola realizam agrupamentos por níveis, o que na minha opinião profissional facilitaria as intervenções por níveis.

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Quais as atividades voltadas à prática da leitura e da escrita que geralmente são realizadas com os alunos?

G2- Geralmente são realizados ditados, produções de texto contextualizadas, análise e reflexão sobre a Língua, porém as correções das produções de texto deixam a desejar, não ocorrendo ou sendo feitas pelo professor e não analisadas pelos estudantes. Ocorrem também projetos de leitura com empréstimos de livros.

Quais as estratégias que você costuma observar no ensino aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

G2- Estratégias diversificadas são práticas trabalhosas, desde o planejamento à execução. Percebo que a maior parte dos professores não quer sair da sua zona de conforto e acabam por não oportunizar diversas formas de aprender aos estudantes, acabam por não atingir aqueles alunos que mais precisam, uma vez que a repetição das mesmas aulas já se mostra insuficiente. Na maior parte das vezes os alunos com dificuldades são atendidos a parte da turma, com reforço quando há pessoal disponível ou são chamados por alguns minutos no birô para uma leitura individual ou para correção de atividade.

O que você tem feito para tornar a sua prática diária na escola cada vez melhor, em relação a consolidação da alfabetização dos estudantes?

G2- Tenho procurado estudar, ser presente, planejar junto aos docentes intervenções, oferecer apoio nas dificuldades, atuar em conjunto com os professores, realizar atendimento as famílias procurando conhecer melhor a realidade dos alunos para buscarmos caminhos para o sucesso dos mesmos.

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação acadêmica foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento?

G2- Sim. O curso de pedagogia oferece subsídios necessários sobre o tema.

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, melhorando assim o seu conhecimento e o dos mesmos?

G2- Sim. Através do compartilhamento de experiências e do diálogo construímos muitos saberes em relação à teoria e a prática.

APÊNDICE O - GUIÃO DE ENTREVISTA – GESTOR 3

GUIÃO DE ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Natália Rocha Carvalho

E-mail: nr6076994@gmail.com

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Briones Salazar

Coorientadora: Professora Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prezado (a) Professor (a)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo identificar as estratégias de ensino relacionadas à heterogeneidade das aprendizagens do sistema de escrita Alfabética (SEA) em turmas do Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola de Arcoverde-PE.

Para investigar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes para promover a aprendizagem do SEA e identificar as tensões que os professores enfrentam com a heterogeneidade das aprendizagens dos estudantes e ainda verificar se há intencionalidade no planejamento das ações educativas dos professores em relação aos diferentes perfis de estudantes para a promoção da aprendizagem, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos obter percepções satisfatórias e significativas da realidade dos docentes em relação ao tema.

Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Gênero

G3- Feminino

Idade-

G3- 42 anos

Grau de instrução

G3-Especialização

Tempo de carreira docente.

G3-12 anos; 3 anos em função.

Q2. ALFABETIZAÇÃO

O que você compreende por alfabetização?

G3- Alfabetizar é criar um ambiente alfabetizador que favoreça o diálogo e a troca de experiências, estimule o ouvir e o falar, pratique a ludicidade, interação e não pule etapas.

O que se espera das vivências em relação ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

G3- Espera-se que as vivências possibilitem às crianças a oportunidade de expressão e a valorização do conhecimento prévio a ser ampliado no espaço escolar.

Para você, o que deve compor um ambiente alfabetizador?

G3- Um ambiente onde a criança sinta-se à vontade para produzir e ver as suas produções expostas periodicamente. Longe da poluição de informações.

Q3. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você considera satisfatória a aprendizagem dos alunos atendidos pela escola?

G3- Sim. Em relação aos pontos que já citei.

Quais estratégias de ensino você observa que são vivenciadas de forma coletiva nas salas de aula?

G3- Uso da ludicidade e trabalhos em grupo.

Qual a sua opinião em relação à progressão de turma para os estudantes com dificuldade de aprendizagem especificamente em leitura e escrita?

G3- É interessante considerar o diagnóstico e monitoramento das aprendizagens. Observando o desempenho contínuo do estudante é possível decidir se ele pode progredir de série e continuar avançando.

Q4. HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS E DE SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Você considera as turmas da sua escola heterogêneas? Especifique.

G3- O subjetivo humano é substancialmente diferente, e assim acontece com as mais variadas formas de aprendizagem levando em consideração os ritmos de cada um.

Para você, o que é heterogeneidade dos alunos no espaço da sala de aula e da escola

G3- Refere-se às diferentes formas de aprender e de ensinar.

Você acha que a heterogeneidade dos estudantes influencia no planejamento dos professores e nas suas intervenções enquanto gestor?

G3- Sim, pois ao conhecer as diferenças, as dificuldades e as potencialidades é que se busca meios para resolvê-las. E o planejamento é fundamental para a organização de estratégias e metas.

Os professores costumam trabalhar com todos os alunos juntos ou agrupando-os? Quais os critérios para realizar os agrupamentos?

G3- Os agrupamentos acontecem quando necessário, praticando a aprendizagem colaborativa.

Q5. PRÁTICA PEDAGÓGICA

Quais as atividades voltadas à prática da leitura e da escrita que geralmente são realizadas com os alunos?

G3- A prática da leitura e da escrita acontece de forma contextualizada, apoiando-se na ludicidade que as torna satisfatórias.

Quais as estratégias que você costuma observar no ensino aos alunos que apresentam dificuldades ou ritmo diferente de aprendizagem da maioria da turma?

G3- Para os alunos com dificuldades de aprendizagem é feito o trabalho de retomada de atividades e intervenções que tem como objetivo recuperar e ampliar o conhecimento.

O que você tem feito para tornar a sua prática diária na escola cada vez melhor, em relação a consolidação da alfabetização dos estudantes?

G3- Tento mostrar por meio de algumas sugestões que nenhuma dificuldade é capaz de impedir que a aprendizagem aconteça.

Q6. FORMAÇÃO PESSOAL

Na sua formação acadêmica foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento?

G3- Sim. Alfabetização e letramento sempre foram o foco na minha licenciatura, bem como nas formações continuadas.

Você se sente preparado para tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, melhorando assim o seu conhecimento e o dos mesmos?

G3- Sim. Ouvir e entender os anseios dos colegas e buscar contribuir faz parte do crescimento profissional enquanto docentes.

APÊNDICE P - INSTRUMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

QUADROS ELABORADOS PARA A FACILITAÇÃO DA ANÁLISE DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS

QUADRO 1

RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROFESSOR 1 (P1)

Q1	Feminino
Q2	36 anos
Q3	Especialização
Q4	12 anos
Q5	1º ano do Ensino Fundamental
Q6	É o processo de aprendizagem do aluno.
Q7	Que atinjam as metas estabelecidas, bem como o aprendizado e desenvolvimento dos estudantes.
Q8	Conhecimento, estímulos e parceria.
Q9	Sim. Valorizando a realidade de cada um.
Q10	Leitura de textos, correção de atividades.
Q11	Em minha opinião deve-se reter o aluno e no próximo ano focar em eixos onde encontramos as dificuldades, para novas descobertas e desenvolvimento.
Q12	A dificuldade, diferença ou falta de conhecimento de cada aluno. Toda turma é heterogênea.
Q13	Sempre que há oportunidade abordo os conteúdos de maneiras diferenciadas, mas nem sempre são planejadas essas abordagens, geralmente surgem de acordo com o feedback dos estudantes.
Q14	Trabalho das duas formas, sempre que necessário. Procuro deixar onde sintasse a vontade para desenvolver melhor naquele momento.
Q15	Conscientizar sobre a importância de escrever bem, e prática sempre.
Q16	Conhecer melhor essas dificuldades, dar um pouco mais de atenção, sendo mais objetivo na explicação.
Q17	Me esforçado em buscar mais conhecimento prático a cada plano de aula.

Q18	Na minha formação inicial, não houve aprofundamento sobre as didáticas de alfabetização, considero também a formação continuada insuficiente.
Q19	Sinto-me pouco preparada para discorrer sobre alfabetização com os colegas de profissão, há dificuldades em compreender como cada criança aprende, há também uma diversidade de métodos e intervenções que tanto podem ajudar como podem atrapalhar o processo.

QUADRO 2

RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROFESSOR 2 (P2)

Q1	Feminino
Q2	34 anos
Q3	Especialização
Q4	14 anos
Q5	1º ano do Ensino Fundamental
Q6	É a possibilidade que a criança tem de descobrir um mundo novo, onde ela possa: explorar, criar, participar e interagir de forma ativa. Alfabetização não se restringe apenas a ler e escrever, é saber ler o mundo e entender o que se lê. É o conjunto de habilidades necessárias para desenvolver as demandas que por ventura vão aparecer ao longo da vida deles.
Q7	Que essas vivências sejam de soma e troca de conhecimentos entre professor e aluno, visto que o aluno já traz certo conhecimento que deve ser valorizado pelo professor. Dessa forma, uma boa vivência é primordial para um bom desenvolvimento da alfabetização nos anos iniciais. Acredito que também é necessária a existência de alguns elementos essenciais a uma boa vivência, tais como: confiança, afeto, respeito, cuidado e dedicação, dentre outros. Uma boa vivência com seu aluno muitas vezes pode ser a chave para a alfabetização efetiva.
Q8	Deve ser um ambiente agradável com materiais lúdicos, propícios a alfabetização, tais como: alfabeto ilustrado, jogos, alfabeto e números móveis, livros para leitura, placas de leitura, diversos gêneros textuais apresentados em cartazes, dentre outros elementos primordiais. Acredito também, que o

	ambiente deve ser acolhedor no sentido de ser colorido e criativo, para que o aluno sintá-se bem em estar lá.
Q9	Sim, estimulando eles a participarem, falarem sobre o que sabem interajam entre eles com perguntas, pensamentos e usando isso para contextualizar a realidade do aluno com aquilo que ele precisa aprender em sala de aula.
Q10	Diversos tipos de ditados, leituras coletivas, uso do alfabeto móvel, roda de conversa, roda de leitura, apresentação de variados gêneros textuais, chamada ao quadro para identificação de letras, sílabas ou palavras contidas em um texto ou em uma atividade, dentre outros.
Q11	Não concordo, acredito que o aluno terá mais dificuldades em desenvolver tais habilidades, progredindo de turma sem o nível básico necessário.
Q12	São características próprias que cada um apresenta, são suas diversidades, habilidades, pensamentos e atitudes presentes em cada um. Cada aluno desenvolve atitudes próprias de um ser, que é humano e social, essas características são construídas a partir do seu convívio familiar e social. Por exemplo, existem alunos que tem mais facilidade no processo de alfabetização, outros mais dificuldade.
Q13	Sim. Avalio as aprendizagens e o desenvolvimento dos alunos de forma contínua para que possa planejar intervenções adequadas principalmente para aqueles com mais dificuldades.
Q14	Depende do que está sendo trabalhado, muitas vezes é necessário trabalhar em grupos por nível outra vezes no coletivo.
Q15	Formação do nome, formação de palavras simples, escrita de pequenas frases ou trechos de um texto para estudo e identificação de letras, sílabas e palavras, separação silábica, entre outros.
Q16	Ditados, formação de palavras com o suporte de gravuras, uso do alfabeto móvel e de sílabas móveis.
Q17	Busco ser criativa, atenta às necessidades dos meus alunos. Procuo identificar o que não está dando certo e tento melhorar.
Q18	Tanto na minha formação inicial, quanto nas formações continuadas são abordados temas teóricos e práticos inerentes a alfabetização e letramento.
Q19	Costumo conversar e trocar experiências com colegas de profissão, um outro olhar sobre o perfil dos alunos pode ajudar quando temos algum tipo de

	dificuldade para ajudar o aluno nesse processo, mas na maioria das vezes é possível compreender o processo de aprendizagem do aluno sim.
--	--

QUADRO 3
RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROFESSOR 3 (P3)

Q1	Feminino
Q2	59 anos
Q3	Especialização
Q4	20 anos
Q5	3º ano do Ensino Fundamental
Q6	É o processo de aquisição de um conjunto de habilidades que são necessárias para o desenvolvimento da prática da leitura e da escrita.
Q7	Espera-se o desenvolvimento do aprendizado e utilização do alfabeto como codificação para a realização da escrita e leitura.
Q8	O ambiente alfabetizador deve ser um espaço onde aconteça a prática de ler e escrever de forma contínua.
Q9	Através do incentivo, promovendo a realização de projetos, atividades extraclasse e pesquisa.
Q10	Atividades para serem realizadas em grupos e projetos de leitura.
Q11	É importante, antes de pensar em reprovação, realizar práticas de leitura e escrita diversificadas provocando o interesse e estímulo à leitura e escrita. Quando já se fez tudo o que estava ao alcance e a criança não aprende a ler e escrever, acredito que discutir a melhor opção com a equipe escolar é interessante, pois cada caso pode ter necessidades de acompanhamento e ensino diferentes.
Q12	Devido à heterogeneidade existente o aprendizado acontece de forma diversificada entre os estudantes.
Q13	Sim. Procuro planejar utilizando estratégias que correspondam aos interesses das crianças para chamar a atenção deles e assim dar uma boa aula.
Q14	O trabalho em sala de aula acontece nos dois momentos e formas questionados. Quando em grupo acontece de forma diversificada.

Q15	Determinação de horário destinado à realização de leitura e escrita, através de distribuição de livros ou textos.
Q16	Realização de atividades extras, atividades coletivas envolvendo o estudante.
Q17	Realização de atividades lúdicas diferenciadas, estimulando o estudante à construção do conhecimento.
Q18	Sim, na minha formação inicial tive contato com vivências voltadas à alfabetização, o aprofundamento tem ficado por conta da formação continuada que é extremamente importante para a nossa carreira e para o resultado do nosso trabalho enquanto professores.
Q19	Sinto-me competente para tratar teoricamente dos temas com a equipe com a qual trabalho, porém a busca pela compreensão da forma de aprender do estudante é algo constante e a busca de intervenções também, geralmente há intervenções que posso realizar sozinha com a minha turma, mas outras é preciso envolver outros professores, coordenação e até parcerias externas.

QUADRO 4

RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROFESSOR 4 (P4)

Q1	Feminino
Q2	38 anos
Q3	Especialização
Q4	10 anos
Q5	2º ano do Ensino Fundamental
Q6	Alfabetização é levar à criança a descoberta da leitura e da escrita.
Q7	Que seja de forma leve e prazerosa.
Q8	Deve ser acolhedor e agradável.
Q9	Sim. Com atividades diversificadas.
Q10	Leitura feita pela professora e leitura fatiada.
Q11	Acredito que a reprovação é um estímulo à buscar novos conhecimentos e oportunidades, porém é mais viável aprovar e tentar suprir as necessidades da criança no ano seguinte.
Q12	Uma realidade vivida por muitos. A minha turma apresenta esta característica.

Q13	Com pouca frequência planejo aulas com atividades diferenciadas. Costumo trabalhar com diferentes métodos e diferentes formas de explicação para que os alunos consigam responder às atividades e aprender.
Q14	Trabalho mais na coletividade. Algumas vezes em grupo para promover mais interação entre eles.
Q15	Treino ortográfico, complemento de frases, dentre outros.
Q16	Trazendo um trabalho diferenciado, buscando atingir a dificuldade.
Q17	Reinventar-me a cada obstáculo.
Q18	Sim. Participo sempre de formações continuadas.
Q19	Sim. Alfabetização e letramento são temas que sempre estão presentes nas conversas dos professores, mas na tomada de decisões temos que buscar compreender como o estudante aprende e que intervenções devo fazer, nem sempre conseguimos acertar, mas vamos conhecendo e encontrando caminhos a cada tentativa.

QUADRO 5

RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROFESSOR 5 (P5)

Q1	Feminino
Q2	39 anos
Q3	Especialização
Q4	3 anos
Q5	4º ano do Ensino Fundamental
Q6	É a aquisição da leitura e escrita. É uma forma de comunicação com o seu meio.
Q7	Espera desenvolver habilidades significativas, através do brincar, descobrir o mundo através da leitura audiovisual e ser inserido no meio social com a apropriação da leitura e escrita.
Q8	Um ambiente aconchegante, colorido, vivo, com objetos e livros ao alcance da criança, lembrando do papel fundamental do professor que é um mediador para um mundo letrado, uma ponte para o conhecimento.

Q9	Sim. Valorizando e acreditando no seu potencial, dando oportunidade a esses alunos de ajudar os colegas de classe, ser o ajudante da professora, ler textos, levar recados aos demais, assim explorando diversas maneiras de aprendizado.
Q10	Aula expositiva, contação de história, correção coletiva, leitura e interpretação textual, músicas e brincadeiras direcionadas.
Q11	Não concordo com reprovação, pois não há uma intervenção pedagógica para os estudantes avançarem em seu desenvolvimento (leitura e escrita). Porém a reprovação pode aumentar o índice de abandono escolar. Contudo deveria rever a forma dessa progressão de turma e criar estratégias para as habilidades não atingidas.
Q12	Minha turma é heterogênea. a heterogeneidade dos estudantes se dá com o fato de trabalhar com todos os alunos, na mesma classe, respeitando e cuidando das diferenças individuais.
Q13	Influencia mais no momento da aula do que no planejamento, afinal, o planejamento é flexível as situações didáticas em sala.
Q14	Trabalho de duas maneiras, porém o trabalho em grupo é muito construtivo, as trocas de experiência são fundamentais para a aprendizagem. De acordo com algumas atividades divididas por nível de aprendizagem, mas não pode ocorrer sempre, pois acaba rotulando os alunos. Estabelecer critérios para agrupar os alunos sem ser por nível de aprendizagem evita que eles sejam classificados de forma negativa.
Q15	Listas (com frutas, nomes dos colegas), ditado com os padrões silábicos trabalhados, textos (parlendas, adivinhas) e músicas, respeitando o tempo de evolução de cada aluno.
Q16	Respeitar o tempo da criança, trabalhar as especificidades de cada um de forma diferenciada e individual e valorizar cada conquista alcançada, incentivando sempre.
Q17	Conquistar os alunos, procurando sempre algo que desperte a curiosidade e o prazer em buscar mais conhecimento. Uso também mensagens de incentivo.
Q18	Sim. Apenas a formação inicial não dá conta de preparar o docente para lecionar, participo de formações continuadas para aprofundar os conhecimentos.

Q19	Sim, o nosso papel é perceber como o aluno constrói seu conhecimento e ajudá-lo nessa jornada.
------------	--

QUADRO 6

RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROFESSOR 6 (P6)

Q1	Feminino
Q2	38 anos
Q3	Especialização
Q4	9 anos
Q5	2º ano do Ensino Fundamental
Q6	Alfabetização é o desenvolvimento das competências do ato de ler e escrever de maneira correta.
Q7	Espera-se que as crianças adquiram a habilidades de ler e escrever compreendendo textos e socializando com outros de maneira em que o indivíduo possa trocar idéias e pensamentos.
Q8	Uma estrutura física adequada com quadro, cartazes, carteiras e recursos que possibilitem o acesso a alfabetização, tais como livros didáticos, biblioteca, acesso a leituras e escritas simples e claro, um professor, o que é insubstituível nesse processo.
Q9	A criança apresenta diversas maneiras de aprender e uma das formas que utilizo são desafios que trabalham o desenvolvimento crítico, tal como: estimulá-los na participação e envolvimento nas aulas, responder as atividades e participar de jogos que envolvam a aprendizagem.
Q10	Aulas expositivas dialogadas, debate, murais e exercícios para fixar conteúdos.
Q11	A criança que não atingiu as competências necessárias para aquela turma, não deveria seguir para a sala subsequente, a criança que atingiu mais de 50% das competências para a turma deveria seguir para a próxima série e tentar avançar onde houve o déficit.
Q12	Heterogeneidade na sala de aula é a oportunidade de aprendizagem igual para todos, ou seja, incluir todos no processo de aprendizagem. Incluir significa

	trabalhar com as diferenças e singularidades com equidade. Todas as turmas são heterogêneas.
Q13	Sempre planejo aulas pensando nos diferentes níveis e nos diferentes perfis de estudantes que tenho. Se não for assim não acontece a aprendizagem de todos. Como professores alfabetizadores, não devemos deixar nenhum estudante para trás, considerando que cada um tem diferentes formas e diferentes tempos de aprendizagem.
Q14	Ambos, pois os grupos são selecionados com níveis de aprendizagem distintos para que o aluno que sabe mais, auxilie o seu colega.
Q15	Ditados, escrita do nome de objetos através de imagens, poemas, trava-línguas e exercícios transcritos o caderno.
Q16	Retomar os conteúdos abordando a dificuldade apresentada pela criança, traçando novos caminhos para que a criança compreenda, tal como: jogos, brincadeiras e vídeos.
Q17	Rever os objetivos alcançados, traçando novas estratégias para atingir aqueles que não conseguiram retomar o conteúdo, utilizar vídeos e cartazes.
Q18	Na minha formação inicial, quanto nas formações continuadas são abordados os temas “alfabetização e letramento” o aprofundamento entre teoria e prática muitas vezes ocorre quando reconhecemos nas formações as nossas especificidades da prática e vice e versa.
Q19	Sim, pois todos aprendem, embora de maneiras diferentes, o que precisamos é entender como a criança aprende e traçar estratégias para desenvolver essa competência.

QUADRO 7

RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROFESSOR 7 (P7)

Q1	Feminino
Q2	50 anos
Q3	Especialização
Q4	24 anos
Q5	3º ano do Ensino Fundamental

Q6	Algo de muita relevância para o desenvolvimento de qualquer ser humano. Momento de aprender a ler e a escrever.
Q7	Que os alunos saiam alfabetizados e letrados.
Q8	Na minha concepção é aquele que venha a despertar, motivar, desafiar os discentes a buscarem aprender a ler e escrever.
Q9	Sempre incentivo para que busquem o conhecimento de forma autônoma e participativa.
Q10	Trabalho em equipe, dinâmicas em equipe, estudo e pesquisa.
Q11	Não acho viável a reprovação, pois as dificuldades irão permanecer sempre na trajetória desses alunos.
Q12	É que cada aluno é único, com a sua própria capacidade e com características distintas.
Q13	Não muito. Planejo minhas aulas conforme as propostas da Secretaria de Educação.
Q14	No momento todos juntos.
Q15	Propostas de produção textual escrita de textos e gêneros textual ,ditada ,jogos lúdicos entre outros.
Q16	Sempre tornar o material didático mais acessível, jogos ou atividades lúdicas e diversificar o conteúdo.
Q17	Sempre estou questionando e refletindo acerca da minha prática diária em sala de aula buscando assim soluções viáveis que venham a ofertar melhor aprendizado significativo para os alunos.
Q18	O conhecimento e as atualizações sobre diversos temas, entre eles, alfabetização e letramento devem ser constantes, nenhuma formação inicial traz toda a construção do saber, o aprofundamento fica por conta da formação continuada, participo de duas formações continuadas mensais na Rede de Ensino. Nesta Pandemia tive a oportunidade de participar também de muitos cursos, congressos e formações on-line.
Q19	Conhecer e intervir no processo de desenvolvimento da aprendizagem é um trabalho que requer dedicação e persistência, entendo que não sou totalmente preparada, como os meus colegas também não são. Compartilhamos saberes e aptidões construindo as aprendizagens docentes.

QUADRO 8
RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROFESSOR 8 (P8)

Q1	Masculino
Q2	35 anos
Q3	Mestrado
Q4	5 anos
Q5	5º ano do Ensino Fundamental
Q6	O processo pelo qual a criança é ensinada a ler e a escrever de forma autônoma.
Q7	Que as crianças consigam ler e escrever com um nível de autonomia correspondente ao ano escolar que estão cursando, considerando as suas capacidades cognitivas e diferenças.
Q8	Para mim, um ambiente alfabetizador é aquele em que se oferecem as condições para as crianças vivenciarem uma cultura letrada, com livros, revistas, materiais diversos e digitais capazes de desenvolver capacidades de ler não só os textos, mas também o mundo de forma crítica.
Q9	Acredito que sim. Eu procuro fazer isto, principalmente quando eles têm que desenvolver atividades do Currículo oficial do município. Nesse caso, isso depende muito de cada um, mas, por exemplo, se a criança não for boa em Matemática, mas se for boa em leitura, eu aproveito e peço que ela fale mais sobre o que entendeu nas outras disciplinas. Se a criança for muito boa em matemática, mas não souber ler (muito comum este fato com crianças que não sabem ler), eu procuro motivá-la educacionalmente para que ela se esforce mais nas outras matérias.
Q10	Não há espaço neste município para o professor desenvolver seu trabalho com autonomia. As propostas de alfabetização, e das demais séries vêm todas prontas e formuladas externamente por pessoas, inclusive, que não entendem nada sobre a turma dos professores, mas acham que têm as respostas para os nossos problemas. Repetem de forma acrítica modelos prontos que vem de Programas que mais têm prejudicado o município do que ajudado.
	Eu sou favorável à aprovação dos alunos em determinadas situações, se forem oferecidas condições para os professores das turmas subseqüentes corrigir a

Q11	defasagem. Condições estas em formas diversas, como: apoio com reforço, suporte de materiais pedagógicos e tempo disponível para o professor poder auxiliar essas crianças com dificuldades. Sem atender condições parecidas com essas, corre-se o risco de prejudicar ainda mais a criança que irá passar de ano a ano sem suporte e infelizmente aumentará as estatísticas nacionais de nível de repetência, evasão e analfabetismo.
Q12	A variedade de idades e nível de aprendizado retrata a heterogeneidade na sala de aula, mas há também uma heterogeneidade fenotípica muito grande. Há crianças negras, brancas, altas, baixas... em diferentes condições econômicas e familiares.
Q13	Influencia quando considero a comunidade a qual estão inseridos, ao nível socioeconômico e cultural, mas quanto a planejar atividades diversificadas, apenas esporadicamente. Pois não dá tempo com a necessidade de cumprir com a extensa grade curricular e vivenciar as atividades complementares que vêm prontas da Secretaria de Educação. Afinal, quando chegam às avaliações externas os estudantes são cobrados para que todos atinjam a um determinado nível.
Q14	Geralmente eu trabalho com todos os alunos juntos. É muito difícil eu fazer algum tipo de agrupamento para ensinar. Nas poucas vezes que eu fiz, levei em consideração os níveis de aprendizado ou mesmo apenas a amizade entre as crianças.
Q15	As atividades são de dois tipos: para os que ainda não sabem ler, são feitas atividades mais simples com leitura e formação de palavras; Para os que estão no nível adequado à série trabalho com produções de textos mais longos, com diversos gêneros textuais, continuação de história ou relatos pessoais: diário ou memórias, por exemplo. Ainda sobre essas últimas, a correção dos textos são também uma oportunidade para explicar sobre a produção de texto.
Q16	Dentro do pouco espaço que me é dado, eu procuro dar uma assistência maior. Converso e tento bolar uma estratégia em conjunto com o aluno, no tempo que temos disponível. Essas estratégias dependem da dificuldade de cada um, mas sempre procurando trabalhar em paralelo ao currículo obrigatório, e com atividades mais de acordo com o nível da criança.

Q17	Eu procuro ouvir as dificuldades das crianças no cotidiano escolar. A partir das demandas das crianças podemos melhorar muito o trabalho em sala de aula.
Q18	Sim. É imprescindível ao professor ser um contínuo estudante, além da formação inicial, que não dá conta do alcance dos saberes docentes de uma maneira mais aprofundada, é importante a participação nas formações continuadas de forma crítica, e ainda mais importante a busca pelo seu aperfeiçoamento pessoal, buscando estudar sobre os temas que são mais relevantes a sua prática.
Q19	Eu entendo que sim. Há diversas formações que proporcionam ao professor a possibilidade de compreender os processos de alfabetização da criança. Os conhecimentos sobre o ensino e aprendizado da alfabetização vêm sendo sistematizados e estão acessíveis de diversas formas. Eles são importantes para a construção de futuros cidadãos críticos e socialmente comprometidos com as mudanças necessárias em nossa sociedade.

QUADRO 9

RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROFESSOR 9 (P9)

Q1	Feminino
Q2	45 anos
Q3	Nível médio
Q4	18 anos
Q5	4º ano do Ensino Fundamental
Q6	A alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e da sua utilização como código de comunicação e apropriação do sistema de escrita e pressupõe a compreensão do princípio alfabético, indispensáveis ao domínio da leitura e da escrita.
Q7	Oferecer condições para desenvolver a leitura e a escrita através da habilidade de codificar a língua oral em língua escrita.
Q8	Livros, jornais, histórias, materiais diversos que ajudem o aluno a desenvolver essa habilidade.
Q9	Sim. Estimulando novas ideias de forma espontânea e natural, deixando funcionar a imaginação.

Q10	Exposição do conteúdo com a participação ativa dos estudantes e propostas que exigem pensamento reflexivo, crítico e criativo.
Q11	As dificuldades dependem de diversos fatores que podem se manifestar de diversas formas como: transtornos, dificuldades de aprendizagem significativas na compreensão e uso da escuta, na forma de falar, ler, escrever e raciocinar. Sendo assim estes aspectos merecem ser analisados para que se tome a decisão considerando o que é melhor para a criança.
Q12	A referida heterogeneidade manifesta-se de várias maneiras: existe aquele aluno apático, portador de uma baixa autoestima, como existe também aquele que por um motivo ou outro se destaca e de maneira negativa com o objetivo de ser “o alvo das atenções”.
Q13	Difícilmente eu planejo considerando a heterogeneidade, pois existem conteúdos e habilidades que todos precisam alcançar, não tem como trabalhar atividades de acordo com o nível e o tempo do aluno em uma sala de aula regular, alguns precisam de aulas de reforço para isso.
Q14	Tem momentos que são agrupados para realizar atividades.
Q15	Várias, a escrita é muito essencial em nossa vida, podemos observar que na cidade ou no campo, a escrita muda a vida dos indivíduos e ela encontra-se não só em atividades escolares, mas também em outras como, por exemplo: lista de compras e assinatura de documentos.
Q16	Avaliar, contextualizar, diversificar. É através do diálogo que o professor conhece o aluno, identifica como ele pensa e, somente assim, pode refletir sobre as modificações necessárias no processo para favorecer o seu desenvolvimento.
Q17	Procuo me capacitar sempre através de cursos on-line.
Q18	Minha formação inicial deixou muito a desejar a respeito de alfabetização, as formações continuadas nem sempre estão de acordo com a nossa realidade.
Q19	Geralmente converso sobre estes temas com a coordenação da escola ou com a coordenação da Secretaria de Educação, ao buscar orientações e apoio com materiais. Procuo realizar as intervenções em sala de aula de acordo com o nível esperado para a turma, afinal independente das diferenças, o resultado final da escola exige um bom aproveitamento da aprendizagem para progredir os estudantes.

QUADRO 10
RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROFESSOR 10 (P10)

Q1	Feminino
Q2	42 anos
Q3	Superior
Q4	20 anos
Q5	5º ano do Ensino Fundamental
Q6	Alfabetização é o processo de sistematização da leitura e escrita para a aquisição da competência leitora.
Q7	Espera-se contemplar as habilidades da Língua para a aquisição da competência leitora, bem como inserir o estudante no mundo letrado.
Q8	Deve haver uma rotina, recursos visuais para consulta, jogos, livros a disposição e elementos significativos ilustrando a relação da leitura e escrita com os diversos campos da vida, dentro e fora da escola.
Q9	Sim. Busco ampliar o repertório de conhecimento dos estudantes, proponho desafios e me disponibilizo a dar atenção individualmente para que não fiquem desmotivados no percurso de suas conquistas.
Q10	Aulas com PowerPoint proporcionando a interação dos estudantes, chamando para compartilhar suas respostas e aprenderem juntos. Propostas de situações de produção textual e correção. Apresentações em público para fazer uso da leitura em voz alta.
Q11	Progredir o estudante com essas dificuldades é um grande problema, pois quando o mesmo apresenta estes aspectos, muitas vezes é por fatores externos sociais ou de saúde. Se estes não forem sanados a dificuldade vai existir e crescer a cada ano, então irá prejudicar o estudante. Acredito que se não aprovasse o aluno que não lê até o segundo ano e fosse feita uma investigação do problema, buscando junto a família alternativas, diminuiria bastante a quantidade de alunos com dificuldade em leitura e escrita nas séries posteriores.
Q12	São as diferentes formas de ser, de aprender e de pensar do estudante que fazem o processo ser diferenciado para cada um. A minha turma é heterogênea.

Q13	Sempre penso nos níveis e perfis dos meus alunos ao planejar minhas aulas. Analiso os objetivos a serem alcançados e traço estratégias para abordar os conteúdos de forma que facilite a aprendizagem dos estudantes.
Q14	Trabalho de todas as formas citadas. Para agrupá-los, analiso o objetivo da atividade e penso se será melhor para os estudantes alcançá-los agrupados com outros níveis semelhantes ou com colegas de níveis diferentes.
Q15	Produção de texto com contextualização significativa, apresentações orais e audiovisuais de suas produções. Ditados e exercícios de fixação.
Q16	Trabalhar os conteúdos e propostas do Plano de Ensino em níveis correspondentes. A partir da avaliação diagnóstica, organizar grupos de trabalho ora em níveis semelhantes, ora em níveis e aptidões diferentes para cumprir uma tarefa.
Q17	Participo de formações, busco inovar nas aulas chamando a atenção dos alunos com abordagens de temas do universo infantil, realizo atividades lúdicas com bastante interação, faço atividades diferenciadas de reforço para os que mais precisam.
Q18	Considero que a minha formação inicial deixou um pouco a desejar, porém nas formações continuadas há um aprofundamento satisfatório para nortear a minha prática.
Q19	É possível, se as vivências forem muito interativas para que a relação aluno e professor sejam dialógica, e por outro lado avaliar para observar o desenvolvimento do estudante, suas conquistas e dificuldades traz segurança para compreender como está a aprendizagem e qual pode ser o próximo passo diante das particularidades do aluno.

QUADRO 11

RESPOSTAS DOS GESTORES

GESTOR 1 (G1)

Q1	Feminino
Q2	59 anos
Q3	Especialização em Biologia

Q4	No total são 39 anos de docência, sendo 23 anos na função de gestora.
Q5	Alfabetização é o processo que acontece quando a pessoa consegue identificar e decodificar letras, sílabas, palavras, frases e textos.
Q6	A cada ano diagnosticar as necessidades e o nível dos alunos para trabalhar de acordo com estas informações buscando o desenvolvimento na leitura.
Q7	Materiais expostos, alfabeto, imagens contextualizadas com a leitura, livros paradidáticos.
Q8	Precisa melhorar muito.
Q9	Leitura e acompanhamento estratégico, chamando ao birô para ler individualmente, leitura pelo professor com respostas coletivas dos alunos, atividades relacionadas a projetos, produções de texto.
Q10	O aluno deve progredir, com orientações para haver um trabalho com estratégias para sanar as dificuldades do mesmo no próximo ano.
Q11	Totalmente heterogêneas, há extremos sociais, econômicos e culturais observados na comunidade escolar, que refletem em várias situações de comportamento e aprendizagem das crianças na escola.
Q12	Comportamentos diferentes, formas de aprender em ritmos diferentes.
Q13	Sim. Sempre dialogamos a respeito das diversas condições que se apresentam na escola.
Q14	Trabalham a maior parte do tempo, de maneira coletiva.
Q15	Atividades escritas, leitura individual e coletiva e atividades diferenciadas, ou seja, lúdicas que tenham mais eficiência no desenvolvimento da aprendizagem.
Q16	O professor costuma acompanhar mais detalhadamente o processo de aprendizagem daqueles alunos com dificuldade e desenvolve atividades mais específicas para que alcancem o nível esperado para a turma.
Q17	Dar suporte ao professor e ao coordenador pedagógico sempre que precisam.
Q18	No Magistério sim, mas as formações continuadas é que vão dando suporte e atualização necessária.
Q19	Sempre estamos aprendendo alguma coisa ou ensinando algo, compartilhar experiências com os colegas é uma prática muito importante.

QUADRO 12
RESPOSTAS DOS GESTORES

GESTOR 2 (G2)

Q1	Feminino
Q2	35 anos
Q3	Especialização
Q4	Há 13 anos atuo na educação, destes são apenas 3 anos na função de gestão.
Q5	Alfabetização é a sistematização para o ensino e aprimoramento da Língua falada, lida e escrita.
Q6	Espera-se um desenvolvimento sistemático das habilidades e competências nas práticas de linguagem, resultando no domínio da Língua em suas diversas situações de uso até o final do Ensino Fundamental 1, 5º ano.
Q7	Um ambiente alfabetizador deve ser composto por recursos objetivos e subjetivos que tragam pretextos e contextos para o uso e reflexão sobre a Língua. Especificando melhor: Recursos visuais e palpáveis como livros, revistas, letras móveis, cartazes, jogos, atividades diversificadas ; e recursos não palpáveis como gêneros orais e escritos, postura de leitor do professor como referência com incentivos, motivação, contextualização, criatividade, envolvimento e encantamento pelo mundo da leitura.
Q8	Parcialmente. Alguns alunos têm dificuldades de aprendizagem há vários anos e ainda não se conseguiu encontrar formas de ajudá-lo a desenvolver habilidades básicas em leitura e escrita.
Q9	Leitura pelo professor, coletiva e individual; Atividades impressas, jogos, sequências didáticas, formação de palavras, ditados e correções, produções de texto, abordagem e exploração de diversos gêneros.
Q10	Trabalhamos em séries e esta progressão se torna mais difícil por isto. Aprovar um aluno que não consolidou as habilidades do 1º para o 2º ano é aceitável pois o mesmo terá a oportunidade de desenvolvê-las, pois ainda está no ciclo de alfabetização inicial, mas quando o processo já está mais avançado por exemplo do 3º para o 4º ano e o aluno não consolidou as habilidades básicas de leitura e escrita, surgem as dúvidas. O fracasso escolar é o resultado do déficit de consolidação das etapas de ensino no tempo previsto. Portanto, penso que o Conselho de Classe para analisar os benefícios e os malefícios

	de uma progressão de série é imprescindível, uma vez que são questões bem específicas.
Q11	Sim. Todos os espaços de convivência humana refletem esta característica.
Q12	A heterogeneidade dos alunos é reflexo natural, social, cultural e genético da humanidade. Cada indivíduo é diferente do outro em sua interdimensionalidade e o nosso papel como propulsores do seu desenvolvimento é atendê-los para que desenvolvam as suas diferentes potencialidades.
Q13	Na gestão pedagógica costumo enfatizar a importância do monitoramento da aprendizagem, da observação e consideração dos níveis em que os alunos se encontram para planejar e propor estratégias e atividades mais incisivas diante das diversas necessidades dos estudantes, é um grande desafio para o professor gerenciar estes processos, uma vez que o currículo está posto, cabe ao professor realizar adaptação curricular para não deixar de garantir o direito do acesso ao mesmo pelo aluno e que o aluno consiga gradativamente acompanhar os objetos de conhecimento. É um verdadeiro trabalho de resgate da aprendizagem de alguns alunos que deve acontecer, nem todos os professores conseguem. Alguns se esforçam para fazê-lo. Outros nem tentam.
Q14	Cada professor apresenta um perfil, há heterogeneidade docente também. A maioria das práticas consiste no trabalho com a turma toda ou individual, poucos professores na escola realizam agrupamentos por níveis, o que na minha opinião profissional facilitaria as intervenções por níveis.
Q15	Geralmente são realizados ditados, produções de texto contextualizadas, análise e reflexão sobre a Língua, porém as correções das produções de texto deixam a desejar, não ocorrendo ou sendo feitas pelo professor e não analisadas pelos estudantes. Ocorrem também projetos de leitura com empréstimos de livros.
Q16	Estratégias diversificadas são práticas trabalhosas, desde o planejamento à execução. Percebo que a maior parte dos professores não quer sair da sua zona de conforto e acabam por não oportunizar diversas formas de aprender aos estudantes, acabam por não atingir aqueles alunos que mais precisam, uma vez que a repetição das mesmas aulas já se mostra insuficiente. Na maior parte das vezes os alunos com dificuldades são atendidos por parte da turma,

	com reforço quando há pessoal disponível ou são chamados por alguns minutos no birô para uma leitura individual ou para correção de atividade.
Q17	Tenho procurado estudar, ser presente, planejar junto aos docentes intervenções, oferecer apoio nas dificuldades, atuar em conjunto com os professores, realizar atendimento as famílias procurando conhecer melhor a realidade dos alunos para buscarmos caminhos para o sucesso dos mesmos.
Q18	Sim. O curso de pedagogia oferece subsídios necessários sobre o tema.
Q19	Sim. Através do compartilhamento de experiências e do diálogo construímos muitos saberes em relação à teoria e a prática.

QUADRO 13
RESPOSTAS DOS GESTORES

GESTOR 3 (G3)

Q1	Feminino
Q2	43 anos
Q3	Especialização
Q4	12 anos; 3 anos em função.
Q5	Alfabetizar é criar um ambiente alfabetizador que favoreça o diálogo e a troca de experiências, estimule o ouvir e o falar, pratique a ludicidade, interação e não pule etapas.
Q6	Espera-se que as vivências possibilitem às crianças a oportunidade de expressão e a valorização do conhecimento prévio a ser ampliado no espaço escolar.
Q7	Um ambiente onde a criança sinta-se à vontade para produzir e ver as suas produções expostas periodicamente. Longe da poluição de informações.
Q8	Sim. Em relação aos pontos que já citei.
Q9	Uso da ludicidade e trabalhos em grupo.
Q10	É interessante considerar o diagnóstico e monitoramento das aprendizagens. Observando o desempenho contínuo do estudante é possível decidir se ele pode progredir de série e continuar avançando.


Q11	O subjetivo humano é substancialmente diferente, e assim acontece com as mais variadas formas de aprendizagem levando em consideração os ritmos de cada um.
Q12	Refere-se às diferentes formas de aprender e de ensinar.
Q13	Sim, pois ao conhecer as diferenças, as dificuldades e as potencialidades é que se busca meios para resolvê-las. E o planejamento é fundamental para a organização de estratégias e metas.
Q14	Os agrupamentos acontecem quando necessário, praticando a aprendizagem colaborativa.
Q15	A prática da leitura e da escrita acontece de forma contextualizada, apoiando-se na ludicidade que as torna satisfatórias.
Q16	Para os alunos com dificuldades de aprendizagem é feito o trabalho de retomada de atividades e intervenções que tem como objetivo recuperar e ampliar o conhecimento.
Q17	Tento mostrar por meio de algumas sugestões que nenhuma dificuldade é capaz de impedir que a aprendizagem aconteça.
Q18	Sim. Alfabetização e letramento sempre foram o foco na minha licenciatura, bem como nas formações continuadas.
Q19	Sim. Ouvir e entender os anseios dos colegas e buscar contribuir faz parte do crescimento profissional enquanto docentes.



A Autora

NATÁLIA ROCHA CARVALHO

Possui Graduação em Pedagogia Plena pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2014), Especialização em Psicopedagogia Institucional pelo Centro de Ensino Superior Santa Cruz (2015), Especialização em Gestão Escolar pela Faculdade de Teologia Integrada (2018) e Mestrado em Ciências da Educação pela Universidad de Desarrollo sustentable , (PY, 2021) . É Professora da Prefeitura Municipal de Arcoverde, com atuação na área de formadora docente, Coordenadora escola e atualmente gestora escolar. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em alfabetização, coordenação e gestão escolar.






Editora
REALCONHECER

ISBN 978-658452582-5



9 786584 525825

